UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

ARI DA SILVA FONSECA FILHO

EDUCAÇÃO E TURISMO
Um estudo sobre a inserção do turismo no ensino fundamental e médio

SÃO PAULO
2007

ARI DA SILVA FONSECA FILHO

EDUCAÇÃO E TURISMO

Um estudo sobre a inserção do turismo no ensino fundamental e médio

Dissertação apresentada à Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Educação.

Área de Concentração: Didática, Teorias de Ensino e Práticas Escolares.

Orientadora: Profa. Dra. Nídia Nacib Pontuschka.

SÃO PAULO
2007

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

372 Fonseca Filho, Ari da Silva
F676e Educação e turismo: um estudo sobre a inserção do turismo
no ensino fundamental e médio / Ari da Silva Fonseca Filho;
orientação Nídia Nacib Pontuschka. São Paulo : s.n., 2007.
144p. : il + anexos ; figuras.

Dissertação (Mestrado) -- Faculdade de Educação da
Universidade de São Paulo.

1. - Turismo - Estudo e ensino 2. - Ensino fundamental 3. -
Ensino médio 4. - Fenomenologia 5. - Estâncias turísticas
I. - Pontuschka, Nídia Nacib, orient.

AGRADECIMENTOS

À Professora Doutora Nídia Nacib Pontuschka, pela orientação, apoio e incentivo em todos os momentos da pesquisa.

Aos doutores que passaram pela minha vida acadêmica e que hoje os tenho como referências do “tipo de educador que eu quero ser” (em ordem alfabética): Cláudia Guedes, José C. Fusari, Maria Helena Capelato, Maria Isabel de Almeida, Nídia N. Pontuschka e Nilson J. Machado.

Agradeço ao Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo pela oportunidade de realizar o curso de mestrado e de pesquisar o tema Turismo e Educação.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior pela concessão da bolsa de mestrado e pelo apoio financeiro para realização da pesquisa.

Aos meus pais Ari da Silva Fonseca e Maria Sueli de Fátima Bortoletto Fonseca, pelo apoio, carinho e força, mesmo que à distância.

Aos amigos queridos que me acompanharam nesses três anos de pesquisa (em ordem alfabética): Ana Cândida, Ângela Modesto, Alexander Freitas, Fernando Cabral, Giselle Viezzer, Glauber Foggi, Hellen Batista, Iara da Cunha, Lorena Cáceres, Márcio Junji, Márcia Juliana, Marineide Tajima, Marina Custódio, Matheus Diniz, Myriam Musa, Rodrigo Ramos, Rose Silva e Vera Campos.

Ao Fernando Cabral pela tradução e revisão do resumo para língua inglesa.

À Juliana que realizou a revisão da dissertação.

À Secretaria de Educação e Cultura da Prefeitura Municipal de Águas de São Pedro, em especial às docentes Dalva da Silva e Sônia M. Sant’ Andréa C. Neves, cujos relatos foram essenciais para a composição do trabalho. E aos meus ex-alunos e toda equipe da Escola Municipal de Ensino Fundamental e Médio de Águas de São Pedro.

À Academia de Viagens e Turismo - BR, representada pela Profa. Dra. Regina Araujo de Almeida, que atuou como Diretora Nacional de 1995 a 2005.

RESUMO

FONSECA FILHO, Ari da Silva. **Educação e turismo** – um estudo sobre a inserção do turismo no ensino fundamental e médio. 2007. 184 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

A presente dissertação foi elaborada com o intuito de obter respostas sobre a problemática do fenômeno da inserção do ensino do turismo na escola básica e quais são suas contribuições para a formação básica dos educandos. Assim, delimitou-se como objetivo geral elaborar um estudo sobre a inserção do ensino do turismo na escola básica. O trabalho foi aprofundado por meio de um estudo de caso, realizado no ano de 2004, na Escola Municipal de Ensino Fundamental e Médio de Águas de São Pedro (SP), em que o turismo integrava a parte diversificada dos currículos do Ensino Fundamental II e primeiro ano do Ensino Médio como disciplina. Os objetivos específicos delimitados foram: apresentar a fundamentação teórico-metodológica da pesquisa, embasada em autores e teóricos que direcionam seus estudos pela perspectiva cultural do turismo; e na Fenomenologia, sendo esta utilizada para descrever, interpretar e compreender o referido fenômeno estudado. Deste modo, com este trabalho, buscou-se contextualizar essa inserção do turismo como disciplina do currículo do ensino básico, apresentando um exemplo com o intuito de discutir o fenômeno a partir da descrição realizada por todos os sujeitos e objetos da pesquisa, cujo conhecimento é devido às experiências vividas comuns e capazes de nos aproximar da essência fenômeno em questão.

PALAVRAS – CHAVE: turismo; educação turística; Fenomenologia; escola básica; estância turística.

ABSTRACT

FONSECA FILHO, Ari da Silva. **Education and Tourism** - a study about the insertion of the tourism in the fundamental and high education. 2007. 184 f. Thesis (Master) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

The main objective of this dissertation was to obtain answers to the phenomenon of inserting Tourism in the schools and its contribution to pupils' educational development. Thus, the overall objective was to elaborate some research into Tourism within Basic School. This paper consists of a case study, in 2004, at Escola Municipal de Ensino Fundamental e Médio de Águas de São Pedro (SP – Brazil), in which Tourism was part of diversified curriculum within the Fundamental School II and part of the first year of High School as a compulsory subject. The focus was on: presenting theoretical and methodological bases for this research based on authors and specialists who directed their studies towards a more cultural perspective of Tourism; regarding Phenomenology, this latter was useful to describe, interpret and comprehend the phenomenon studied. Having said that, it is of utmost importance to contextualize the insertion of Tourism as a subject in the Fundamental School, whose main objective was to discuss such phenomenon from the description presented by the pupils who took part in this research and whose knowledge is due to their own common experiences as well as their ability to put us in contact with the essence of this phenomenon.

KEYWORDS: tourism; tourism education; Phenomenology; basic school; touristic area.

SUMÁRIO

MEMORIAL.....	9
INTRODUÇÃO.....	14
 CAPÍTULO I	
1. A construção do conhecimento turístico – reflexões iniciais.....	24
1.1. Educação Turística – múltiplos olhares sobre a educação em Turismo.....	30
1.2. Programas de educação para o turismo no âmbito da escola básica no Brasil.....	42
1.3. O fenômeno da inserção da educação em Turismo no Ensino Fundamental e Médio.....	48
 CAPÍTULO II	
2. Estudo de caso realizado na Escola Municipal de Ensino Fundamental e Médio de Águas de São Pedro (SP).....	60
2.1. A descrição do fenômeno.....	60
2.2. Águas de São Pedro (SP) – aspectos gerais do município.....	60
2.3. De estações às estâncias.....	75
2.4. A titulação concedida aos municípios considerados estâncias.....	78
2.5. A Educação Turística em Águas de São Pedro – O Caso da Escola Municipal.....	84

CAPÍTULO III

3. A interpretação e compreensão fenomenológica referente à inserção do ensino do turismo na Escola Básica.....	100
3.1. Municipalização do ensino e o currículo da educação básica de Águas de São Pedro.....	117
3.2. As contribuições da disciplina de turismo à formação dos educandos do ensino fundamental II e ensino médio.....	123
 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	132
REFERÊNCIAS.....	138
ANEXOS.....	144

MEMORIAL

Natural de São Pedro, interior do Estado de São Paulo, tive uma infância típica de cidade pequena. Brincadeiras de rua; jogos artesanais; contos e causos populares contados por pessoas idosas que viveram na roça. A presença do campo foi muito marcante nesta época, já que passava os finais de semana no sítio da família. Assim, à medida que eu crescia, a cidade tornava-se cada vez mais atrativa e me distanciava dessa origem.

Como tive minha infância nos anos oitenta, a mídia teve peso muito grande na minha percepção de mundo, fazendo com que eu almejasse um futuro além da minha realidade local. Gostava de jogos eletrônicos, desenhos animados, revistas em quadrinhos de super-heróis, sendo que isso me despertava o interesse pelo desenho e pela leitura.

Desde cedo, aprendi com minha mãe a sempre respeitar os professores e a gostar de estudar. Via os professores como exemplos de adultos que um dia eu queria ser, como modelos que eu deveria me espelhar. Assim, eu os reconhecia como pessoas que haviam estudado, cursado uma faculdade e que tinham a missão de nos revelar o mundo por meio do conhecimento. Hoje, percebo que esta era uma visão romantizada e não aplicável a todos os docentes que passaram pela minha vida escolar.

Estudei todo o ensino fundamental na escola pública estadual e, nesta época, tive a sorte de encontrar excelentes profissionais, cujas práticas docentes marcaram minha vida. Destacarei duas passagens que considero como as mais relevantes pois representam o marco decisivo da minha trajetória escolar e acadêmica.

O primeiro caso foi quando estava na quinta série do antigo primeiro grau (hoje, Ensino Fundamental), foi em uma aula de Geografia, cuja professora era vista como boa profissional pelos alunos, sendo que a confirmação desta reputação ocorreu no decorrer daquele ano letivo, pois percebia que sua prática oscilava entre uma prática tradicional, com seus questionários para as provas, e a prática inovadora em que ela relacionava questões sobre nossa cidade e sobre turismo. Assim passei a olhar com mais curiosidade para minha cidade e quis saber mais sobre o porquê do município ter o título de Estância Turística, pois cresci ouvindo sobre essa titulação mas não sabia ao certo do que se tratava, além disso, ouvia as constantes reclamações dos meus pais sobre a intensa presença de turistas na cidade, que encareciam o nosso custo de vida e tiravam nosso sossego.

Eu tinha o hábito de prestar mais atenção em outras localidades que eram apresentadas pela professora, e por conta de suas viagens pelo país, ela sempre trazia artigos para ilustrar as

aulas, como no dia em que ela nos levou um chimarrão para experimentarmos. Confesso que o gosto não foi do meu agrado, mas fingi que era bom para não “ofender os gaúchos”, como a docente havia nos ensinado.

O outro momento memorável foi dois anos depois, na sétima série, em outra escola pública, já quase na metade da década de noventa, quando outra professora de Geografia, com seus métodos tradicionais de ensino, com questionários e chamada oral, mas por mais tradicional que fosse a atuação da professora, gostávamos de suas aulas e ela sempre nos passava trabalhos interessantes para fazer. Lembro-me bem do dia em que ela pediu um trabalho que tinha como objetivo apresentar todo o continente americano, da América do Sul até a do Norte. Deveríamos apresentar a Geografia e a economia local e ilustrar o trabalho com revistas, jornais, vídeos, etc.

Pesquisando em revistas e jornais, encontrei num jornal, de grande circulação nacional, um caderno de Turismo e li uma matéria sobre uma viagem de trem no Canadá (América do Norte), em que o itinerário cruzava o país de oeste a leste. Achei muito interessante a matéria e foi então que eu decidi apresentar o Canadá a partir do relato dessa viagem. Em cada parada eu contava um pouco sobre a cidade, ressaltando a geografia local, história, cultura, economia e turismo.

Após essa apresentação tive a certeza de que era com isso que eu queria trabalhar. Nunca me interessei pelas carreiras profissionais tradicionais e comecei a pensar em uma que contemplasse o estudo da História, Geografia, Cultura e Turismo dos mais diversos lugares do mundo.

Contei para minha mãe que eu queria trabalhar com turismo e logo a família dizia que o que eu queria “ser quando crescesse” era turista! Em conversas de família sobre a minha futura profissão, minha mãe descobriu que eu tinha uma tia (por parte do meu pai) que morava em Santos e que havia feito uma graduação em Turismo nos anos oitenta.

Em contato com essa tia fui desencorajado, pois ela me disse que eu deveria cursar Letras para estudar inglês, já que a língua estrangeira seria de extrema importância para minha atuação profissional. Na época, eu não entendi o porquê dessa desvalorização de sua própria carreira, não convencido continuei a pesquisar sobre a profissão.

No Ensino Médio passei para a rede particular que era considerada como uma escola de ensino de qualidade, mas era muito cara para meus pais pagarem, só consegui me manter porque obtive uma bolsa de estudos pelo meu bom desempenho no exame de ingresso ao colégio.

Nesta nova escola, tive ótimos professores de diversas localidades do interior de São Paulo, da Capital e também tínhamos orientação profissional com uma psicóloga que me ajudou com maiores informações sobre Turismo. Cada vez mais eu tinha a certeza de que era isso que eu queria como profissão.

Preparei-me para os vestibulares e fui aprovado em duas Universidades Públicas, no Estado de São Paulo havia prestado apenas Geografia pela UNESP de Rio Claro, já que nesta Instituição não possuía, na época, o curso de Turismo. No Paraná passei em Turismo pela Universidade Estadual de Ponta Grossa, sendo esta a instituição que escolhi para estudar.

Com dezessete anos, fui para outro Estado para estudar no curso que tanto almejei. Distante quase setecentos quilômetros de casa, aprendi não apenas os conhecimentos relativos ao curso escolhido, mas também a viver longe da minha família, amigos, do meu espaço que me caracterizava como paulista e são-pedrense. O curso modificou o meu olhar sobre o mundo, passei a ser mais crítico, a valorizar e proteger os patrimônios culturais e naturais das cidades por onde passo e principalmente os da minha cidade de origem.

Logo no início da minha Graduação passei a me interessar pela docência e, por isso, no segundo ano de Faculdade, realizei um estágio no Colégio Estadual Regente Feijó, em Ponta Grossa – PR, o qual, na parte diversificada do currículo do Ensino Médio, oferecia a disciplina: *Turismo, Cultura e Urbanização*.

As atividades desenvolvidas no estágio foram, essencialmente, pesquisas bibliográficas e documentais sobre Turismo e monitoria nas aulas teóricas e práticas (trabalhos de campo). Com isso, verifiquei a relevância da participação de um agente com formação em turismo para democratizar os conhecimentos da área, com o intuito de apresentá-los como referências para estudos e reflexões críticas sobre turismo e facilitar o acesso dos professores às publicações específicas.

Desta experiência, novamente tive outra certeza: a de que queria atuar como professor de Turismo. Também “abracei” o compromisso de assessorar o trabalho dos professores que desenvolviam disciplinas de turismo no ensino fundamental e médio, nas escolas públicas estaduais de Ponta Grossa – PR, e desta forma atuei no sentido de diminuir a distância entre a Universidade e a Escola Pública.

Em 2001, elaborei um projeto para atender esta demanda, cujo desenvolvimento foi vinculado ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica / CNPq / Universidade Estadual de Ponta Grossa, sob a orientação de uma professora da área de Educação¹.

¹ Mariná Holzmann Ribas, Mestre e Doutora em Educação pela PUC - SP.

O projeto *Turismo e Educação – elementos para atuação no ensino fundamental e médio* teve como objetivo central assessorar os docentes das escolas estaduais de Ponta Grossa (PR) que estavam desenvolvendo disciplinas relacionadas com o turismo.

A experiência de um ano resultou em 2002 num curso de atualização para professores da escola básica, cujo tema foi: *O Turismo no ensino fundamental e médio – uma visão multidisciplinar do fenômeno turístico*. Contou com a colaboração de professores da Universidade Estadual de Ponta Grossa - PR para trabalhar temas de extrema relevância para a realidade local, tais como: Turismo e Economia, Turismo e Educação, Turismo e Patrimônio Cultural, Turismo e Museus, Turismo Rural e Ecoturismo. Realizou-se também um trabalho de campo para vivenciar um estudo do meio e a confecção de um “caderno de textos” que reuniu artigos elaborados pelos ministrantes responsáveis pelos seus respectivos temas, fornecendo aos docentes conteúdos teóricos e bibliografia específica.

Para concluir a graduação, no segundo semestre de 2002, vim a São Paulo para realizar o estágio obrigatório, no qual atuei como pesquisador pela Academia de Viagens e Turismo – BR (AVT-BR), um programa nacional que oferece cursos de Turismo, destinados aos jovens matriculados na rede pública de ensino fundamental e médio. Concluído o curso, entendi porque aquela minha tia havia me incentivado a buscar outra carreira, pois na época em que ela estudou Turismo na Faculdade a literatura específica era muito restrita, já que o curso superior em Turismo havia sido criado na década de setenta. Porém, no período em que estudei na Universidade, virada do século XX para o XXI, houve um crescimento muito grande em cursos superiores de Turismo, literaturas, pesquisas e na profissionalização do setor, garantindo maior credibilidade à profissão dos Bacharéis em Turismo.

Como profissional, continuei ligado a AVT – BR, mas em 2003, passei a coordenar o curso Aprendiz de Turismo destinado aos alunos da escola municipal da cidade de Águas de São Pedro – SP, onde lecionei a disciplina “Turismo e Cultura” pelo programa. O tema *Turismo e Geografia* foi trabalhado pela professora que já desenvolvia a disciplina de Turismo na escola, sendo a mesma professora que deu aula para mim na quinta série do antigo primeiro grau (experiência do chimarrão).

Neste mesmo ano, lecionava Turismo e Hotelaria numa escola de ensino profissionalizante, na cidade de São Paulo, assim, tive de dividir meu tempo entre a capital e o interior por dois anos consecutivos. Essa vida de professor turista (termo não utilizado de maneira pejorativa, mas por viver viajando para trabalhar), foi bem cansativa, mas aprendi muito com tudo que vivi. Ainda em 2003, visando dar continuidade a minha pesquisa na área de Turismo e Educação, direcionada à escola básica, tentei o Mestrado na Faculdade de

Educação da USP, no qual ingressei e iniciei meus estudos em 2004, na linha de Didática, Teorias de Ensino e Práticas Escolares, com a presente pesquisa que visa estudar a inserção do ensino do turismo no ensino fundamental e médio².

² Pesquisa orientada pela professora Dra. Nídia Nacib Pontuschka.

INTRODUÇÃO

A educação em turismo no Brasil surgiu com a oferta da educação profissional na área de turismo e hotelaria na década de 1950 e teve forte desenvolvimento nas regiões Sudeste e Sul do país, promovido, principalmente, pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial – SENAC. Esta instituição passou a ofertar cursos que atendiam à qualificação de quadros operacionais de base para hotéis e restaurantes (BRASIL, 2000).

Na década de 1970, surgem os primeiros cursos superiores em turismo, com destaque para o primeiro curso de Bacharelado em Turismo criado pela Faculdade de Turismo do Morumbi (hoje Anhembi-Morumbi), em São Paulo, no ano de 1971. Logo, em 1973, na cidade de São Paulo, outras instituições passaram a ofertar o curso como a Faculdade Ibero-Americana de Letras e Ciências Humanas e a Universidade de São Paulo, sendo que nessa época, no Brasil, havia uma expectativa e credibilidade sobre o turismo, identificando-o como um relevante elemento para auxiliar o desenvolvimento econômico (REJOWSKI, 1996).

A ascensão dessa formação profissional ocorreu efetivamente a partir da década de 1990, em que a área de viagens e turismo passou a se expandir com a ampliação de cursos superiores, havendo apenas um crescimento quantitativo, sendo que o nosso grande desafio da atualidade é elevar os padrões de qualidade (ANSARAH, 2002). Esta não deve apenas ser compreendida como melhoria na formação profissional, mas também nas produções bibliográficas que orientam estudos e pesquisas sobre Turismo e Hospitalidade.

O Turismo enquanto área de estudo está inserido no campo das Ciências Sociais Aplicadas, segundo a CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, porém é uma área do conhecimento que não pode ser considerada como uma ciência por ser recente o seu corpo teórico, cuja evolução só será possível se os estudos forem desenvolvidos como um capítulo das ciências sociais e não como um conhecimento autônomo (BOULLÓN, 1994).

Desta forma, a Organização Mundial do Turismo (OMT) aponta o turismo como uma área do conhecimento que se constitui como uma disciplina na fase inicial de seu desenvolvimento, cujos estudos se baseiam nas ciências sociais já consolidadas e, por isso, é caracterizado como multidisciplinar. As possibilidades de aproximação do fenômeno turístico por diferentes perspectivas como Psicologia, Antropologia, Direito, Economia, Educação, Geografia, História, etc., podem contribuir positivamente para as pesquisas em turismo,

porém, ao mesmo tempo, podem representar empecilhos para abordagens interdisciplinares, já que os pesquisadores trabalham dentro dos limites das disciplinas científicas tradicionais, ocasionando esforços intelectuais dispersos e fragmentados (OMT, 1995).

Deste modo, o pesquisador na área tem de considerar essa característica da multidisciplinaridade com o objetivo de superar o isolamento de sua investigação e também para que seja possível uma ação pedagógica interdisciplinar, capaz de estabelecer diálogos entre as diferentes disciplinas da área de humanidades e integrar a escola com a comunidade, articulando saber, conhecimento, vivência, meio ambiente com a escola e seu entorno (ASSMANN, 1998).

A inserção do turismo na escola básica é uma realidade que vem acontecendo em nosso país desde o início da década de 1990. A temática foi desenvolvida na educação formal, com o intuito de levar aos estudantes do ensino fundamental e médio, conhecimentos da área de turismo. Algumas ações governamentais foram realizadas visando promover o turismo nacional e despertar o interesse dos jovens pelo setor. A exemplo disso, temos alguns programas como o de *Iniciação Escolar para o Turismo*; o *Programa Embarque Nessa* e o *Programa Aprendiz de Turismo* da Academia de Viagens e Turismo – BR. Este último, até o ano de 2005, não possuía vínculos com o Governo Federal e, desde sua criação em 1993, tinha como proposta abranger todo o território nacional, difundindo os conhecimentos de turismo para os jovens de escola pública, no âmbito do ensino fundamental e médio³.

Além dessas propostas, existem outros programas oficiais de “Educação para o Turismo” ou de “Conscientização Turística”, que fazem parte do currículo de escolas de algumas localidades turísticas brasileiras que, muitas vezes, objetivam preparar os jovens para que estes recebam bem o turista, visando apenas o retorno financeiro que esta prática pode proporcionar (PORTUGUEZ, 2001).

Diferentes áreas do conhecimento foram instituídas no ensino fundamental e médio devido às novas possibilidades de diversificar os currículos propostos pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), e condizentes com o disposto no artigo 26 da Lei de Diretrizes e Bases (LDB), nº 9.394/96, pontuando que:

Os currículos do ensino fundamental e médio devem ter uma base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e estabelecimento escolar, por uma parte diversificada,

³ Todos os programas serão detalhados e discutidos no desenvolvimento do trabalho.

exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia [...] (BRASIL, 1998a, p. 57).

Essa possibilidade de se diversificar os currículos com temáticas regionais e locais permitiu aos municípios turísticos ou com interesses turísticos inserir o turismo como disciplina da escola básica, como é o caso do município de Águas de São Pedro, Estância Turística Hidromineral do interior paulista, cuja disciplina de turismo foi inserida no currículo do Ensino Fundamental II e Ensino Médio, da Escola Municipal de Ensino Fundamental e Médio de Águas de São Pedro – SP. A iniciativa foi da própria Prefeitura Municipal, que no ano de 1997, segundo informações obtidas com a professora que criou a disciplina, a inserção teve como objetivo incentivar os alunos a conhecer seus patrimônios culturais e turísticos locais, preparando a comunidade jovem para melhor atender os turistas.

O fato é que com essa inserção do ensino de turismo na escola básica, inicialmente identificamos que há duas preocupações fundamentais referentes a essa prática educativa, a primeira seria de preparar os jovens para bem receber e atender turistas, visando o lado profissional do turismo e a segunda, a de utilizar o turismo como elemento importante para ensinar sobre a cultura, patrimônios culturais, naturais e atrativos turísticos locais.

Devemos levar em consideração que muitas dessas propostas são elaboradas pelos próprios professores, com diferentes formações, fazendo com que direcionem metodologicamente para suas próprias atuações, ou seja, uma disciplina de Conscientização Turística ministrada por um único profissional, os conteúdos trabalhados são adaptados às experiências vivenciadas e aos conhecimentos relativos à formação docente (PORTUGUEZ, 2001).

Sem orientação específica na área de turismo, com pouca disponibilidade de tempo para pesquisas, poucas publicações que auxiliem o trabalho em sala de aula e dificuldades de acesso aos livros de Turismo - já que estes estão concentrados na Academia e o professor da escola básica está, muitas vezes, distanciado da Universidade – o docente acaba desestimulado, prejudicando o desenvolvimento do ensino do turismo.

Diante dessa realidade brevemente esboçada, preocupamo-nos em detalhar melhor a problemática de nosso trabalho levando em consideração alguns fatores que instigaram esta pesquisa, tais como a identificação da formação do professor que leciona Turismo na escola básica; as metodologias, referenciais teóricos e os temas adotados. Somente após esta pesquisa inicial é que podemos identificar os objetivos e finalidades que motivaram a inclusão do turismo no ensino, bem como se os conteúdos propostos são adequados à realidade dos

alunos. Em função de todos esses questionamentos a serem investigados, destaca-se como problemática maior a seguinte questão:

De que maneira a inserção do turismo como disciplina da parte diversificada do currículo do ensino fundamental e médio contribui para a formação geral dos educandos?

Tendo em vista a importância do envolvimento de todos os atores escolares no ensino-aprendizagem do turismo, deve-se destacar o papel do educador, pois é ele quem tem a visão ampla do acontecer cotidiano do processo educativo, a partir do conhecimento de suas dificuldades no que se diz respeito aos conhecimentos específicos do turismo, às condições de acesso a livros técnicos, aos materiais ilustrativos. Evidenciamos, então, a necessidade de referências norteadoras para o desenvolvimento de trabalhos pedagógicos com este tema emergente.

Desta forma, sendo esta presente produção inédita, acreditamos que ela também servirá como uma referência para implantação e/ou aprimoramento de disciplinas com tal temática, apresentando à escola básica uma nova concepção sobre turismo (que já vem sendo adotada em algumas Universidades e Faculdades), identificando-o não mais como uma atividade exclusivamente econômica e elitista, mas como uma prática social embasada na cultura.

Os conhecimentos de turismo, necessariamente, devem propiciar ao educando uma relação entre a teoria e a realidade em dimensão escalar - do local ao global e deste ao local, assim, promover uma reflexão sobre as duas faces da atividade turística que, por um lado, se bem planejada pode ser fonte geradora de divisas, incentivar e promover a preservação dos patrimônios culturais, benefícios sociais e, por outro lado, pode atuar na degradação de espaços paisagísticos, agravar conflitos étnicos, sociais, culturais e econômicos. Sem ignorar o contexto mundial em que existem desequilíbrios entre países pobres e ricos, havendo uma “[...] fratura social entre os mais favorecidos e os excluídos, no interior de cada país; uso descontrolado dos recursos naturais, provocando a rápida degradação do meio ambiente” (DELORS, 2002, p.45).

Efeitos estes que identificamos principalmente nos países mais pobres ou em desenvolvimento, seja pela falta de cuidados com o ambiente natural e cultural ou pela violência contra a própria população e os turistas estrangeiros.

A necessidade de se contextualizar a realidade do mundo atual é de grande relevância para que entendamos a relação teorização-práxis do turismo, ou seja, como afirma Moesch (2004, p.9):

[...] é preciso articular o sistema turístico como uma totalidade, na qual o papel do local na reestruturação do sistema econômico e do território tem consequências diretas sobre o desenvolvimento das atividades turísticas. Numa época de conflito entre o local e o global, também no desenvolvimento do turismo, as soluções devem passar, se não pelo global, pelo nacional e internacional regionalizado.

Assim, a atividade turística não é vista como uma ação isolada, mas contextualizada e entendida como uma prática social e, portanto, inclui as questões e fenômenos sociais. Não é porque o turismo é uma atividade praticada no período de tempo livre, de lazer que estará desconectado das questões sociais. E, por isso, o ensino do turismo não deve ser “romantizado” e apresentado apenas sob a óptica otimista, mas defendemos que este estudo deve ser desenvolvido de maneira mais crítica e reflexiva com o intuito de compreender de maneira mais complexa todos os impactos dessa atividade sobre o meio ambiente sócio-cultural e natural.

Autores contemporâneos do turismo têm manifestado em suas publicações reflexões sobre práticas nocivas que vêm ocorrendo em localidades turísticas, transformadas pela exploração do meio ambiente cultural e natural sem controle para atender exclusivamente às necessidades mercadológicas, eles questionam se há possibilidades da formação de um novo turismo.

O turismo é entendido como um fenômeno social que também é capaz de reproduzir e refletir sobre problemas da sociedade onde é praticado. Por meio da atividade, além de se conhecer os atrativos, “as belezas” e potenciais turísticos, é possível identificar reflexos da política econômica, das políticas públicas em educação, saúde, no setor trabalhista e na distribuição de renda. Barretto (2004, p.87) afirma que: “Outro turismo possível requer um outro modelo de sociedade possível, onde o ser humano seja mais importante do que a circulação do capital”.

Acreditamos na possibilidade de que um novo turismo é possível, em que ele seja desenvolvido – igualmente – em respeito ao ser humano e ao meio ambiente natural se distanciando de ações exploratórias para atender às necessidades impostas pelo mercado.

A contribuição de nosso trabalho para a constituição de um novo modelo que visualiza um “novo turismo possível” direciona-se para a educação, cujo poder transformador está na formação de jovens educandos responsáveis pelos patrimônios culturais e naturais, sensibilizando e conscientizando as comunidades em relação aos seus valores, tradições; resgatando e preservando a identidade cultural. Para tanto, faz-se necessário o entendimento

dos fatores que intervêm no processo sócio-político-pedagógico sobre a atual abordagem dada ao turismo no âmbito educacional e assim, estudar a relação entre educação e turismo para que seja possível a compreensão da problemática.

A intenção deste trabalho não é disponibilizar “receitas prontas” de como se deve ensinar turismo nas escolas, ou então produzir materiais didáticos que sirvam para atender os profissionais do ensino na preparação de aulas, aprofundamento de conteúdos e formação específica na área. Trata-se da construção de referenciais que resultem em incentivo para que os educadores percebam o turismo como um dos fenômenos significativos da atualidade, capaz de ser utilizado a favor da construção de uma formação humana, desenvolvendo uma educação para um mundo multicultural, conforme argumenta Stavenhagen (2002, p. 251) é:

Fazer despertar uma cultura cívica democrática fundada nos direitos da pessoa humana (sic.) e estimular, ao mesmo tempo, o respeito mútuo das culturas, na base do reconhecimento dos direitos coletivos de todos os povos do planeta, grandes ou pequenos, todos com os mesmos méritos.

Com isso, acreditamos que a educação para o turismo voltada para o ensino fundamental e médio pode ser trabalhada com o intuito de formar jovens preparados para um mundo multicultural, respeitando as diversidades entre as etnias do mundo e, ao mesmo tempo, os direitos e deveres dos cidadãos.

O presente trabalho tem como objetivo geral elaborar um estudo sobre a inserção do turismo como disciplina do currículo do Ensino Fundamental e Médio, buscando compreender as possíveis contribuições dessa temática para a formação básica e desenvolvimento cultural dos educandos a partir do estudo de caso que realizamos, no ano de 2004, com a Escola Municipal de Ensino Fundamental e Médio de Águas de São Pedro-SP. Sendo assim, esta pesquisa procura levantar elementos sócio-culturais e técnico-científicos, que proporcionem uma abordagem crítica e que estimulem a reflexão sobre as suas contribuições para a formação dos alunos. Para tanto, selecionamos os seguintes objetivos específicos que pretendemos:

- Apresentar a fundamentação teórico-metodológica da pesquisa, embasada em autores e teóricos que direcionam seus estudos pela perspectiva cultural do turismo; e as contribuições da Fenomenologia para o estudo do fenômeno da inserção do ensino do turismo na escola básica.

- Discutir fenomenologicamente esta inserção, utilizando como referência o Estudo de Caso desenvolvido com a Escola Municipal de Ensino Fundamental e Médio de Águas de São Pedro, que desenvolveu a disciplina de Turismo, de 1997 a 2004, na parte diversificada dos currículos do Ensino Fundamental II e do primeiro ano do Ensino Médio.
- Realizar a interpretação e a compreensão fenomenológica a partir da descrição do fenômeno estudado, visando à elaboração de um referencial teórico-metodológico que possa auxiliar propostas de educação turística no âmbito do ensino fundamental e médio.

A partir da percepção da realidade sobre a atual inserção do turismo na escola básica, estruturamos metodologicamente o trabalho com base na pesquisa qualitativa, tendo a seguinte concepção:

A abordagem qualitativa parte do fundamento de que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre o sujeito e o objeto, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito. (...) O sujeito-observador é parte integrante do processo de conhecimento e interpreta os fenômenos, atribuindo-lhes um significado. O objeto não é um dado inerte e neutro; está possuído de significados e relações que sujeitos concretos criam em suas ações (CHIZZOTTI, 1991, p.79).

Tendo em vista esta afirmação, buscaremos aprimorar as idéias dentro de um planejamento flexível, envolvendo levantamento bibliográfico, entrevistas com pessoas experientes em relação ao problema pesquisado.

A contextualização sobre a inserção do turismo como disciplina da Educação Básica, inserida nos currículos de algumas escolas do país, já destacada anteriormente, tem como referência inicial a análise dos Parâmetros Curriculares Nacionais e da Lei de Diretrizes e Bases, nº 9394/96, que possibilitaram a diversificação da educação com temáticas locais e emergentes. Esta Lei é instrumento regulador que possibilita a inserção de disciplinas diversificadas nos currículos, de acordo com necessidades e temáticas relevantes locais.

O tema turismo não é abordado nesses documentos, nem ao menos como tema transversal, assim, por meio deste trabalho, propomo-nos a levantar exemplos semelhantes à realidade pesquisada, tendo como ponto de partida a entrevista semi-estruturada com a diretora nacional da Academia de Viagens e Turismo - BR, que trabalhou com o ensino do turismo na escola básica de 1995 a 2005, sendo a pessoa-chave para nos auxiliar tanto no levantamento de cidades brasileiras que possuem o turismo inserido nos currículos da escola

básica, como para que possamos discutir o questionamento de caráter fenomenológico-existencial presente na problemática da pesquisa.

Este questionamento é fenomenológico-existencial porque estamos utilizando a fenomenologia de Merleau-Ponty para a fundamentação teórica e também porque o questionamento diz respeito às contribuições da educação em turismo para a formação dos educandos.

Vale destacar que a busca para contemplar o referido questionamento foi constituída, principalmente, a partir das percepções dos agentes educacionais que idealizaram e desenvolveram propostas de educação turística, pois os identificamos como sujeitos com discernimento e atuação passível de diagnosticar as mudanças e possíveis transformações proporcionadas pela educação.

Com o intuito de aprofundar nossas discussões sobre a temática, realizamos um estudo de caso com a Escola Municipal de Ensino Fundamental e Médio de Águas de São Pedro (SP). Desta forma, a fenomenologia nos auxiliou positivamente para fundamentar a pesquisa e constituir o caso estudado.

E por isso, ressaltamos que o estudo de caso será abordado, tendo em vista que:

O caso é tomado como unidade significativa do todo e, por isso, suficiente tanto para fundamentar um julgamento fidedigno quanto propor uma intervenção. É considerado também como um marco de referência de complexas condições socioculturais que envolvem uma situação e tanto retrata uma realidade quanto revela a multiplicidade de aspectos globais, presentes em uma dada situação (CHIZZOTTI, 1991, p. 102).

O estudo de caso é tomado como uma referência significativa para nos aprofundar no estudo deste fenômeno, em que foram consideradas as características locais do Município, da Instituição Escolar e de seus sujeitos, bem como a interação e o envolvimento do pesquisador no desvelar fenomenológico desta prática educacional.

No início do ano de 2004, ano de ingresso no Programa de Mestrado da FEUSP, iniciamos a pesquisa de campo para a coleta de dados e informações referentes ao estudo que nos propomos a elaborar, assim, formalizamos o contato apresentando a atual pesquisa de Mestrado à professora de turismo da escola municipal e para a então diretora, que também acumulava o cargo de Secretária de Educação e Cultura do Município de Águas de São Pedro. Tendo em vista que a atuação da professora tinha se iniciado no ano de 1997, delimitamos nossa pesquisa até o ano de 2004, último ano em que ela lecionou a disciplina de Turismo.

Iniciamos a pesquisa documental baseada na leitura da Lei de Diretrizes e Bases, dos Parâmetros Curriculares Nacionais da Educação e nos planos de curso do ensino fundamental e médio, fornecidos pela escola, com intuito de conhecer a disciplina de turismo e suas diferentes abordagens nas várias séries; os objetivos propostos; as metodologias; as referências bibliográficas utilizadas; as formas de avaliação; atividades em sala de aula e visitas técnicas ou saídas de campo.

Utilizaremos também para investigar o fenômeno as entrevistas, sendo estas consideradas como a principal técnica para o desenvolvimento de pesquisas qualitativas fenomenológicas. Por isso, optamos pela entrevista semi-estruturada, já que por meio desta podemos organizar os questionamentos a partir da problemática focada e por ter uma intencionalidade no questionamento de caráter existencial, para que os sujeitos relatem suas percepções de maneira subjetiva sobre o fenômeno pesquisado.

A coleta dos depoimentos de alunos foi realizada em novembro de 2005, um ano depois do término da disciplina que, no ano de 2004, só era trabalhada até o primeiro ano do Ensino Médio. O objetivo foi obter as falas dos sujeitos que passaram por todo o processo de educação turística, do primeiro ano do Ensino Fundamental II (antiga 5ª série do primeiro grau) até o primeiro ano do Ensino Médio para conhecer a disciplina de turismo e identificar as suas contribuições para a formação geral dos educandos. Porém, dentre os 25% de amostragem dos educandos que cursavam a disciplina de Turismo, optamos em analisar apenas 10 entrevistados por estes serem os únicos dos educandos respondentes que haviam passado por todos os cinco anos de ensino do turismo.

O questionário foi estruturado com questões que suscitavam respostas pessoais sobre a disciplina em análise, sendo iniciado por dados pessoais e a série em que o aluno estava matriculado; uma questão referente às séries em que o aluno havia estudado turismo (informação que nos auxiliou para delimitação da análise); outra referente à percepção do discente sobre a importância de se estudar turismo e uma última, que também foi aplicada com as docentes entrevistadas, sobre as contribuições do ensino do turismo para a formação dos educandos.

Com base em todos os dados e informações coletadas, apresentaremos no decorrer dos capítulos o nosso estudo sobre a inserção do turismo como disciplina da parte diversificada do currículo do ensino fundamental e médio.

Assim, a dissertação está estruturada em três capítulos e as considerações finais. No capítulo primeiro, apresentamos a teorização sobre as contribuições da fenomenologia para estruturação da pesquisa, bem como as concepções sobre educação em turismo e educação

turística, algumas experiências no âmbito nacional são apresentadas para discutir a nossa concepção de educação turística.

No segundo capítulo, elaboramos toda a descrição do fenômeno com base no relatório do estudo de caso elaborado no ano de 2004, com a disciplina de Turismo inserida nos currículos do Ensino Fundamental II e primeiro ano do Ensino Médio da escola Municipal de Águas de São Pedro – SP.

O terceiro capítulo discorre sobre a interpretação e a compreensão fenomenológica a partir do fenômeno descrito no capítulo anterior, bem como discutir a metodologia da disciplina de Turismo, objeto do Estudo de Caso, visando contribuir com a construção de um referencial teórico-metodológico que possa auxiliar em propostas de educação turística no âmbito do ensino fundamental e médio. Deste modo, a dissertação é finalizada com as considerações finais do trabalho em que retomamos a problemática e objetivos propostos com o intuito de responder aos questionamentos iniciais e enfatizar que todos os objetivos foram atendidos a partir do estudo de caso pesquisado.

1. A construção do conhecimento turístico – reflexões iniciais

As “nações industriais” (KRIPPENDORF, 2000) possuem a necessidade de trocarem os locais onde residem e trabalham, por outros que lhes proporcionem liberdade, lazer, felicidade, descanso e segurança. Em outras palavras, são os agentes responsáveis pela ascensão da atividade turística.

À medida que mais pessoas praticam turismo, também aumenta o interesse de outros em buscar uma formação capaz de atender a esta demanda, surgindo assim a necessidade de cursos que formem técnicos e também pesquisadores para atuar na área. Mas o Turismo é complexo e dinâmico cuja compreensão está além do campo técnico, pois seu estudo não fica apenas centrado em funções e cargos operacionais. Transcende para o campo humano já que o Turismo, atualmente, é entendido como um fenômeno social (RODRIGUES, 2002).

Este estudo sobre a temática turismo e educação visa à escola básica, mais especificamente ao âmbito do ensino fundamental e médio, já que o turismo é hoje mais um tema inserido na educação contemporânea, artifício possibilitado pelos Parâmetros Curriculares Nacionais e pela Lei de Diretrizes e Base, que garantem que o ensino fundamental e médio possua uma base curricular nacional comum, mas podendo desenvolver uma parte diversificada de acordo com os interesses e características regionais e locais de determinada sociedade. Assim, o Turismo foi incluído no ensino e transformado em uma nova disciplina – realidade que vem ocorrendo em cidades com interesses turísticos.

Nossa proposta está centrada nesta inclusão que visa realizar um estudo de caso no qual discutiremos os conteúdos, as teorias utilizadas, atividades desenvolvidas, metodologias adotadas pelo professor, bem como, as mudanças de valores e respeito dos alunos pelos patrimônios culturais locais, nacionais e mundiais.

Para tanto, é evidente a necessidade em se teorizar, inicialmente a construção do conhecimento do Turismo, para que se possa compor uma reflexão sobre a Epistemologia do Ensino do Turismo, já que esta ainda está por ser feita.

A variedade de conceitos na área de turismo é tão extensa que se formos fazer um levantamento das definições ao longo da história do turismo, podemos encontrar três tendências, como apresenta Beni (1998): definições econômicas, técnicas e holísticas.

O autor reconhece que o fenômeno turístico é complexo e praticamente impossível de expressá-lo corretamente; por isso, seu conhecimento é construído dentro das diferentes áreas

de estudo e correntes de pensamento. Sendo assim, como pensar e elaborar uma epistemologia do ensino do turismo?

A construção do conhecimento turístico ainda está num processo inicial de sua formação. Verificamos que ainda é freqüente a utilização de conceitos de órgãos oficiais e instituições de tradição no ensino do Turismo, tais como a Organização Mundial de Turismo - OMT, o Instituto Brasileiro de Turismo - EMBRATUR e o Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial - SENAC. Esses organismos destacam elementos como a necessidade de deslocamento para local distinto da residência habitual do indivíduo; o tempo de permanência (mais do que 24 horas e menos do que 180 dias); a não remuneração dentre outros fatores utilizados como limitantes e determinantes na conceituação. A qualidade das publicações também é questionável, já que muitas destas ficam restritas a meros dados estatísticos sobre movimentações e deslocamentos de pessoas ou geração de renda em destinos turísticos.

Referente ao entendimento do Turismo, consideramos dois importantes autores da área: Molina & Rodriguez (2001), que no livro: *Planejamento Integral do Turismo – um enfoque para América Latina*, evidenciam que as explicações de ordem econômica sempre foram marcantes na teoria do turismo, porém estas não dão mais conta da complexidade do fenômeno e, por isso, as conceituações de ordem cultural são as mais abrangentes e completas.

E para exemplificar essa idéia destacamos que o presente trabalho será desenvolvido a partir da seguinte afirmação:

[...] o turismo atual deve ser considerado basicamente como produto da cultura, no sentido amplo deste termo. Por isso, as explicações de caráter econômico que são utilizadas para compreender a transcendência do turismo são, evidentemente, insuficientes, ainda que significativas, porque não contemplam e tampouco consideram a diversidade de dimensões do fenômeno (MOLINA; RODRIGUEZ, 2001, p.9).

Com base nessa citação, destacamos aqui, que nossa pesquisa será elaborada a partir da perspectiva de conceber o turismo como produto da cultura, ou seja, a complexidade de seu entendimento é melhor contemplada pelo enfoque cultural e não apenas com explicações de caráter econômico como ao longo da evolução teórica do turismo foram feitas, já que estas definições são reducionistas e limitadas.

Afirmamos isso, como já destacamos anteriormente, pois o enfoque econômico preocupa-se apenas com estatísticas que indicam volumes de demandas e ofertas,

movimentações financeiras e geração de empregos nas destinações turísticas. Dados que são importantes para qualquer ação de planejamento turístico, mas não dão conta de uma compreensão mais ampla do fenômeno turístico.

Seguindo essa mesma linha, referente ao caráter cultural, temos a seguinte definição que vem a contribuir para exemplificar essa mudança conceitual do turismo:

[...] muito mais que uma indústria de serviços, é fenômeno com base cultural, com herança histórica, meio ambiente diverso, cartografia natural, relações sociais de hospitalidade, troca de informações interculturais. O somatório que esta dinâmica sócio-cultural gera parte de um fenômeno recheado de objetividade-subjetividade, que vem a ser consumido por milhões de pessoas (MOESCH, 2000, p.20).

A autora ainda utiliza um termo obsoleto como “indústria”, que deveria ser substituído por “prestação” de serviços, já que esta é uma das características da atividade turística e, portanto, pode ser diferenciada do termo indústria que passa a idéia de que a “indústria do turismo” produz de maneira seriada seguindo um determinado padrão, sendo que na realidade o produto turístico, por ser a somatória de serviços, infra-estruturas e equipamentos turísticos, não é produzido aos moldes das indústrias, é intangível e impossível de ser estocado.

Em contrapartida, a visão da autora demonstra uma nova tendência para as conceituações de Turismo voltadas para seu caráter humano, deixando para o passado sua natureza essencialmente econômica. Essas recentes definições de turismo indicam uma mudança positiva que considera o turismo como um fenômeno social.

O nosso enfoque de estudo é direcionado para o ensino do turismo na escola básica, mais especificamente para o ensino fundamental e médio, abordar o turismo sob a óptica cultural é tarefa que vai além da preocupação em se efetivar o seu entendimento, mas também de dialogar com outras áreas tradicionais do conhecimento (História, Geografia, Artes, Ciências, Biologia e outras), ampliando a percepção de mundo dos educandos e oferecendo novos conhecimentos a serem agregados em sua formação básica.

Moesch (2000), com o livro *A produção do saber turístico*, inova entre os estudiosos brasileiros ao discutir o tema da epistemologia do turismo, destacando que até então a área vem sendo estudada a partir da perspectiva econômica, pragmática e consumista. A autora argumenta que a produção do conhecimento do turismo está apenas no “saber fazer”, distante do “fazer saber” que é a base das ciências sociais, e complementa que a academia não está integrada e não partilha dos conceitos epistemológicos existentes, gerando uma confusão de terminologias que dificultam na elaboração e evolução teórica das pesquisas em turismo. Ela

ainda direciona suas reflexões a partir de uma reflexão sociológica, vendo o turismo como prática social com seus alicerces na cultura. Enfatizamos, portanto, que nossa pesquisa será elaborada tendo como mote este pensamento.

Panosso Netto (2003), evidencia que a construção de uma epistemologia do turismo deveria ser feita por meio de uma teoria capaz de articular as múltiplas facetas do turismo, e que abrangesse desde práticas operacionais – como a hotelaria, eventos, agenciamento, transportes e outros – como também as disciplinas que discutem questões de aspectos sociais, culturais, psicológicos, econômicos, o planejamento turístico, educação patrimonial, ambiental, sociologia e psicologia do turismo.

O autor estabelece em seu estudo problematizações que limitam a criação de uma epistemologia do turismo, tais como: a diversidade de formações dos pesquisadores do turismo (oriundos das mais diferentes áreas das ciências humanas) que olham o fenômeno apenas do ponto de vista de sua formação acadêmica, ocasionando limitações na interpretação e parcialidade no conhecimento produzido; evidencia a necessidade de articulação entre turismo e filosofia, pois segundo o autor, esta última considera o turismo insignificante e por isso há dificuldade de se constituir uma “ciência turística”. Ele ainda sugere que para se “fazer” uma epistemologia do turismo, deve-se questionar a luz da razão de determinada pesquisa, não apenas pelos resultados demonstráveis, mas principalmente pelas bases teóricas que fundamentam a criação da metodologia que foi aplicada no referido estudo. Baseia-se em Tribe (1997), para afirmar sobre a fundamental importância da epistemologia aplicada ao estudo do turismo, já que esta promove uma revisão sistemática do que é legítimo no conhecimento do turismo e porque não há concordância sobre o “mapa” ou os limites dos estudos turísticos, e a epistemologia pode ajudar para que os limites sejam estabelecidos (PANOSSO NETTO, 2003).

Assim sendo, a criação de uma epistemologia do turismo constituiria na delimitação do conhecimento turístico num mapa, onde se explicitaria na rede de significações o que é relevante para o seu entendimento. Fazer a escolha correta da escala, tendo a capacidade de sintetizar e, didaticamente, definir o que se deve ser compreendido (MACHADO, 2000). Com a epistemologia se buscaria verificar o que é válido no conhecimento do fenômeno turístico para que possamos entender a sua razão de ser e para nos aproximarmos de sua essência.

Se esta discussão ainda não chegou a um acordo comum no meio acadêmico, mais complexa ela fica se pensarmos no ensino do turismo na escola básica, já que as publicações atuais contemplam em especial o ensino técnico e superior.

A idéia de se estruturar um mapa de relevância é bastante apropriada para que possamos delimitar e estabelecer quais conteúdos devem ser abordados no ensino fundamental e médio. Para tanto, devemos levar em consideração que os conteúdos devem ser construídos a partir da realidade dos educandos e projetados para atender as carências na formação dos mesmos e assim trabalhar os conhecimentos da área com o intuito de que haja uma compreensão da atividade e que esta esteja relacionada com as demais disciplinas, explorando o caráter multidisciplinar do turismo.

Ansarah (2002, p.23) afirma que:

A educação em turismo deve estar direcionada para uma reflexão multidisciplinar e para o trabalho em equipe, contemplando contextos multiculturais em que a criatividade combine o saber tradicional ou local e o conhecimento aplicado da ciência avançada e da tecnologia.

Com isso, devido a esse caráter multidisciplinar, acreditamos que a educação em turismo pode ser desenvolvida de maneira que possa abordar assuntos como cidadania, alteridade, sociabilidade, cultura, educação ambiental e patrimonial; que destacamos como relevantes para a formação dos educandos e que, muitas vezes, devido ao tempo limitado e à necessidade de cumprir os conteúdos programáticos das disciplinas tradicionais, esses temas são pouco destacados.

Machado (2000, p. 43), afirma que os projetos e valores são ingredientes fundamentais para a educação e que esta deve ser direcionada para a formação de cidadãos, assim destaca que:

Educar para a cidadania significa prover os indivíduos de instrumentos para a plena realização desta participação motivada e competente, desta simbiose entre interesses pessoais e sociais, desta disposição para sentir em si as dores do mundo.

Em outras palavras, educar visando formar cidadãos críticos e participativos é uma maneira de envolver os jovens nos acontecimentos cotidianos, para que os mesmos tenham uma postura ativa e engajada sobre as questões sociais.

A educação turística vem a somar com esse movimento, já que por meio desta apresentamos a importância de se preservar valores referentes à cultura e ao meio ambiente natural. Defendemos uma educação turística preocupada com a formação dos jovens, visando

fornecer conhecimentos que agreguem e, conseqüentemente, complementem a formação básica dos educandos.

E, por isso, discutimos a necessidade de se estabelecer uma epistemologia do turismo, por considerarmos esta como um grande avanço para nos aproximarmos de uma “ciência turística”, com a formação de um corpus teórico sólido capaz de auxiliar na evolução de teorias, constituição de novas e ainda sustentar o ensino de qualidade do turismo nos diversos âmbitos da educação.

Com isso, a idéia de se educar para o turismo no âmbito da escola básica não está centrada só na formação de jovens profissionais do turismo, mas enfatizamos que o ensino do turismo pode ser uma prática pedagógica direcionada para complementar a formação dos educandos, visando o preparo destes para um mundo multicultural e globalizado.

1. 1. Educação Turística – múltiplos olhares sobre a educação em Turismo

A literatura específica sobre a educação turística ainda é muito restrita, principalmente se formos pesquisar sobre a temática desenvolvida na educação formal, no âmbito do ensino fundamental e médio, como é a nossa proposta de pesquisa.

Com o intuito de nos aproximarmos de uma teoria sobre a educação turística, para embasar o nosso estudo de caso, consideramos alguns trabalhos de autores e instituições que mencionam o ensino do turismo. Dentre estes, podemos perceber que a educação para o turismo é discutida tendo em vista a preocupação com os impactos do turismo sobre o meio ambiente natural, sócio-cultural, sobre a economia e também para tecer discursos em prol da profissionalização da área.

Assim, notamos que grande parte da produção teórica está direcionada para o ensino superior ou profissionalizante como faz a Organização Mundial do Turismo (1995), com a obra *Educando educadores em turismo*, propõe-se a orientar a atuação dos educadores no ensino do turismo, apresentando o setor de turismo e como deve ser desenvolvida essa educação, tendo como objetivo a qualidade da educação para o turismo nos campos da educação técnica e superior, formando profissionais para atuar no mercado.

A área de Turismo e Hospitalidade é definida pelas Referências Curriculares Nacionais da Educação Profissional de Nível Técnico como sendo a hotelaria, restauração e turismo, gastronomia, turismo de negócios e eventos, lazer e recreação, viagens, “trade” turístico (BRASIL, 2000). O referido documento faz uma grande mistura de elementos que representam a área do turismo, apontando suas segmentações de mercado, tendências marcantes da contemporaneidade como o caso do turismo de negócios e eventos. Relaciona a área de restauração, como se fosse uma grande atuação no setor de turismo, porém é uma especificidade que poucos cursos atendem, e, geralmente, existem cursos específicos de restauro que dão conta dessa atuação. A proposta deveria ser mais generalista e definir como área correlacionada, patrimônio cultural, em que o restauro é uma atividade essencial para preservação e conservação de bens culturais.

O âmbito destacado, ensino técnico e profissionalizante, é direcionado para o mercado de trabalho, cujos egressos desses cursos ocuparão cargos operacionais do mercado turístico, por isso, como exigências profissionais destacam a mobilidade; disponibilidade; adaptabilidade; capacidade de comunicação; integração em equipe e animação (BRASIL, 2000).

Em virtude da crescente oferta de cursos superiores de turismo no Brasil, houve interesse por parte do mercado editorial e de autores da área, em publicar livros e textos relacionados com a questão da profissionalização do turismo e da formação no âmbito do Ensino Superior, dentre estes os que mais se destacam são: Trigo (1999); Rejowski (2001); Ansarah (2002).

O primeiro autor, com o texto *A importância da educação para o turismo*, faz uma retrospectiva do desenvolvimento de estudos organizados do turismo no Brasil, discute a carreira recente e o perfil profissional da área do turismo, em especial o de formação no ensino superior, além de problematizar a área educacional e a qualidade dos cursos superiores em turismo.

Rejowski (2001), direciona seus estudos para a temática da pesquisa e produção científica em turismo no Brasil, afirmando que a evolução teórica na área está estritamente ligada à pesquisa científica elaborada no ensino superior em Turismo. No livro *Turismo – interfaces, desafios e incertezas*, cuja organização é da referida autora em parceria com Barretto, lança um artigo que atualiza suas produções sobre o ensino de graduação em turismo de 1970 a 2000.

Outra autora que segue a mesma linha é Ansarah (2002), com o livro *Formação e capacitação do profissional em turismo e hotelaria*, propõe-se a discursar sobre a educação no setor turístico, em especial a do ensino superior, devido à crescente oferta de cursos abertos em várias regiões brasileiras, propondo-se a estabelecer uma reflexão sobre a educação e a formação de bacharéis e tecnólogos em turismo e hotelaria.

Fica claro então que esses autores estão direcionando a questão da educação para o turismo destinada ao ensino profissionalizante e superior, vislumbrando uma seriedade em pesquisas, planejamentos e desenvolvimento do turismo no Brasil, porém não encontramos entre eles referência alguma à escola básica, passando a idéia de que esta fica alheia ao processo de desenvolvimento turístico.

Fúster (1991), cuja primeira publicação de seu livro *Introducción a la teoría y técnica del turismo* foi em 1975, ao se referir ao ensino do turismo considera duas possíveis práticas: a de formação profissional para atender a crescente oferta de postos de trabalho no setor de viagens e turismo (educação esta proporcionada pelo ensino profissionalizante e superior); e o ensino do turismo como uma prática educativa que pode influenciar positivamente na formação da personalidade do indivíduo, que não pretende formar profissionais e sim proporcionar aos alunos uma compreensão do fenômeno turístico e atitudes responsáveis frente a ele.

Este ensino pode se iniciar na formação escolar em seu grau mais elementar, por meio de aulas sobre a matéria e cartilhas escolares turísticas (que consideramos como educação formal), até mesmo ser desenvolvido para formação de uma consciência turística e cidadã veiculadas (por meio da educação não-formal) em campanhas de rádio, imprensa escrita e televisiva, etc (FÚSTER, 1991).

Nesta segunda consideração, podemos identificar que há uma menção a uma educação turística a ser difundida em municípios, em que o turismo já se encontra consolidado ou em desenvolvimento, com o objetivo de informar e formar consciências cidadãs e turísticas, porém a proposta não foi desenvolvida pelo autor e detalhada mais profundamente para que pudéssemos discutir em nosso trabalho.

Outra manifestação sobre educação para o turismo é referente ao discurso centrado no bojo da educação ambiental, ou seja, com a preocupação sobre os impactos negativos da atividade turística em áreas naturais, com este objetivo são criados programas não-formais de educação ambiental como forma de educar turistas e os autóctones como forma de salvaguardar os recursos naturais, físicos e turísticos de determinada localidade (RUSCHMANN, 1997). A educação para o turismo defendida pela autora, seria uma forma de se auxiliar e garantir o sucesso de um planejamento turístico sustentável, formando uma consciência turística junto aos moradores locais e turistas, tornando-os responsáveis por uma atividade turística controlada e de baixo impacto ao meio ambiente natural e à cultura local.

Tendo o mesmo enfoque de análise de uma educação para o turismo que tem a finalidade de formar turistas e autóctones responsáveis pelo meio ambiente natural e cultural, identificamos no trabalho de Krippendorf (2000), no livro *Sociologia do Turismo*, o autor discute o papel da atividade turística em tempos de uma sociedade industrial, tecnológica, marcada pelo consumismo, inclusive o consumo por turismo. Em meio a muitas críticas sobre os impactos negativos das viagens, o autor esboça a teoria de um turismo mais humano, que é uma prática que visa humanizar as viagens por meio da ação de se viajar conscientemente. Para tal feito é necessário que haja uma modificação nas consciências e comportamentos dos turistas e autóctones. Deve-se conciliar as necessidades e os interesses dos turistas e da população local, sendo que esta, por ser a anfitriã, tem de ser atendida prioritariamente, desse modo:

Os habitantes das regiões turísticas mostrariam prudência se tomassem mais consciência de seu próprio valor e se permitissem aos turistas maior acesso às riquezas da própria cultura (Krippendorf, 2000, p.158).

Esse pensamento deixa claro que a população anfitriã deve ser envolvida no processo de desenvolvimento turístico, a esta fica incumbida a tarefa de se profissionalizar para atuar no mercado turístico, bem como ofertar um produto turístico com identidade, autenticidade, que seja valorizado pelos autóctones e para que estes sejam capazes de promover comportamentos responsáveis que servirão de exemplo aos turistas que visitam a localidade. O autor também inova ao levantar a tese para esboçar um turismo humano e descrever como seria a Escola do Turismo Humano, cuja finalidade estaria em fomentar práticas honestas e responsáveis sobre planejamento, organização e comercialização de viagens. Os sujeitos responsáveis pelo turismo deveriam receber uma formação humanística que difunde informações coerentes sobre destinos turísticos, para respeitar às populações locais e o meio ambiente. Em outras palavras: “os cursos de turismo são por demais especializados no momento. Caberia conferir aos mesmos uma nova dimensão: a de uma ética do turismo” (Ibid., p.176).

Essa prática estaria centrada no ser humano e no meio ambiente, sem que haja sobreposição entre ambos. Os cursos de formação na área baseiam-se exclusivamente no saber-fazer manual, técnico e comercial, características estas que limitam a formação humana por formar especialistas. Assim,

Conceder ao turismo uma face mais humana é despertar e explorar plenamente o enorme potencial que permanece adormecido em cada indivíduo. Essa tarefa, extremamente útil mas ao mesmo tempo difícil de colocar em prática, é da alçada de uma animação bem compreendida, isto é, definida como uma educação para a viagem (Ibid., p.177).

Esse autor acredita que por meio dessa educação para a viagem o turista terá contato com sua personalidade, com outros turistas e estabelecerá relações com os habitantes e localidade receptora. A contribuição desse trabalho à nossa proposta é a de que a concepção de educação turística não está limitada aos municípios, ou seja, a prática de se educar para a viagem é destinada tanto para os autóctones, que devem conhecer os impactos negativos do turismo, quanto para os turistas que devem se preparar e se educar para a viagem.

O ser humano não recebe educação relativa à prática do turismo, ou seja, não há um aprendizado que ensine a viajar e, por isso, este fato é identificado como uma grave lacuna “responsável pelos inúmeros erros de comportamento que cometemos nas férias, assim como nossas decepções e incapacidades de desfrutar plenamente da viagem” (Krippendorf, 2000, p.182).

Os erros de comportamento são ocasionados pela falta de conhecimentos prévios sobre as características do local e da população visitados, sendo esta muitas vezes vista pelo turista como meros empregados. Essa idéia do autor não é a de transformar a viagem numa grande escola, mas as férias podem ser um processo de aprendizagem, ou seja, ao realizar uma viagem a turismo, o contato com um distinto universo cultural pode servir como uma fonte rica para aprendizagem. A cidade, ou uma localidade qualquer acaba proporcionando conhecimentos de modo indireto, sem que se tenha a educação como propósito da viagem.

Cabe ainda destacarmos que na parte final do trabalho do referido autor, ele propõe uma campanha intitulada: “Aprender a viajar”, proposta esta a ser vinculada nas escolas, principalmente nas de ensino público, da escola primária até à Universidade. O objetivo é o de tornar o aluno apto para ser turista e com isso:

[...] aprenderá a olhar, a compreender e a respeitar a natureza e o modo de vida do próximo. Com a Geografia e a História, descobrirá o espaço e o palco dos acontecimentos. Deverá iniciar-se com pequenas viagens, a fim de inculcar no aluno a noção do espaço e do tempo, e despertar seu interesse pela ecologia, pela biologia e muitas outras áreas do conhecimento (Ibid., p.183).

Aprendizado de línguas estrangeiras, economia, sociologia e cultura de regiões emissivas e receptivas de turistas também deverão compor esta educação. Sendo assim, o autor acredita que se iniciar esta prática educativa desde a infância para o exercício do papel de turista, haverá um progresso dessa civilização das férias e das viagens. E para maior alcance e conseqüente sucesso dessa campanha, discute a inserção dessa educação para as viagens em instituições de ensino permanentes, nas igrejas, partidos políticos, sindicatos, mídia, organismos oficiais de turismo, setores comerciais, prestadores de serviços turísticos, dentre outros.

Tendo em vista as considerações anteriores, podemos afirmar que a relação entre o turismo e a educação é muito próxima, segundo Azevedo (1997), esta afirmação é comprovada se considerarmos a respeito desta relação fatores como a interdisciplinaridade que está presente nas duas áreas; por haver no turismo uma correlação entre o espaço, a cultura e a educação; pelo turismo apropriar-se da educação ambiental, servindo esta como uma prática passível de ser aplicada em áreas turísticas ou com potencial turístico; e pelo turismo ser uma atividade de constante aprendizagem, podendo ser caracterizada como um “processo essencialmente pedagógico. Seja na percepção de outras realidades e diferentes estilos de vida, na utilização do tempo ocioso; na preservação de bens; (...)” (Ibid., p.147).

A colocação da autora que apresenta o turismo como uma forma de aprendizagem é plausível, pois ao visitar uma localidade o educando estabelece contato com uma nova realidade, cultura, geografia, história que serão conhecimentos assimilados pelas vivências proporcionadas pela viagem, contribuindo desta forma para a ampliação de seu universo cultural e percepção de mundo.

Nessa mesma linha, os autores Andriolo & Faustino (1997) esboçam uma simplificada definição de turismo pedagógico, sendo este compreendido pelos autores como aquele que serve às escolas em suas atividades educativas que envolvem as viagens, cuja finalidade é o conhecimento, mesmo que nesta prática haja momentos de lazer. Com esta prática torna-se possível estimular nos estudantes uma sensibilização, compreensão e respeito pelos monumentos e patrimônios culturais.

Especificamente sobre o ensino do turismo destinado à escola básica, encontramos o trabalho do geógrafo Portuguesez (2001), com seu livro *Consumo e espaço – turismo, lazer e outros temas*, que dedica dois breves capítulos ao turismo como conteúdo da educação escolar, ou seja, trata da inserção do turismo como conteúdo para o ensino fundamental e médio⁴.

Devido a sua formação em Geografia, ele analisa a inserção do turismo sob a óptica desta disciplina, entendendo o turismo como um conteúdo a ser trabalhado em sala de aula como um tema transversal. Afirma que os Geógrafos educadores ainda estão despreparados para desenvolver um trabalho crítico “das repercussões socioespaciais do turismo” (PORTUGUEZ, 2001, p.115). E complementa argüindo que os livros didáticos e paradidáticos de Geografia disponíveis no mercado brasileiro ignoram o fato do turismo ser elemento (re) produtor de espaço, porém, hoje já encontramos livros didáticos de Geografia que possuem conteúdos de turismo⁵.

Na última parte de seu texto, destaca a abordagem do turismo pela educação escolar em tempos de transversalidade curricular e a possibilidade de trabalhar tal temática no ensino. Diante de tais argumentações, o autor elaborou um estudo de caso com um grupo de professores de Geografia que ainda possuíam vínculo com a graduação em Geografia na Universidade Federal do Espírito Santo. O estudo consiste basicamente na aplicação de questionários para levantar alguns pontos com a intenção de estimular discussões acerca da abordagem feita nas escolas sobre o fenômeno turístico, cuja produção está mais preocupada

⁴ Esses dois capítulos que o autor insere no referido livro são artigos apresentados por ele na mesa-redonda *O turismo no ensino fundamental e médio*, durante o I Encontro de Turismo com Base Local, em 1997.

⁵ Alguns desses livros serão apresentados nos capítulos II e III.

em criticar de modo negativo a inserção do turismo na educação básica, do que propor alternativas para esta realidade presente em algumas escolas brasileiras.

Como nossa preocupação é de estudar o fenômeno da inserção do ensino do turismo na escola básica, fica aqui expressa a necessidade de se conceituar a Educação Turística, que pode ser compreendida como um processo educativo cuja finalidade é de difundir conhecimentos sobre a atividade turística em cidades turísticas ou com potencial turístico. Visa atender munícipes e turistas, sendo que no primeiro caso ela pode ser realizada estrategicamente pela:

- Educação formal: turismo desenvolvido de forma institucionalizada, inserido como um tema transversal ou disciplina da Escola Básica (Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio); ou como curso regular do Ensino Profissionalizante e Ensino Superior (Bacharelado e Tecnológicos).
- Educação não-formal: por meio de palestras, encontros, cursos livres, propagandas, semanas promovidas por empresas de turismo, prefeituras, organizações não-governamentais, associações comerciais, veículos de comunicação, igreja, dentre outros; com a preocupação de informar e preparar a população para o turismo;
- Educação Informal: aquela realizada pela leitura, participação, observação e influências do cotidiano turístico, mudanças de atitudes na convivência com o fenômeno turístico.

O objetivo central da educação turística é educar os munícipes e turistas para o desenvolvimento sustentável do turismo⁶, contribuindo para que todos desenvolvam comportamentos responsáveis e coerentes diante da atividade turística. Ela não objetiva apenas formar pessoas que recebam bem turistas, mas também cidadãos que valorizem e protejam os patrimônios culturais e naturais da localidade.

Enfatizamos que os benefícios dessa educação são múltiplos para a população residente e para os turistas, pois ambos ganham mais conhecimentos sobre a cidade, geografia, história, cultura e turismo locais; diversificam-se os empregos e novos são gerados; envolve mais a comunidade na atividade turística. Os turistas que visitam a localidade

⁶ Referente ao desenvolvimento sustentável do turismo, Ruschmann (1997) explica que é uma prática que busca conciliar o equilíbrio entre interesses econômicos promovidos pelo turismo e o desenvolvimento da atividade responsável que preserve o meio ambiente. Seus objetivos são considerar a gestão de todos os ambientes, os recursos, as comunidades autóctones; atender necessidades econômicas, sociais, vivenciais e estéticas, visando garantir a integridade cultural e ecológica para o futuro.

recebem atendimento de qualidade pelos serviços prestados; têm acesso a mais conhecimentos sobre a cultura, história e geografia local; respeitam e valorizam a localidade por seguir os exemplos dos cidadãos.

De acordo com as formas de promoção dessa educação turística na comunidade, seja pela educação formal, não-formal ou informal, podemos acrescentar outros objetivos mais específicos, tais como formar mão-de-obra especializada, planejadores turísticos, multiplicadores locais, monitores, guias, com o intuito de envolver a comunidade no processo de desenvolvimento do turismo.

Segundo Rebelo (1998), a ação de promover a Educação Turística deve partir dos municípios para gerar:

Tal estado de educação nos municípios a ponto de não só pensarem a respeito do turismo no município, mas sentirem-se tanto agentes como sujeitos do seu desenvolvimento turístico e mais, de agirem com a maior eficiência possível em função da complexidade de seus pensamentos (conhecimentos) e de quanto internalizaram a questão da educação turística, rumo à caracterização de novos valores ou mudança de vida (Ibid., p.9).

O munícipe estará educado “turisticamente” quando seus pensamentos, sentimentos e atitudes estiverem conectados com a realidade ou clima local, ou seja, a autora afirma que o clima local pode ser influenciado pelo aspecto psicológico porque as vivências e comportamentos dos autóctones estão sujeitos às mudanças promovidas pelo turismo; pelo aspecto sócio-cultural nas relações, observações no cotidiano turístico, a presença de diversos grupos culturais; pelo aspecto econômico porque a atividade turística pode gerar serviços e estes são condicionados pelo desenvolvimento turístico da localidade; e por fim, pelo aspecto ambiental, já que a preservação do meio ambiente cultural e natural é atrativo para o turismo.

Referente aos aspectos econômicos do turismo, a educação turística em municípios turísticos ou com potencial turístico é de extrema importância, devido ao crescimento de municípios que dependem parcialmente ou completamente do turismo como atividade econômica geradora de renda. Rebelo (1998, p. 15) argumenta que os municípios que:

Dependem exclusivamente do período sazonal da atividade turística, chega a ser senso comum trabalhar três meses para viver o resto do ano, gerando consequências de exploração, marginalização, prostituição, invasão, privação de liberdade, rejeição, imperialismo, subserviência e transladação cultural. São efeitos conjunturais da atividade turística denominados de impactos.

E diante desses impactos negativos que a atividade turística pode acarretar ao município, justificamos a necessidade de se desenvolver a educação turística no sentido de informar e envolver os autóctones no processo de desenvolvimento turístico, seja na proteção / preservação do patrimônio cultural local ou mesmo na oferta de cursos que visem à profissionalização da comunidade para atender turistas. Ressaltamos que o nosso estudo é sobre a Educação Turística institucionalizada, inserida na educação formal, mais especificamente no ensino fundamental e médio.

A autora afirma que esta inserção pode ocorrer no âmbito do ensino fundamental, desenvolvida como atividade ou inserida nas áreas de estudo e como disciplina de introdução ao turismo. No ensino médio pode ser trabalhada como disciplina ou curso profissionalizante, pós-médio. Com isso,

A educação formal tem possibilidade de formar consciências turísticas, mão-de-obra para serviços turísticos e especialistas, através da escola ou com apoio de outras instituições que colaboram nos cursos e níveis oficiais de ensino no país (REBELO, 1998, p.21).

A inserção da educação turística no ensino fundamental e médio seja como tema transversal ou como disciplina - a realidade do nosso estudo de caso - tem possibilidades de contribuir positivamente no que se diz respeito a oferecer conhecimentos relativos ao turismo, trazendo para a sala de aula assuntos presentes na realidade vivida pelos educandos que residem num município turístico e, ainda, relacioná-los com questões sobre economia, sociologia, antropologia, ecologia e outras que são afetadas pelos impactos do turismo.

Rebelo (1998), considera que a inserção da educação turística na educação formal ocorre devido ao desejo institucional da escola ou município em formar personalidades turísticas por meio de cursos. Também menciona que estabelecer o diálogo entre a educação e o turismo é meio de se revitalizar a educação no município, “contextualizando” a educação com a temática do turismo, em que o ensino é vinculado à realidade turística da localidade, entendendo este processo como uma contextualização temática. Assim, o educando:

Terá como integrar os conhecimentos do cotidiano com o escolar e vice-versa; conscientizar-se do fenômeno turístico e convergir, quem sabe, suas atitudes conforme o interesse e necessidade para a busca de qualificação profissional; conquistar trabalho que o realize, com a formação escolar recebida; participar da vida organizada da comunidade e usufruir da infraestrutura turística do município (Ibid., p.30).

É importante deixar claro que se estamos nos referindo à educação básica, os objetivos dessa educação turística devem auxiliar no processo de conscientização turística dos educandos, com o intuito de ampliar conhecimentos sobre turismo que estão, por sua vez, diretamente vinculados aos conhecimentos sobre cultura e por isso essa educação é capaz de formar jovens responsáveis por proteger, conservar, valorizar e promover a cultura e os patrimônios culturais do município, estimulando desta maneira um sentimento de pertencimento dos jovens ao local onde vivem. Por meio da educação turística, esse processo educativo confere ao município a valorização da identidade local, já que neste trabalho com a comunidade escolar é possível manter referências locais, estaduais e nacionais.

Portuguez (2001), questiona os efeitos positivos de programas de educação para o turismo ou de conscientização turística, pois argumenta que disciplinas com tal temática contribuem pouco para o enriquecimento do referencial crítico dos educandos. Afirma que esses programas são organizados para ensinar os moradores de localidades turísticas a receberem bem o turista, visando apenas o retorno financeiro da atividade.

Da maneira como é colocada pelo autor, sem haver uma preocupação em exemplificar situações que embasem suas críticas, percebemos que sua argumentação pode ser baseada em ações típicas de gestões públicas em que a atividade turística é promovida a qualquer custo, tendo em vista apenas o retorno financeiro imediato, que, por falta de conhecimentos técnicos e ausência de planejamento, desconsideram todos os impactos negativos do turismo em busca de desenvolvimento em curto prazo. Porém, como o autor não apresenta nenhum caso, nenhuma referência que embase sua argumentação, consideramos tal feito como insustentável por seu discurso ficar no plano do senso comum.

Segue suas críticas referentes a disciplinarização do turismo com o seguinte pensamento:

[...] no nosso entendimento, uma nova disciplina passa a exigir dos alunos a ‘neurose’ da tradicional preocupação com a nota e com a frequência obrigatória, como pressupostos para aprovação. As notas exemplares dos alunos exemplares não significam, nem de longe, que eles estejam conscientizados e que a cidadania foi estimulada.

Assim, entendemos que o disciplinamento da consciência nada mais é do que a subversão da liberdade de pensar em uma caminhada que pode perfeitamente dispensar as cartilhas e provas [...] (Ibid., p.121).

O autor tem uma postura radical em relação à inserção do turismo no ensino como disciplina. O processo de disciplinarização é complexo e questionável devido a fatores como a fragmentação do conhecimento; por demandar docentes atualizados em relação aos conhecimentos específicos de turismo; carga de obrigatoriedade que pode inibir o processo de conscientização, criatividade e criticidade em relação ao estudo do turismo.

Porém, identificamos a validade deste processo educativo no sentido de se questionar os fatores que incentivaram a aparição de tal fenômeno, já que seu surgimento pode ser ocasionado pela existência de uma demanda oriunda da realidade local onde está inserida a instituição escolar, ou seja, de uma cidade turística ou em desenvolvimento turístico; para atender os interesses econômicos de órgãos públicos e / ou privados da localidade.

Seja qual for o motivo dessa inserção, podemos afirmar que é uma prática que reflete as políticas contemporâneas de educação, sendo esta legal por existir a lei nº 9394/96 que possibilita a diversificação do currículo com temas emergentes e locais.

O processo de disciplinarização do turismo é reflexo da “contextualização do ensino” (REBELO, 1998)⁷ com um tema que é comum em municípios turísticos ou em desenvolvimento.

Ofertar a educação turística aos educandos é um modo de possibilitar aos jovens uma participação no desenvolvimento turístico do município; é formar jovens cidadãos que atuarão como agentes que difundirão conhecimentos turísticos pela comunidade e esta será capaz de identificar se o turismo é uma boa alternativa econômica ou mesmo elemento positivo que promova a preservação e valorização do meio ambiente cultural e natural.

Se a argumentação de Portuguese (2001) considera a educação como punitiva e que a obrigatoriedade impede a criatividade, cidadania, criticidade e liberdade de pensar do aluno, é preciso considerar as origens da proposta de educação turística. Caso ela tenha partido da administração pública municipal, ou da sociedade, ou da própria comunidade escolar ou das relações desenvolvidas entre todos estes sujeitos, é necessário conhecer o desenvolvimento da proposta, seus objetivos, metodologias, referências bibliográficas, utilização ou não de materiais didáticos / cartilhas, formas avaliativas e ainda verificar as contribuições deste ensino para os educandos e como ele repercute na comunidade local.

Devido à crescente demanda por ações que orientem propostas de educação turística nos municípios turísticos ou com potencial, alguns programas e projetos surgiram para

⁷ Rebelo (1998), quando utiliza a expressão “contextualização do ensino” tem a intenção de dizer que o contexto vivido pelos alunos no município é levado em consideração e utilizado em sala de aula como um conteúdo, tema transversal ou mesmo disciplina escolar.

preencher essa lacuna, identificando a educação turística como essencial para sustentar o planejamento turístico, já que a população envolvida no processo de desenvolvimento turístico garante a sustentabilidade de propostas. Assim, apresentaremos a seguir alguns exemplos de programas e projetos que tiveram maior repercussão no território nacional.

1.2. Programas de educação para o turismo no âmbito da escola básica no Brasil

Os projetos e programas que apresentaremos a seguir são exemplos nacionais de educação em turismo no âmbito da escola básica. São propostas para se desenvolver, com jovens educandos, conhecimentos referentes ao turismo, promovendo assim o setor de viagens, por meio da divulgação dos potenciais e atrativos turísticos do país, essas propostas também ajudam a evidenciar o desenvolvimento dessa recente área profissional que é o turismo.

O programa *Iniciação Escolar para o Turismo* foi criado em 1993, pelo Instituto Brasileiro de Turismo – EMBRATUR em parceria com o Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial – SENAC, cuja produção resultou numa “cartilha” acompanhada de um vídeo. O objetivo geral era mostrar os possíveis benefícios da atividade turística a toda comunidade, quando realizado de maneira profissional. A proposta visava democratizar o turismo com o intuito de apresentá-lo como uma prática acessível a todas as classes sociais.

Como objetivos específicos destacavam-se os seguintes: explicar o turismo, apresentando seus benefícios; mostrar que pode ser uma atividade acessível às classes de menor poder aquisitivo e distinguir viagem barata de viagem desorganizada; identificar o turismo como negócio pela geração de receita e emprego, bem como a identificação de seus benefícios sócio-econômicos; explicar sobre a necessidade de profissionalismo e identificar os cuidados que a comunidade deve ter em relação ao seu produto turístico (BRASIL, 1992).

Juntamente com o lançamento, em 1994, do Programa Nacional de Municipalização do Turismo (Portaria Embratur nº 130 de 30/03/1994), houve o lançamento da proposta de criação de uma disciplina de iniciação ao estudo do turismo foi considerada como relevante para o bom desempenho do setor turístico no âmbito municipal e, por isso, essa disciplina seria incluída, preferencialmente, nos currículos da escola básica, com o intuito de “preparar a parcela mais jovem da população receptora para conviver bem com o turista, bem como fazê-la acreditar que do turismo ela poderia vir a tirar seu sustento” (PORTUGUEZ, 2001, pp. 125-126). Assim, para o município turístico se integrar ao PNMT para receber o “Selo de Municipalização”, deveria desenvolver o Programa de Iniciação Escolar para o Turismo.

Vale destacar que por mais que a proposta visasse apresentar o turismo como atividade acessível a todos, a preocupação era de destacar os benefícios do setor como fator gerador de receitas e empregos para a comunidade que recebe os turistas, além de identificar os cuidados que a comunidade deve ter em relação ao seu “produto turístico”.

Baseando-nos nesses objetivos propostos, podemos pensar que os alunos que se enquadram como público-alvo do material correspondem àqueles que compõem a faixa de menor poder aquisitivo, já que a preocupação é de demonstrar que a atividade é acessível e que uma viagem pode ser barata mesmo sendo organizada.

Ao centrar-se na preocupação de apresentar o setor de Turismo como fator gerador de receitas e empregos, sendo esse capaz de proporcionar benefícios às comunidades, o programa direciona o foco do discurso para seu caráter econômico, influenciando os jovens na escolha de profissões ligadas ao turismo, já que estes são identificados como carentes de perspectivas profissionais.

Outro programa é o *Embarque Nessa: Turismo, Patrimônio e Cidadania*, lançado em 2001, foi uma reformulação do anterior e vinculado ao Programa Nacional de Municipalização do Turismo – PNMT. Destinava-se aos alunos da sexta série do ensino fundamental e o material era composto por uma apostila para o professor, outra para os alunos e um vídeo institucional.

A proposta destacava que não era a intenção criar uma disciplina de Turismo, mas trabalhar este de forma multidisciplinar com o intuito de envolver todos os professores da escola. Tarefa esta extremamente complexa, já que o turismo pode até ser trabalhado como um tema transversal, mas ele é mais facilmente abordado pelas disciplinas com mais afinidade e interesse, como é o caso da Geografia e História.

Segundo o Instituto Brasileiro de Turismo – EMBRATUR (1999), os objetivos estabelecidos pelo programa são: conscientizar sobre a importância sócio-econômica do turismo enfatizando os benefícios para comunidade, empresários e poder público; sensibilizar para a valorização e proteção do patrimônio natural e cultural do país; mostrar aos jovens que o turismo é uma atividade geradora de empregos, motivando-os a optar por profissões nesse setor; preparar os estudantes para serem agentes multiplicadores do turismo na comunidade e incentivar o respeito ao turista.

Pelos objetivos estabelecidos, fica notório que este programa segue a mesma linha do anterior (Iniciação escolar para o Turismo), no que se diz respeito à preocupação em destacar a importância sócio-econômica do turismo por meio de seus benefícios, geração de empregos, renda, tendo como um dos objetivos motivar os jovens a optar por profissões no setor de viagens e turismo. O projeto agrega também a proposta de sensibilizar os jovens para a valorização do patrimônio natural e cultural do país, com o intuito de destacar os atrativos e o potencial turístico do Brasil.

O discurso economicista pode ser comprovado a partir das próprias palavras do então presidente da EMBRATUR, que escreve na apresentação do material o seguinte comunicado:

Caro aluno, este livro vai abrir para você as portas de um novo mundo, repleto de surpresas, de aventuras, de prazeres. Conheça o Brasil, encante-se com hábitos diferentes e sua rica diversidade cultural. Mas aprenda também que o turismo é uma atividade que oferece muitos benefícios para todos. Simplesmente porque, além de diversão, o turismo cria novas oportunidades de trabalho e garante bons salários, melhorando a vida das pessoas (BRASIL, 1999, p.3).

Assim, fica comprovado o posicionamento e a intenção do programa por parte dos gestores, com a idéia de criar novas oportunidades de emprego, bons salários com o intuito de melhorar a qualidade de vida da população.

A educação turística em âmbito nacional também é ofertada pelo *Programa Aprendiz de Turismo* da Academia de Viagens e Turismo (AVT-Br), sendo este uma referência relevante ao nosso estudo por não estar vinculado a nenhuma proposta de governo, diferente dos programas relatados anteriormente⁸.

A AVT-BR, segundo informações oficiais do site⁹, está vinculada a um programa global denominado de “Global Travel & Tourism Partnership - GTTP¹⁰”, que reúne mais de trezentos e oitenta mil alunos espalhados pelo mundo. Foi criado pela “American Express Foundation”, no ano de 1985, nos Estados Unidos, e hoje propagado para diversos países, dos quais citamos alguns como: África do Sul, Brasil, Canadá, China, Hungria, Jamaica, Rússia e outros.

A AVT-BR nasceu de um projeto piloto (1993-1995) e, desde 1996, está sediada no Laboratório de Ensino e Material Didático – LEMADI, do Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo. Há oferta de cursos livres e gratuitos, para alunos e professores, na área de viagens e turismo, que podem ser implantados para complementar o currículo regular do ensino fundamental e médio de escolas públicas ou mesmo para atender profissionais com o intuito de qualificar e aprofundar seus conhecimentos.

A AVT-BR, no período de 1995 a 2005, desenvolveu programas em mais de vinte cidades (alguns ainda estão em funcionamento), com mais de seis mil alunos de quarenta e oito escolas públicas do Brasil. O programa já foi desenvolvido em cidades como: Águas de São Pedro-SP, Apiaí-SP, Barueri-SP, Caraguatatuba-SP, Diadema-SP, Guarujá-SP, Ilha

⁸ Porém no ano de 2005, a AVT-Br estabeleceu uma parceria com o Ministério do Turismo com a proposta de expandir suas ações no território nacional.

⁹ Ver site: www.avt.org.br, acesso em 20 de outubro de 2005.

¹⁰ Ver site: www.gttp.org, acesso em 20 de outubro de 2005.

Grande-RJ, Itapetininga-SP, Ourinhos-SP, Paraty-RJ, Pirapora-SP, São José dos Campos-SP, São Paulo-SP, São Vicente-SP, Santana do Parnaíba-SP, Una-Ba e outros.

O programa possui seus próprios livros didáticos, que são fornecidos gratuitamente ao município associado, e seus conteúdos são trabalhados durante as aulas do programa. O livro básico leva o mesmo nome do programa “Aprendiz de Turismo” é dividido em três capítulos, sendo estes: Viagens e Turismo; Cultura e Turismo e Geografia e Turismo.

A necessidade de se criar um material próprio surgiu devido à inexistência de livros de turismo destinados aos jovens do ensino fundamental e médio, sendo a grande maioria dos livros de turismo direcionados ao ensino superior. A AVT-BR disponibiliza gratuitamente os materiais didáticos e todos são de uso exclusivo dos participantes associados.

Os cursos da AVT-BR têm uma constante preocupação com o direcionamento dos jovens ao mercado de trabalho, porém não têm caráter profissionalizante e, por isso, não substituem os que existem no mercado para formar mão-de-obra para trabalhar em áreas operacionais como restaurantes, hotelaria dentre outros segmentos do turismo¹¹.

Com base nos conteúdos programáticos inseridos no material didático, notamos que o direcionamento da proposta está embasado na concepção de que o turismo é um setor da economia e na apresentação do *Módulo I – Viagens e Turismo*, conseguimos explicitar melhor o posicionamento e as intenções da proposta:

Este módulo pretende mostrar a importância do turismo enquanto setor da economia, apresentando seus conceitos básicos, principais modalidades e os setores dessa atividade econômica (BERNINI, 2001, p. 3).

Podemos afirmar que o curso não é profissionalizante aos moldes dos antigos cursos técnicos em turismo, pela carga horária ser menor, flexível e adaptável pelas instituições de ensino que o mantêm. No entanto, não deixa de ser direcionado ao mercado de trabalho, já que a proposta visa complementar o currículo regular de alunos do ensino fundamental e médio, buscando estabelecer uma ligação entre seus estudos e as oportunidades profissionais¹².

Segundo a Diretora Nacional da AVT-BR, a formação dos docentes que trabalham nos programas desenvolvidos nas destinações é variada, são professores com formação inicial em Geografia, História, Letras, Turismo e outras. Ela afirma que, muitas vezes, a escola tem de

¹¹ Entrevista realizada em agosto de 2005, com a Profa. Dra. Regina Araújo Almeida, diretora nacional da AVT-Br (1995-2005).

¹² Informações obtidas pelo site: www.avt.org.br, acesso em 20 de outubro de 2005.

trabalhar com os professores da própria instituição, não podendo contratar novos. Por causa disso, não se pretende oferecer um curso aprofundado, ou profissionalizante, pois demandaria professores com formação específica. A docente complementa essa idéia argumentando que como os conteúdos do curso são introdutórios, não é necessário que o professor tenha formação superior em Turismo, ou seja, qualquer professor da escola poderia ministrar as aulas¹³.

Para suprir essa necessidade de preparar os docentes para lecionar turismo, a AVT-BR criou o Programa de Formação Continuada, em que numa primeira oficina, que acontece num final de semana, no qual a AVT é apresentada juntamente com as destinações que desenvolvem os cursos pelo país, seus programas, os materiais didáticos, conteúdos abordados e cada participante recebe o livro do professor (de acordo com o módulo que vai lecionar) e o livro do aluno (com três módulos). Além disso, recebem os ‘kits pedagógicos’, composto de um CD com informações digitais, que são apresentações em “Power Point”, imagens, textos que são complementares para atualização do professor.

Os conteúdos dos materiais são básicos, porém há necessidade de novos encontros para ensinar aos professores sobre a área do turismo, por isso, no decorrer do ano letivo, são oferecidos cursos, oficinas e palestras, ministrados por profissionais e especialistas que trabalham temas relacionados ao setor. Um controle de presença é feito para emissão de certificados com número de horas correspondentes à participação. Esses encontros acontecem no Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Desta forma, os professores se mantêm atualizados e assim se cria um espaço de discussão, no qual os docentes possam conhecer outras realidades e para trocarem experiências¹⁴.

Em suma, o que identificamos de comum nos programas nacionais destinados a promover a educação turística no Brasil é a utilização de materiais didáticos, cujos conteúdos e informações são questionáveis e tendenciosos, produzidos:

[...] dentro de uma filosofia puramente empresarial, nos moldes tecnicistas mais rudimentares (...) via de regra, apostilas desse tipo não discutem adequadamente a face perversa do turismo mal planejado, sobretudo a questão dos impactos socioambientais decorrentes do setor, quando praticado sem tomar devidas precauções (PORTUGUEZ, 2001, p.126).

¹³ Entrevista realizada em agosto de 2005, com a Profa. Dra. Regina Araújo Almeida, diretora nacional da AVT-Br (1995-2005).

¹⁴ Entrevista realizada em agosto de 2005, com a Profa. Dra. Regina Araújo Almeida, diretora nacional da AVT-Br (1995-2005).

O caráter cultural do turismo pouco é desenvolvido em detrimento do destaque ao enfoque econômico, sendo que defendemos o primeiro por aquele conceber o turismo de modo mais complexo, tendo maiores contribuições para a formação dos estudantes de educação básica.

O ensino do turismo pode ser desenvolvido de modo que os jovens ampliem o seu universo cultural, estimulando comportamentos responsáveis dos jovens em áreas turísticas, identificando os alunos também como potenciais turistas e não apenas como potenciais atendentes no setor de viagens e turismo.

Insistimos nessa crítica referente à visão mercadológica dos programas, pois é uma posição que muitos governos adotam, no que se diz respeito às pessoas de classes econômicas mais debilitadas. Não podemos ignorar que o turismo é considerado como um fator de desenvolvimento econômico, mas, primeiramente, as propostas de educação turística inseridas na escola básica devem considerar a formação geral, perfil e idade dos educandos.

1.3. O fenômeno da inserção da educação em Turismo no Ensino Fundamental e Médio

A apresentação do fenômeno da inserção da educação em turismo no ensino fundamental e médio será realizada inicialmente com a constituição das bases teórico-filosóficas do trabalho, destacando as contribuições da fenomenologia ao estudo.

A opção pela fenomenologia como linha teórico-filosófica para nortear a construção de nosso trabalho foi devido, inicialmente, ao excesso de menções ao turismo enquanto fenômeno. Tendo em vista que grande parte dos autores da área, ao definir turismo utilizam a expressão *fenômeno turístico*, mesmo sem remeter referências à fenomenologia e como esta conceitua fenômeno.

Moreira (2002, p. 63), argumenta que:

O termo fenomenologia deriva de duas outras palavras de raiz grega: *phainomenon* (aquilo que se mostra a partir de si mesmo) e *logos* (ciência ou estudo). Portanto etimologicamente, Fenomenologia é o estudo ou a ciência do fenômeno, sendo que por fenômeno, em seu sentido mais genérico, entende-se tudo o que aparece, que se manifesta ou se revela por si mesmo.

Já os autores de turismo empregam o termo para designar algo distinguível, particular. Diante desta constatação, passamos a direcionar nossas atenções para este estudo com o intuito de compreender fenômenos a partir da perspectiva fenomenológica. Nossa intenção não ficou limitada apenas em compreender conceitos, mas sim em problematizar nosso tema de pesquisa para pensar a fenomenologia como possível base teórico-filosófica que conduzirá a metodologia do presente trabalho.

Para tanto, foi necessário um estudo histórico e conceitual para contextualizar o surgimento, evolução e as vertentes desta linha filosófica, para que pudéssemos adotar a mais adequada e coerente com nossa pesquisa. Tais justificativas serão apontadas visando relacionar a fenomenologia com o nosso objeto de pesquisa, que é o fenômeno da inserção da educação em turismo no âmbito do Ensino Fundamental e Médio.

Assim, podemos iniciar a apresentação de nosso estudo pelo surgimento da fenomenologia, iniciada no século XX, como movimento filosófico, cujo objetivo básico é a investigação direta e a descrição dos fenômenos como experimentados na consciência.

É uma vertente da filosofia cujo propósito é descrever fenômenos particulares, ou aparências das coisas, dos fenômenos como experiência vivida (MOREIRA, 2002).

Neste mesmo período histórico, o turismo se destaca como prática social em considerável ascensão. Seu surgimento é atrelado à configuração de vários outros fenômenos que podemos identificá-los como colaboradores do crescimento dessa área, por exemplo, fenômenos como o capitalismo; desenvolvimento tecnológico dos meios de transportes (mais rápidos e eficientes), meios de comunicação interligando regiões do mundo; tempo livre; redução da jornada de trabalho; direito a férias remuneradas e feriados.

Contudo, o turismo passou a ser atividade marcante no século XX e o vemos como:

[...] fenômeno que se impõe à sociedade, o turismo passa a gerar análises, estudos e pesquisas não apenas no âmbito dos órgãos oficiais e setores produtivos, mas também na academia, deixando de ser uma preocupação secundária em termos teóricos (MOESCH, 2004, p.9).

Enquanto área do conhecimento, essa temática foi inserida no currículo da escola básica de cidades turísticas ou com potencial turístico e, por isso, destacamos esta inserção como fenômeno de estudo.

Para que possamos compreender o fenômeno estudado, assim estabelecendo a fenomenologia em pesquisa de turismo, ainda é pertinente conceituarmos a fenomenologia enquanto uma corrente de pensamento.

Merleau-Ponty (1994) define a fenomenologia como: “(...) estudo das essências, e todos os problemas, segundo ela, resumem-se em definir essências: e essência da percepção, a essência da consciência, por exemplo” (MERLEAU-PONTY, 1994, p.1).

Em outras palavras argumenta que a fenomenologia é uma filosofia transcendental que coloca em suspenso as essências com o intuito de estudá-las, porém elas não são reveladas, o que se revela são os fenômenos que nos levam a uma aproximação daquelas. O autor ainda afirma que a fenomenologia é:

[...] uma filosofia para a qual o mundo já está sempre ‘ali’, antes da reflexão como uma presença inalienável, e cujo esforço todo consiste em reencontrar este contato ingênuo com o mundo, para dar-lhe enfim um estatuto filosófico (MERLEAU-PONTY, 1994, p.1).

Com o intuito de compreender o fenômeno do ensino do turismo inserido na escola básica, devemos buscar uma aproximação de sua essência, por meio da descrição e registro das diferentes percepções dos sujeitos envolvidos com o fenômeno em questão, considerando o mundo cultural e seus valores.

Outro fator que nos motivou a estudar fenomenologia foi devido ao entendimento dos fenômenos, já que estes são anteriores às teorias e conceitos. O fenômeno é algo que nos é dado, que se revela por estar presente na realidade. A partir do momento que temos contato com esta realidade, que a percebemos, constitui-se o conhecimento do fenômeno em nossa consciência, e esta é sempre consciência de alguma coisa e o objeto é sempre objeto para uma consciência (MERLEAU-PONTY, 1994).

Para esta corrente filosófica não existe o objeto em si destacado de uma consciência que o conhece. O próprio objeto é um fenômeno, ou seja, se formos pensar em nosso objeto de estudo tendo a perspectiva fenomenológica como mote, a inserção do ensino do turismo na escola básica é o nosso fenômeno pesquisado.

A consciência não tem o poder de constituir o mundo, porém não podemos pensá-la como algo puro distante do mundo, já que o homem é um *ser-no-mundo* e a consciência tem de coexistir com esse mundo que a nós nos é envolvente. Deve-se reconhecê-la como uma luz em direção ao mundo ao qual ela se dirige. Assim,

O mundo fenomenológico é não o ser puro, mas o sentido que transparece na intersecção de minhas experiências, e na intersecção de minhas experiências com aquelas do outro, pela engrenagem de umas com as outras; ele é portanto inseparável da subjetividade e da intersubjetividade que formam sua unidade pela retomada de minhas experiências passadas em minhas experiências presentes, da experiência do outro na minha (Ibid., p.18).

É importante destacar que a fenomenologia vai empregar o subjetivismo para constituir a noção de mundo e da realidade que nos é dada. O entendimento do mundo fenomenológico ocorre a partir da intersecção das experiências de todos os envolvidos que tomam contato com o fenômeno. Em outras palavras, a compreensão do nosso fenômeno estudado se dará na intersecção das experiências do pesquisador e de todos os sujeitos envolvidos com o ensino do turismo: direção e coordenação da escola, docentes que ministram a disciplina e os discentes que representam o público-alvo dessa educação.

A relevância desse nosso estudo acerca da fenomenologia é que esta linha filosófica nos possibilitou a identificar suas influências nas pesquisas e reflexões de alguns autores de turismo. Dentre estes, destacamos: Boullón; Molina & Woog (2004), que, recentemente, no livro *Um novo tempo livre* sugerem uma fenomenologia do turismo como sendo a ideal para abordar as questões turísticas.

Centeno (1992) considera o turismo como sendo uma atividade que desperta interesse e se manifesta em diversos âmbitos da vida social, seja por meio de fenômenos relacionados

ao meio ambiente, com a cultura de comunidades humanas, com usos e costumes; com fenômenos econômicos, sociológicos e antropológicos. Esta multiplicidade de fenômenos se constitui devido à existência de uma essência comum a todos.

Acredita que essa essência está em três aspectos: tempo livre; recursos econômicos; necessidade de recreação, distração e diversão. Consideramos estes aspectos como responsáveis pela motivação da existência do turismo e não a essência do fenômeno de estudo.

Se pensarmos no fenômeno identificado pela inserção do turismo na educação básica, devemos considerar as diversas abordagens dadas a este ensino para que possamos identificar a essência do fenômeno. Para tanto, podemos esboçar duas situações: a primeira no âmbito de um ensino de caráter profissionalizante, quando o seu estudo objetiva envolver ou formar os jovens para suprir as necessidades de mão-de-obra para o atendimento aos turistas. Diante desta consideração, teríamos o aspecto econômico como um aspecto importante para nos aproximarmos da essência do fenômeno estudado.

A segunda argumentação caminha em sentido contrário a essa, e consiste em um ensino de caráter humanista, referente ao desenvolvimento de uma prática construída a favor da valorização, proteção e incentivos à cultura local, direcionando a formação dos educandos para atuação na sociedade em defesa da sustentabilidade de sua própria cultura, estimulando valores coletivos e sentimentos de pertencimento à localidade. Identificando a cultura e a interdisciplinaridade como forma de se revelar à existência do fenômeno em estudo.

O fenômeno da inserção do ensino do turismo nas escolas de cidades turísticas ou com potencial turístico pode ser considerado como uma necessidade latente de se agregar à formação dos educandos conhecimentos de cultura geral, noções de preservação, conservação, sustentabilidade e valorização da cultura local, bem como para estabelecer diálogos entre as disciplinas tradicionais. Estes elementos estão pouco presentes na educação tradicional, foram eles que motivaram o surgimento do fenômeno, cuja essência está próxima da cultura e da interdisciplinaridade.

Neste estudo, defendemos a tese de que a essência, que a entendemos como realidade não dada, manifesta-se por meio do que é dado, no caso o fenômeno, ou seja, o ensino do turismo inserido na educação básica surge pela necessidade de proteção e promoção da cultura local. Tal prática é desenvolvida pelo ensino de um turismo responsável e sustentável passível de ser direcionado positivamente para conservar a cultura e ao mesmo tempo promovê-la, tarefa esta que ocorre na relação entre os jovens residentes na localidade que recebem a educação turística juntamente com os turistas.

Tendo a fenomenologia como referencial teórico para pesquisa em turismo, estruturamos o trabalho de maneira coerente com esta teoria estudada e apresentaremos nosso trajeto a partir das leituras de autores que discutem a aplicabilidade da fenomenologia em pesquisas na área de turismo.

Pelo levantamento realizado encontramos algumas menções de autores que estudam a questão epistemológica do turismo, como Panosso Netto (2003), que em seu texto referente ao problema epistemológico no turismo, ele relata em seus estudos as linhas de pensamento de teóricos e autores de turismo. Como seu enfoque é para a epistemologia do turismo, tece sua crítica nas lacunas existentes neste estudo no Brasil e no mundo, e indica as correntes filosóficas que influenciam os estudos do turismo.

Com base em suas indicações, destacamos os autores que ele considera fenomenólogos, como por exemplo: Jovicic, que compreende o turismo como um fenômeno espacial e sustenta a idéia de que para o estabelecimento de uma teoria de turismo, esta deverá ser composta por uma descrição epistemológica, tendo como fundamento a fenomenologia, sendo esta vista como uma ciência capaz de definir de maneira clara, objetiva e apurada o objeto de pesquisa em turismo. Ele cita Centeno apenas como sendo um autor que sugere a fenomenologia para se estudar o Turismo; e Molina só é mencionado quando se refere às influências deste nas produções de Barretto, sendo esta caracterizada como uma pesquisadora que, assim como Molina, orienta seus estudos sobre turismo pela perspectiva fenomenológica. (PANOSSO NETTO, 2003).

Outra autora que recebe a atenção é Moesch (2000), por ter inserido em seu livro, *A produção do saber turístico*, reflexões sobre as limitações da fenomenologia enquanto discurso filosófico para embasar pesquisas de turismo. Como Panosso Netto (2003), neste momento, não tem o objetivo de se aprofundar na questão da fenomenologia, faz apenas uma menção panorâmica sobre as incursões dos autores de turismo pelo campo que nos propomos a estudar. Sendo assim, destacaremos em nossa pesquisa os estudos dos autores que contribuíram para estruturarmos nossas reflexões sobre a questão fenomenológica aplicada ao estudo do turismo.

No ano de 2005, Panosso Netto defende sua tese de doutorado cujo objetivo principal é de refletir e propor avanços no campo dos estudos em Turismo para o estabelecimento de algumas bases epistemológicas que auxiliem na discussão do fenômeno turístico com fundamentação na fenomenologia. Esse trabalho, também publicado como livro, foi analisado para a composição de nosso estudo.

Outro autor que serve como referência por abordar especificamente o tema da fenomenologia como método de pesquisa aplicado ao estudo do turismo é Centeno (1992). Em seu livro *Metodología de la investigación aplicada al turismo – casos prácticos*, justifica a importância de sua produção teórica devido às metodologias de pesquisas aplicadas às ciências sociais não serem adaptadas às pesquisas em turismo; por este conhecimento não possuir um corpo teórico formado e pela necessidade de orientar seus estudos por uma perspectiva interdisciplinar, já que engloba diversas áreas do conhecimento (Sociologia, Antropologia, Economia, etc.). O seu propósito com esta obra é o de sugerir uma metodologia que sustente trabalhos de pesquisa orientados para formulação de uma teoria científica.

O autor inicia suas reflexões com a preocupação de constituir bases epistemológicas para uma teoria do Turismo, em que discute a epistemologia; a teoria do conhecimento e sua aplicação para o estudo do turismo, ação esta que identificamos como positiva por avançar na questão da necessidade de formação de um corpo teórico para a área, diferente da postura de muitos autores de turismo que apenas afirmam que o turismo não é uma ciência e que o seu corpo teórico é recente, sem haver uma preocupação em propor a construção / reconstrução de novos conhecimentos para a área.

Desenvolve seu pensamento questionando sobre a apreensão do conhecimento, a origem deste, e como o identificamos a partir de sua essência. Desta forma, Centeno (1992), nos conduz com sua narrativa a explorar o objeto pela percepção fenomenológica, cuja categoria dos fenômenos é aplicada para conhecer o objeto pesquisado. Assim, acredita que:

Todo fenómeno es independiente del sujeto (...) puede percibirlo a través de los sentidos o conocerlo por medio de datos. El fenómeno puede ser concebido en su forma inmediata o externa, o en su forma mediata o interna; por eso se dice que el aspecto interno, estable de la realidad objetiva, es su esencia, la cual permanece oculta abajo de la superficie de los fenómenos y se manifiesta a través de ellos (CENTENO, 1992, p. 21)¹⁵

O fenômeno é complexo e mutável, pode ser percebido pelo conhecimento da realidade que nos é dada. A essência, como o próprio autor coloca, está oculta, abaixo da

¹⁵ (trad. do pesquisador) Todo fenômeno é independente do sujeito (...) pode percebê-lo através dos sentidos ou conhecê-lo por meio de dados. O fenômeno pode ser concebido em sua forma imediata ou externa, ou em sua forma mediata ou interna; por isso se diz que o aspecto interno, estável da realidade objetiva, é sua essência, a qual permanece oculta abaixo da superfície dos fenômenos e se manifesta através deles.

superfície do fenômeno e para que entendamos este, necessitamos buscar uma aproximação de sua essência.

Para tanto, é necessário descobrir o aspecto interno da realidade por meio da abstração, ou seja, baseando-nos nas considerações do autor, ao analisar um conjunto de fenômenos, o pensamento deve extrair o idêntico entre estes, seria um conjunto de aspectos comuns aos objetos abstraídos pela consciência em processo de pensamento abstrato. Descobrendo-se os caminhos que nos aproximam da essência por meio da abstração e generalização, a tarefa do conhecimento científico fica centrada na demonstração de como e por que a essência se apresenta sob determinada forma.

A categorização do conhecimento turístico pode ser realizada pela reflexão sobre a experiência, já que o turismo é uma atividade que para ser compreendida, necessita-se evocar elementos de diversas áreas, pois seus fenômenos estão “relacionados com o meio; com a cultura de comunidades humanas; com usos e costumes; com fenômenos econômicos, antropológicos, sociológicos, etc.” (CENTENO, 1992, p.22).

Esta multiplicidade de fenômenos se origina da essência, do que é comum a todos os fenômenos anteriormente citados. O autor acredita que a essência do turismo está em três aspectos a considerar: o tempo livre; recursos econômicos e a necessidade de recreação / diversão (Ibid.). Os pesquisadores da área podem se aprofundar mais no conhecimento do turismo, aplicando a categoria de fenômeno, por meio do método fenomenológico. Tal método pode ser entendido pela busca da apreensão da realidade não dada (a essência), manifestada pelos fenômenos para se obter uma representação do real ou sua imagem. O método permitirá a construção desta, mas não dará ao conhecer a exatidão e a veracidade do conhecimento. Esta certeza será obtida pela aplicação do princípio de causalidade, que segundo o autor:

La relación causal entre los fenómenos es una forma específica que condiciona a todo fenómeno, porque todo fenómeno aislado o conjunto de fenómenos interdependientes, produce otro fenómeno y el inverso, todo fenómeno aislado ha sido provocado o producido por otro, o por un conjunto de fenómenos (Ibid., pp.22-23)¹⁶.

¹⁶ (trad. do pesquisador) A relação causal entre os fenômenos é uma forma específica que condiciona a todo fenômeno, porque todo fenômeno isolado ou conjunto de fenômenos interdependentes, produz outro fenômeno e o inverso, todo fenômeno isolado tem sido provocado ou produzido por outro, ou por um conjunto de fenômenos.

Em outras palavras, a aplicação da categoria de causalidade é para compreendermos que toda mudança implica em uma causa que se constitui um fenômeno. O surgimento de um fenômeno provoca a aparição de outro devido à relação causal existente entre os mesmos. Assim, o autor envereda sua construção teórico-metodológica para a categoria de causalidade como pertinente para análise dos fenômenos, porque afirma que estes são condicionados por outros fenômenos, e também inclui a importância da construção de conceitos científicos; a questão da investigação e da pesquisa interdisciplinar.

Como o autor aponta que o método fenomenológico é limitado por apenas apresentar manifestação da essência, por meio dos fenômenos, o método apenas permite a construção da representação do real, porém não permite a exatidão e veracidade do conhecimento, implicando na utilização de outros instrumentos como os anteriormente citados.

Para questionar a obra do último autor analisado, vamos considerar o texto de Moesch (2000), porque a autora se propõe a discutir os limites da fenomenologia como metodologia para o estudo do turismo. Com este objetivo delimitado, compõe suas críticas baseando-se apenas na obra de Centeno (1992). Caracteriza este autor como fenomenólogo porque defende que a essência do conhecimento se encontra no dualismo sujeito e objeto: na interpretação de como se relaciona com o outro e que o conhecimento das coisas ocorre pela aparência que nos é representada.

Para sustentar sua contra-argumentação destaca três elementos importantes a considerar: o primeiro é o emprego do método fenomenológico como captador do conhecimento; o segundo é a utilização do princípio de causalidade para constituir a veracidade ao conhecimento científico; e o último é a utilização da teoria de categorias como sendo uma teoria especial do conhecimento empregada para explicar a apreensão do conhecimento sobre turismo, já que a fenomenologia não atende completamente esta tarefa.

Segundo a análise da autora, Centeno (1992) considera esses elementos como requisitos para constituir uma teoria científica do conhecimento turístico e Moesch (2000, p. 26) completa com a seguinte afirmação: “[...] as categorias de cada ciência constituem uma generalização de certos aspectos do mundo objetivo e seu propósito seria desvendar nexos e as relações concretas do objeto estudado”.

Para apontar os limites da proposta de Centeno, Moesch estabelece a seguinte operação: o turismo é um fluxo de pessoas que gera necessidades de transporte, alojamento, alimentação, etc. Logo, o fluxo turístico pode ser considerado substância e as necessidades geradas, as variáveis. Assim,

A tentativa, proposta por Centeno, de ir além das aparências do fenômeno turístico não avança, pois seu objeto de construção teórica são as manifestações aparentes de turismo. Ou seja, ao utilizar para análise as estatísticas dos fluxos turísticos em relação aos destinos, o uso de serviços etc., utiliza sua substância aparente, factual, e não sua essência como fenômeno interdisciplinar, objetivo e subjetivo (Ibid., p.27).

Em outras palavras, Moesch (2000) tece sua crítica sob a argumentação de que a proposta de Centeno é limitada porque constrói seu objeto teoricamente a partir da substância aparente e factual do turismo, não identificando a verdadeira essência do turismo, sendo esta a base para uma análise fenomenológica.

Porém, o autor parte coerentemente da teoria sobre fenomenologia, principalmente se formos pensar na construída pelo teórico Merleau-Ponty (1994) que afirma que a fenomenologia é o estudo das essências, porém estas a nós não nos é revelada, só as percebemos por meio dos fenômenos presentes na realidade, que a nós nos é revelada. A fenomenologia vai nos auxiliar no estudo dos fenômenos para que possamos nos aproximar de suas essências, refutando assim as considerações de Moesch, que tece sua crítica sem considerar toda a teoria existente sobre a fenomenologia.

Entendemos os limites da fenomenologia como sendo uma teoria filosófica que desconsidera a existência de classes sociais e os aspectos ideológicos da realidade social (TRIVIÑOS, 2001). Entretanto, o risco maior do emprego da fenomenologia está em:

[...] basear os resultados do estudo em como as coisas são segundo o dizer dos outros, não explicando sua existência, e ir a elas com o espírito vazio, sem teoria, empobrecendo a pesquisa (Ibid., p. 49).

Em outras palavras, como a fenomenologia descarta pressupostos e teorias que sustentem a problemática e hipóteses da pesquisa, o risco que se corre é o de ficar apenas com as falas dos entrevistados e devido à falta de teorias a pesquisa pode ficar empobrecida. Assim, estes limites da fenomenologia serão considerados para serem minimizados no desenvolvimento do trabalho.

Moreira (2002), outro autor a considerar a existência de um método fenomenológico, afirma que este é uma particular estratégia de pesquisa qualitativa e é entendido como uma forma de conduzir tal tipo de pesquisa. É um método de investigação crítico, rigoroso e sistemático que tem conquistado espaço como uma modalidade da pesquisa qualitativa, e

ainda completa com a seguinte idéia: “Sempre que se queira dar destaque à experiência de vida das pessoas, o método de pesquisa fenomenológico pode ser adequado” (Ibid., p. 60).

O autor sustenta a argumentação da existência de um método fenomenológico, sendo este derivado de uma atitude que presume ser livre de pressupostos, hipóteses, visando proporcionar ao conhecimento filosófico as bases sólidas de uma ciência de rigor, com evidência apodítica, ou seja, irrefutável e com credibilidade. Funda-se na essência dos fenômenos e na subjetividade transcendental (Ibid.).

O autor conduz sua reflexão teórica para propor o transporte da fenomenologia para o domínio da pesquisa, considerando que o método fenomenológico é voltado ao estudo direto dos fenômenos, e considera que:

É um método ‘pessoal’, em que o dado é apreendido direta e unicamente pelo fenomenólogo, que deve então se libertar de teorias e pressuposições ou hipóteses explicativas. A apreensão do fenômeno deve dar-se em primeira mão (Ibid., p.103).

Como o fenomenólogo vai buscar as verdades essenciais sobre a realidade, baseia-se na experiência vivida dos sujeitos da pesquisa. Ainda com o intuito de garantir a utilização do método fenomenológico, ele discute algumas questões, que foram propostas por duas autoras (STREUBERT; CARPENTER, 1995 apud MOREIRA, 2002), sobre a utilização do método para estruturação de pesquisas, sendo que destacaremos as que consideramos mais relevantes para nossa pesquisa:

A primeira é referente à necessidade de maior clareza sobre o fenômeno selecionado, caso haja poucas publicações ou que precise de uma descrição mais profunda. Como a teoria específica sobre a temática da inserção do turismo na educação básica é escassa, a fenomenologia será de fundamental importância por não exigir uma teoria e pressupostos prévios para se construir a pesquisa.

A segunda questão trata-se de considerar a experiência vivida e compartilhada como sendo a melhor fonte de dados para estudar o fenômeno de interesse, ou seja, considerar as vozes das pessoas que vivem o fenômeno, já que os sujeitos da pesquisa serão fundamentais para compor a descrição do fenômeno estudado, por ter vivido e experienciado o processo ensino-aprendizagem do turismo no ensino fundamental e médio.

Assim, utilizamos dessas duas questões para justificar nossa utilização da fenomenologia para conduzir nossa pesquisa, porém ainda queremos questionar a existência

do método fenomenológico, já que vemos a fenomenologia como uma modalidade filosófica para conduzir a pesquisa qualitativa.

Para aclarar nosso pensamento, Martins (1992, p.52), afirma que:

A fenomenologia deixa-se praticar, fazer-se e reconhecer como estilo, ou como maneira. Ela existe como movimento, antes de se tornar uma filosofia da consciência. A fenomenologia, tal como é aqui proposta, volto a afirmar, não é senão um método.

O autor enfatiza o entendimento da fenomenologia enquanto um estilo ou maneira que o pesquisador deve adotar para conduzir metodologicamente sua pesquisa, tendo em vista que o ponto forte de sua utilização está na descrição dos fenômenos. Destaca também que: “não há referencial teórico nos mesmos moldes da pesquisa empírica em que temos problemas e hipóteses calcadas numa teoria” (Ibid., p.57).

O pesquisador parte de suas próprias experiências vividas por se considerar um ser-no-mundo (MERLEAU-PONTY, 1994) e, por isso, pode interrogar o mundo e seus fenômenos sem haver uma suposição prévia embasada em teorias. A realidade é quem irá nos dizer por meio das coisas que nos é dada, ou seja, pelos fenômenos. Sendo assim, a trajetória fenomenológica para estruturação da pesquisa, segundo Martins (1992), consiste em três momentos:

O primeiro é a descrição fenomenológica, na qual a percepção é prioridade no processo reflexivo. A consciência é direcionada para o mundo vivido e o sujeito é capaz de experienciar o corpo vivido por meio da consciência que é o que conecta o indivíduo, os outros e o mundo (Ibid.).

O segundo é a redução fenomenológica, na qual é feita uma triagem para destacar apenas as partes relevantes da descrição, isolando o objeto da consciência, ou seja, coisas, pessoas, emoções e outros aspectos que constituem o que está sendo experienciado e não suposto. O autor afirma que neste momento deve-se empregar a técnica de variação imaginativa, ou seja, “[...] refletir sobre as partes da experiência que nos parecem possuir significados cognitivos, afetivos e conotativos e sistematicamente, imaginar cada parte como estando presente ou ausente na experiência” (Ibid., p. 60). O pesquisador, a partir da comparação no contexto e eliminações, deve reduzir a descrição às partes que são relevantes.

O terceiro e último momento é a fase da compreensão fenomenológica, que surge em conjunto com a interpretação. Neste momento, para investigar a consciência, deve-se especificar o “significado” essencial na descrição e redução fenomenológica. A compreensão

torna-se possível quando o pesquisador, por meio da redução fenomenológica, estabelece significados que apontam para a experiência do sujeito e para a consciência que este tem do fenômeno, estabelecendo assim, unidades de significados. Sendo assim, a essência é o objetivo principal da redução fenomenológica e a existência é o objeto final da fenomenologia (MARTINS, 1992).

Traçada esta trajetória fenomenológica, a partir dos apontamentos de Martins (1992), destacamos que nós a consideraremos para estruturar a nossa pesquisa, cuja descrição servirá para a composição do relatório do estudo de caso que será estudado no segundo capítulo.

Masini (1993), com o texto *Algumas noções sobre a fenomenologia para o pesquisador em educação*, traça um esboço do nascimento da fenomenologia, discutindo a teoria inicial de Husserl, considerando este como precursor da fenomenologia. Após essa contextualização, apresenta atitudes e possíveis aplicabilidades da fenomenologia em Educação. O interessante deste trabalho é que a autora sustenta a idéia de que a fenomenologia traz ao pesquisador um ponto de partida que seria o de se direcionar para a ação humana com o intuito de buscar significados no mundo vivido. Com isso “... o pesquisador renuncia assim a atitude de apenas constatar ou comprovar dados, e busca compreendê-los na totalidade da vida da pessoa com quem lida” (Ibid., p.75). A postura a ser adotada pelo pesquisador visa experienciar o mundo junto dos sujeitos pesquisados, atento a tudo que fazem, dizem, pensam, expressam em diferentes situações (Ibid.).

É por isso que a fenomenologia nos ajudará a conduzir a construção de nosso estudo, pois nos dará base para a constituição de um estudo de caso que por mais que seja uma facticidade do mundo vivido, tem a sua complexidade por considerar o mundo cultural e os valores deste caso estudado.

Vale destacar que, por não considerarmos a fenomenologia como um método de pesquisa rígido e fechado, e sim como uma vertente filosófica que orienta o pesquisador na percepção e desvelamento do fenômeno de estudo, temos a liberdade de utilizar as técnicas de entrevista, de relato de experiência serão também aplicadas para a construção de uma descrição do fenômeno para compor nosso estudo de caso.

A utilização da fenomenologia como mote filosófico de nossa pesquisa será fundamental devido a nossa problemática da pesquisa ser de caráter subjetivo e existencial, ou seja, buscaremos por meio deste estudo compreender as contribuições do ensino do turismo para a formação dos educandos e assim esclarecer que tipo de ensino está sendo proporcionado aos mesmos.

2. ESTUDO DE CASO REALIZADO NA ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO DE ÁGUAS DE SÃO PEDRO

2.1. A descrição do fenômeno

O nosso estudo de caso, como destacamos anteriormente, foi elaborado tendo a Escola Municipal de Ensino Fundamental e Médio de Águas de São Pedro (SP) como referência. A escolha ocorreu no ano de 2004 quando este pesquisador já atuava há um ano na escola como coordenador e docente de um projeto-piloto de Turismo para o ensino fundamental e médio. Delimitamos o período de 1997 a 2004 porque foi naquele ano em que se iniciou a criação e o planejamento da disciplina de Turismo, inserida no Ensino Fundamental II (dez turmas), e no primeiro ano do ensino médio (duas turmas). Definimos o ano de 2004 como sendo o último para constituição de nosso caso, pois foi neste período em que a professora que criou a disciplina atuou sozinha. Nos anos seguintes ingressou uma nova professora para assumir algumas turmas de Turismo e, no ano de 2006, o Ensino Médio foi extinto da rede municipal pela Prefeitura, pois esta alegou falta de recursos para manter o processo de municipalização do Ensino Médio.

Assim, com base na fundamentação teórico-metodológica, iniciamos a descrição do fenômeno de estudo, a inserção do ensino do turismo no ensino fundamental e médio, para tanto, partimos da apresentação do contexto do município, destacamos informações sobre a localização, características locais, suas origens e transformações históricas, com o intuito de compor de modo mais completo o nosso estudo de caso.

2.2. Águas de São Pedro (SP) – aspectos gerais do município

Águas de São Pedro está localizada no Estado de São Paulo, a 22° 35' 58" Latitude Sul e 47° 52' 34" Longitude Oeste, a 184 km da Capital São Paulo, 32 km da cidade de Piracicaba e 7 km do centro da cidade de São Pedro. É considerada a menor cidade do Brasil em extensão territorial e só faz limite com São Pedro, por estar inserida dentro da área geográfica deste município. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística -

IBGE¹⁷, a área é de aproximadamente 4 km² e a população residente estimada, no ano de 2005, foi de aproximadamente 2000 habitantes.

Mapa da Região Administrativa de Campinas. Águas de São Pedro está à esquerda do mapa.

Fonte: Instituto Geográfico e Cartográfico¹⁸.

O Índice de Desenvolvimento Humano – Municipal - IDH-M¹⁹, realizado em 2000, pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento – PNUD, coloca Águas de São Pedro-SP em segundo lugar no ranking dos municípios brasileiros com melhor qualidade de vida, apresentando o índice de 0,908.

O município está situado num setor da região centro-ocidental da depressão periférica do Estado de São Paulo, “[...] corresponde a um trecho do território paulista denominado de Depressão Periférica Paleozóica [...]” (CONTI, 1971, p.2).

Trata-se de uma área deprimida situada à retaguarda dos maciços litorâneos e limitada em direção ao interior pela escarpa do planalto arenítico-basáltico que se eleva, em seus

¹⁷ Fonte: <http://www.ibge.gov.br/>

¹⁸ Disponível em: http://www.igc.sp.gov.br/mapras_campinas.htm, acesso em 29/01/2007.

¹⁹ Fonte: <http://www.pnud.org.br>, (acesso em 17/10/2006).

pontos mais altos, até 900 metros acima do nível do mar. Em outras palavras, “localiza-se aproximadamente à meia distância ante a referida escarpa, conhecida localmente com o nome de Serra de São Pedro e o vale do rio Piracicaba, cujo talvegue²⁰ constitui o nível de base principal da região” (Ibid.).

A caracterização do relevo e da hidrografia da localidade é descrita por Conti (1971, p. 2) com o seguinte trecho:

A movimentação do relevo é pequena e a paisagem caracteriza-se por vales abertos esculpidos pelos rios obsequentes que vertem da escarpa do planalto arenítico-basáltico e seus afluentes subseqüentes, tributários do rio Piracicaba. A amplitude hipsométrica raramente ultrapassa 90 ou 100 metros.

A estância ocupa uma depressão ampla cujas cabeceiras de vários córregos afluem para o rio Araquá. A parte mais elevada situa-se ao nível de 582 metros próximo ao aeroporto do município de São Pedro e o ponto mais baixo está localizado na região do rio Araquá, aproximadamente a 450 metros acima do nível do mar (Ibid.).

A geologia da região é descrita da seguinte forma:

A geologia de superfície da região corresponde ao Grupo São Bento que representa parte da sedimentação mesozóica da Bacia do Paraná, aí predominando a Formação Pirambóia. É constituída por um pacote de arenitos silto-argilosos, de granulação média a fina, por vezes conglomerática, apresentando uma coloração que oscila do amarelo-esbranquiçada a avermelhada. Sua espessura chega a atingir até 300m. Capeando essa formação aparecem depósitos cenozóicos, com espessuras variáveis compostos de sedimentos arenosos de coloração clara (RODRIGUES, 1985, p. 49).

A vegetação é de cerrado, com a presença de mata galeria nas cercanias do rio Araquá, a vegetação exótica representa cerca de 61,33% das espécies encontradas e 38,67% são nativas. A vegetação é composta por 70,85% de espécies arbóreas, 19,90% arbustivas, 6,05% palmeiras e 3,20% de coníferas. Há discreta predominância da Sibipiruna (*Caesalpinia peltophoroides*) que representa 13,36% da arborização viária, sendo considerado alto o índice médio de indivíduos por quilômetro de rua percorrida, cerca de 130 (BORTOLETTO, 2004).

²⁰ O termo “talvegue” (AURÉLIO, 2006, p.763) é utilizado para designar uma linha sinuosa, no fundo de um vale, pela qual correm as águas que o dividem.

As contribuições do trabalho de reflorestamento realizado em Águas de São Pedro, foram positivas para maior purificação da atmosfera, regularização da temperatura e da umidade e atenuação dos ventos (CONTI, 1971).

Conti (1971, pp.12-13), afirma que:

O reflorestamento não representou apenas uma transformação paisagística mas, também, uma alteração benéfica de caráter micro-climático as quais todavia, não pudemos aferir em números em virtude da ausência de registros de observação no local.

O principal elemento de atenuação e regularização da temperatura na localidade é devido ao bosque, que ocupa uma área de 100 ha, mas que se articula com outras áreas verdes do município de São Pedro. Também é importante destacar que as duas represas, uma localizada ao sul do município e outra ao sudeste representam papéis importantes no sentido de contribuir para o aumento da umidade relativa do ar (RODRIGUES, 1985).

Com relação às médias térmicas do município, estudos de Conti (1971) apresentavam com base nos anos de 1960, 1963 e 1966, a variação entre 20 e 21°, com verões moderados, sendo os meses de dezembro, janeiro e fevereiro os mais quentes, registrando a temperatura mais alta de 38,3° C. A pluviosidade registrada nesta mesma época foi de 1.368,4 mm. Porém os dados atuais utilizados pela Prefeitura Municipal indicam a temperatura média de 27,2°C e pluviosidade de 500 mm/ano²¹.

Uma retrospectiva histórica

A região de São Pedro era cortada por um caminho que ligava a Sesmaria do Limoeiro à Vila da Constituição, hoje Piracicaba, ampliando esse caminho no sentido oeste, tornando-se conhecido como Picadão, estrada essa que os antigos tropeiros penetravam nos sertões de Araraquara. Pela necessidade de pouso, os tropeiros escolheram a região entre os ribeirões Samambaia e Pinheiro, próximo a “Serra Itaqueri” e a estrada do Picadão, onde construíram um rancho, um curral e logo edificaram uma capelinha (CHIARINI, 1981).

O local recebeu naqueles primeiros tempos, o nome de “Pouso do Picadão”, mais tarde, com a construção da primeira capela, recebeu o nome de “Capela do Picadão”, já com início de uma pequena povoação (Ibid.). Essa denominação não condizia com o arraial, marcado pela beleza da região situada entre o vale do rio Piracicaba e pela Serra Itaqueri.

²¹ Fonte: www.aguasdesaopedro.sp.gov.br (acesso em 10/04/2006).

Assim, seus primeiros moradores queriam mudar o nome para algo mais expressivo como *Itarecê*, que em tupi significa lugar junto ou próximo a Serra, ou então São Pedro, em homenagem ao príncipe dos apóstolos, “tendo a maioria optado pelo nome de São Pedro” (Ibid., p.20).

A região ganhou destaque nos idos de 1880, época em que as lavouras de café eram realizadas em sua maior parte com o trabalho do negro africano. No entanto, a partir dessa data e com a abertura dos portos brasileiros para a entrada de imigrantes (1890 a 1895), muitas famílias, grande parte destas oriundas da Itália, vieram a dedicar-se à cultura do café e algumas se estabeleceram no ramo do comércio. Com sua privilegiada localização próxima à Capital, São Paulo, facilitava a produção cafeeira para exportação, tanto que no relatório estatístico de São Paulo, no ano de 1896, São Pedro estava entre os 35 municípios que mais exportavam café do Estado de São Paulo. Este destaque, fez com que uma expressiva quantidade de imigrantes italianos fossem habitar e trabalhar nas fazendas de produção cafeeira (CHIARINI, 1981).

Formação da Estância Paulista: Águas de São Pedro

A origem de Águas de São Pedro ocorre com a chegada de um imigrante italiano chamado Ângelo Franzin que, no ano de 1888, chegou à cidade de São Pedro com a incumbência de administrar as fazendas Santa Rita, Santa Eulália e Rosário, todas de produção cafeeira. Durante quarenta anos de trabalho ele juntou capital e, em sociedade com seu irmão Jácomo Franzin, adquiriram as primeiras glebas de terra, as fazendas Palmeiras, hoje região de Águas de São Pedro e a Limoeiro. Logo depois, adquiriram as terras da Floresta Escura, Gonçalves, Tuncum e Araquá, além de casas, terrenos e máquinas de beneficiar café, em São Pedro. Neste município havia um bairro de nome curioso: Bairro do Querosene, região de propriedade de Ângelo Franzin. O apelido foi atribuído devido ao cheiro característico que emanava das terras. Fato curioso que despertou interesse de muitos na época, tanto que em 1920, o Governo do Estado de São Paulo visitou a região para realizar estudos em busca de petróleo (ANDRADE, 1975).

Amostras foram recolhidas no vale dos ribeirões Araquá e Tuncum, mas somente em 1921 iniciou-se as primeiras prospecções pelo serviço Geológico e Mineralógico do Brasil. Até mesmo a Companhia Petrolífera S/A, fundada por Monteiro Lobato, iniciou suas atividades no rio Araquá, porém também não obteve sucesso. Dos poços perfurados,

encontrou-se uma quantidade considerável de gás natural e águas minerais, sendo estas existentes até hoje. Retiradas as torres de petróleo dos locais das perfurações, as águas começaram a sair naturalmente do solo, formando pequenos lagos. Preocupado com a saúde de seus animais, Ângelo Franzin tentou evitar o contato destes com essas águas malcheirosas tampando o poço, porém as águas continuavam a sair (Ibid.).

No ano de 1930, Franzin viajou a Poços de Caldas para tratamento de reumatismo, onde ele constatou que as águas de lá possuíam o mesmo odor e características das águas de sua propriedade. Assim, em 1932, com o intuito de aproveitar as águas da fazenda Gonçalves, o fazendeiro reuniu trabalhadores para edificar um improvisado quarto de banho com madeiras velhas e coberto com sapé. A banheira foi construída com folhas de zinco de um velho torrador de café, resquícios da antiga atividade produtiva da propriedade de Franzin, foi edificado, então, o primeiro balneário (ANDRADE, 1975).

Balneário de Ângelo Franzin, 1932. Fonte: Prefeitura Municipal de Águas de São Pedro.

Segundo Rodrigues (1985), o precário balneário foi construído para o uso do próprio fazendeiro, pois Ângelo Franzin sofria de reumatismo, porém, logo foi aberto ao público, cobrando-se o banho, iniciando a exploração comercial da água sulfídrica. A crescente demanda em busca de tratamento por meio de banhos, fez com que a ampliação ocorresse

logo no ano de 1933, sendo o balneário modesto ampliado para seis compartimentos dotados de banheiras de ferro esmaltadas.

Nessa época procedeu-se a análise das águas sob a iniciativa do Dr. Samuel Alves Martins, Juiz de Direito da Comarca de São Pedro, que as solicitou ao serviço sanitário do estado. As análises foram realizadas pelos médicos sanitaristas Adelino Leal e Paulo de Andrade e aprovadas pelo termo nº 51, de 12 de setembro de 1933, sendo reconhecidas suas propriedades terapêuticas e consideradas apropriadas para uso externo e interno. Porém, alegando que o balneário não atendia às condições higiênicas exigidas, o Serviço Sanitário do Estado proibiu o seu funcionamento (RODRIGUES, 1985, pp. 69-70).

Ângelo Franzin, no ano seguinte, desiste do empreendimento transferindo-o para um grupo de pessoas interessadas no potencial comercial das fontes, vendendo a área de 4 alqueires de terra, que compreendia a área do imóvel Gonçalves e a fonte de água sulfurosa, aos senhores Carlos Mauro, Patrício Miguel Carreta, José Matarazzo, Victorio Mazziero, Joviano Nouer, Ernesto Giocondo, Antonio Albino Ribeiro, João Batista Algodoal e Emílio Marozzi, sendo a estes compradores outorgado todos os direitos sobre a fonte de água mineral, incluindo o dever de realizar análises para estar de acordo com as normas do Serviço Sanitário do Estado (RODRIGUES, 1985). Em substituição ao precário balneário de madeira, a sociedade administrada por Carlos Mauro, tratou de edificar um novo balneário de alvenaria, coberto de telhas, com:

[...] 12 banheiras e respectivas instalações de água sulfurosa, quente e fria, duas instalações sanitárias, uma sala de espera, casa para caldeira e bomba d'água, rancho para depósito de material, sistema de captação de água potável [...] (Ibid., p. 71).

Balneário de Alvenaria, 1934. Fonte: Prefeitura Municipal de Águas de São Pedro.

As Águas Medicinais e o Planejamento Urbanístico da Estância

No ano de 1934, Octávio Moura Andrade, empresário do café, visitou a cidade de São Pedro para tratar de negócios da firma Moura Andrade e Cia., empresa exportadora de café, na qual era sócio com seu irmão Antônio Joaquim de Moura Andrade.

Em sua estada no município, visitou o balneário, localizado a cerca de dez quilômetros do centro de São Pedro, onde estava a fonte da juventude, de águas sulfurosas, e também conheceu as outras fontes a Almeida Salles e a Gioconda, sendo estas medicinais, porém, sem o mesmo teor de enxofre da primeira. Vistoriou as três fontes e, tomado pelo entusiasmo, voltou a Santos, decidido a convencer seu irmão de formar uma sociedade com o objetivo de criar uma estância hidromineral paulista (ANDRADE, 1975).

Assim, conseguiu apoio de seu irmão e entram como sócios da empresa *Águas Sulfidricas e Termas de São Pedro S/A*, criada em 21 de setembro de 1935, junto com a sociedade administrada por Carlos Mauro, Antonio Joaquim de Moura Andrade entra com 31, 2% do capital e Octavio Moura Andrade com 17, 5%, ficando apenas 36, 3% do capital investido por parte dos acionistas locais e 15% provenientes de lavradores e comerciantes da região de Piracicaba e Araras (RODRIGUES, 1985).

Com o intuito de garantir a veracidade do empreendimento, Octávio de Moura Andrade coletou amostras das águas e as levou para análise no laboratório do Instituto de Pesquisas Tecnológicas - IPT da Universidade de São Paulo. Os resultados foram favoráveis, pelas águas apresentarem propriedades para uso medicinal, o que levou a criação de um laboratório no local para novas análises, ficando sob a coordenação do professor Dr. Francisco J. Maffei.

No Município de Águas de São Pedro, a partir das perfurações de poços artesianos de pesquisa de petróleo, três fontes que haviam sido descobertas foram oficialmente catalogadas: Juventude, Gioconda e Almeida Sales.

A Fonte da Juventude apresenta propriedades clorosulfurosa alcalina, bicarbonatada e boratada, com vazão de 300.000, l/h, captada na profundidade de 530 m é oficialmente considerada a mais rica em teor de sais de enxofre, com 91,3 mg por litro de água é a mais rica água sulfurosa do Brasil. Segundo Camargo, R. (1991, p. 59),

[...] A riqueza da Fonte da Juventude, em compostos não-oxigenados ou parcialmente oxidados de enxofre, constitui um conjunto de princípios terapêuticos superior aos das mais preciosas águas sulfurosas européias.

A água sulfurosa é indicada no tratamento do reumatismo, nevralgias, artrismo, gota, moléstias da pele (eczema, prurido, urticária), diabetes, asma, bronquite crônica e intoxicações, dentre outras. O uso varia de acordo com a enfermidade podendo ser por meio de banhos de imersão ou mesmo ingestão (CAMARGO, R., 1991).

A Fonte Gioconda apresenta uma água clorossulfatada sódica, alcalina, boratada e radioativa, com vazão de 350.000, l/h, captada numa profundidade de 600 m e é semelhante às encontradas em Montecatini (Itália), às de Carlsbad (Boêmia) e às de Bride-les-Bains (França). No Brasil há fontes com propriedades semelhantes em Iraí no Rio Grande do Sul. Essa água é indicada para tratamento de moléstias do fígado, tais como insuficiência hepática, icterícia; nas enterocolites, na prisão de ventre e, como complemento de amebíase intestinal; são indicadas para tratamento de doenças estomacais, como dispepsia hipoácida e também para diabetes (Ibid.).

A última fonte, Almeida Sales, cuja água é clorobicarbonatada sódica, boratada sódica e radioativa, com vazão de 60.000, l/h, encontrada numa profundidade de 490 m e são semelhantes às Fontes Saint-Nectaire e La Bourboule (França). São indicadas em casos de doenças estomacais, tais como dispepsias hiperácidas, piroses, gastrites, úlcera gástrica; do

fígado, como a insuficiência hepática, na litíase hepática e renal, no artrismo, uricemia e diátesa exsudativa e também como calmante do sistema nervoso (Ibid.).

Realizada a comprovação das propriedades medicinais das águas, a cidade foi

[...] concebida nos moldes das estâncias termais européias, e inspirada nas concepções urbanísticas das vilas-modelos, Águas de São Pedro foi cuidadosamente projetada e implementada pela empresa [...] (RODRIGUES, 2001, p.148).

Assim, a empresa detinha os quatro alqueires de terra onde se encontrava uma das fontes (a da Juventude) e, depois de muita negociação, a área é ampliada para seiscentos e cinquenta alqueires até 1940, sendo cento e vinte alqueires os utilizados no projeto original da estância (Ibid.).

Pelo plano urbanístico da futura cidade estabeleceram como objetivo: explorar as fontes ampliando o balneário; construir hotéis, restaurantes; criar cassinos, casas e parques com áreas verdes; manter estradas e linhas de transporte; entrar no mercado imobiliário para venda de lotes para construção de casas de veraneio - sendo que a região era trabalhada pela publicidade da época com a vinculação da imagem da futura estância a do Éden, ou seja, um novo paraíso estava surgindo (RODRIGUES, 2001).

Projeto de Urbanização da Estância de Águas de São Pedro, 1940.

Fonte: Prefeitura Municipal de Águas de São Pedro.

Para tanto, com o intuito de garantir o sucesso do empreendimento, contrataram serviços de profissionais de alto gabarito na época e, formaram uma equipe de urbanistas, engenheiros, arquitetos, médicos sanitaristas. Dentre eles podemos destacar a consultoria do

professor Dr. João Aguiar Pupo, então diretor da Faculdade de Medicina da USP, que foi o responsável pela elaboração de um trabalho sobre a aplicação das águas no tratamento da saúde e utilização; e a contratação do escritório técnico Saturnino de Brito do Rio de Janeiro para elaboração de um plano de saneamento; e do urbanista Jorge de Macedo Vieira, responsável por um trabalho desenvolvido no estilo da Company City de Londres que fazia projetos de “cidades jardins” em São Paulo, em meados da primeira década do século passado.

Numa área de três quilômetros de raio, ao redor da área onde seria logo edificado o futuro Grande Hotel São Pedro, ponto principal da cidade, a equipe esgotou lagoas, retificou o rio Araquá, evitando assim as enchentes periódicas. Canalizou córregos e minas, secou pântanos e construiu uma represa (Limoeiro), estação de recalque, linhas adutoras, estação de tratamento, reservatório e linhas de distribuição, tendo como objetivo abastecer não somente os hotéis, como também uma população prevista para dez mil habitantes (ANDRADE, 1975).

Retificação e canalização do córrego central (atual Av. Carlos Mauro), 1941.

Fonte: Prefeitura Municipal de Águas de São Pedro.

Foi nesta época que surgiu a determinação que proíbe instalar na cidade indústrias e estabelecimentos de serviços pesados. Para a futura estância hidromineral de Águas de São

Pedro, previam-se apenas pequenos estabelecimentos comerciais e de serviços como hotéis, restaurantes, farmácias, lojas de artesanatos etc., necessários para dar suporte ao turismo da estância e seu funcionamento cotidiano. Assim, é na cidade de São Pedro que se encontram os demais serviços para atender aos seus habitantes e visitantes, sendo este município o único a fazer limite com Águas de São Pedro, pois este está inserido naquele.

A Fundação da Estância Hidromineral

Águas de São Pedro é uma cidade que foi projetada, exclusivamente, para fins residenciais, hidroterápicos e de repouso. Nela foi vetado a construção de grandes armazéns, forte comércio ou setor industrial, que poderiam poluir e gerar uma grande movimentação de veículos pesados (CAMARGO, R., 1991).

O trabalho para a construção da estância foi complexo, pois era necessário resolver o problema da enchente na área do balneário popular, por onde passa o córrego Araquá, que na época das fortes chuvas alagava toda a área. A solução encontrada foi a construção de um canal aberto que até hoje dá vazão às águas pluviais. Ampliou-se o balneário para sessenta banheiras e foi feita a canalização das duas outras fontes (Gioconda e Almeida Salles), levando-as até o balneário.

Foto aérea da retificação e canalização do córrego central, 1941.

Fonte: Prefeitura Municipal de Águas de São Pedro.

Os primeiros banhistas a utilizarem as águas sulfurosas se hospedavam em São Pedro, e enfrentavam uma viagem de dez quilômetros por uma precária estrada. Uma das primeiras obras foi a retificação da estrada, passando a permitir o tráfego de veículos mais pesados

como ônibus para traslado de turistas de maneira mais confortável e rápida, substituindo a primitiva jardineira.

Os irmãos Moura Andrade tiveram a idéia de construir um hotel-cassino, próximo ao balneário popular, com o intuito de resolver o problema da distância para os turistas oriundos de São Pedro, além de possuir os jogos como entretenimento para turistas e acompanhantes dos enfermos.

Em 1938 inaugurou-se o campo de aviação juntamente com o lançamento da pedra fundamental do Grande Hotel São Pedro. O projeto arquitetônico desse hotel é de autoria do arquiteto Luiz Carmelino e foi feito em estilo Art Déco²², considerado como um empreendimento grandioso, marcado por dificuldades como o período das chuvas fortes; mão-de-obra não qualificada; o desaparecimento do mercado de peças para tratores, caminhões e máquinas em geral, importadas da Europa, pois em 1939 iniciava a Segunda Guerra Mundial.

Nessa época, era comum importar da Europa artigos para edificação e decoração de hotéis, “[...] pois o Brasil, por ser um país ainda não industrializado, tinha de comprar no exterior os materiais que não fabricava: telhas, azulejos, cerâmicas, móveis e roupas de cama e mesa, etc” (SENAC, 1998, p.81).

A parte hoteleira foi supervisionada por Oldrich Kokoureck, com formação profissional européia, sendo este o responsável pela finalização do empreendimento antes da inauguração do hotel.

Em 19 de julho de 1940, o então interventor Adhemar de Barros destaca do Município de São Pedro a área que a Empresa Águas Sulphidricas e Thermaes de São Pedro S/A havia destinado à futura estância, reconhecendo a denominação de Águas de São Pedro e, assim, foi criada a estância hidromineral, climática de tratamento e repouso.

²² Art Déco, expressão francesa referente à arte decorativa, é um estilo que rapidamente se tornou modismo internacional. Associa sua imagem a tudo que se define como moderno, industrial, cosmopolita e exótico. Por estar ligado à vida cotidiana - objetos, mobiliário, tecidos, vitrais, painéis pintados - se associa à Arquitetura, Urbanismo, Paisagismo, Arquitetura de Interiores, Design, Cenografia, Publicidade, Artes Gráficas, Caricatura, Moda e Vestuário.

Fonte: <http://www.mac.usp.br/projetos/seculox/modulo2/modernismo/deco/index.htm>, acesso em 17/10/2006.

Grande Hotel São Pedro, 1940. Fonte: Prefeitura Municipal de Águas de São Pedro.

Todo esse trabalho relatado, resultou na fundação de Águas de São Pedro em 25 de julho de 1940, data em que Octávio de Moura Andrade inaugurou o Grande Hotel São Pedro, marco inicial da construção de uma das primeiras estâncias planejadas do país (ANDRADE, 1975).

Grande Hotel São Pedro. Foto: Ari Fonseca, 2006.

2.3. De estações às estâncias

A titulação de municípios considerados como estância é utilizada para designar lugar de repouso, descanso, lazer, recreação, turismo e são classificadas em termais ou hidrominerais, climáticas, balneárias e turísticas. Na Europa o termo utilizado são as estações que,

[...] Na segunda metade do século XVIII, os antigos sítios balneários já conhecidos pelos romanos adquirem enorme importância em virtude de suas qualidades terapêuticas. Poder-se-ia dizer que há um processo de medicalização, ou seja, uma apropriação pela medicina da época, que passa a prescrever as águas para ingestão e imersão, criando estâncias curativas (CAMARGO, H., 2002, p. 42).

Seguindo o exemplo de países europeus, nessa época, popularizaram-se as localidades que apresentavam águas com propriedades medicinais, e isso só foi possível com os avanços nas análises químicas, pois essas facilitavam a descoberta de componentes responsáveis pela cura de doenças encontrados nas águas minerais.

Segundo Rodrigues (1985), na metade do século XVIII, alguns nobres contribuíram para o renascimento do tratamento termal com a finalidade de valorizar suas propriedades e difundir o seu nome, aproveitavam “[...] certas fontes, preparando-as para a terapia, oferecendo aos curistas alojamento e refeições durante a sua estada para o tratamento” (Ibid., p. 2).

Na primeira década do século XIX, a vinda da família real portuguesa para o Brasil, estabelecendo-se no Rio de Janeiro, fez com que novos hábitos fossem difundidos na sociedade brasileira, sendo a influência da Europa a razão do uso da *talassoterapia*, os banhos de mar terapêuticos; valorização e uso de águas termais, sendo essas analisadas como as de Caldas de Cubatão (da Imperatriz), próximas de Desterro (Florianópolis), no Estado de Santa Catarina (CAMARGO, H., 2002). Assim,

Os hábitos europeus vão se adaptando às condições locais, de forma a cogitar-se que Caldas da Rainha, em Portugal, com seu hospital e suas águas, deveria servir de modelo para constituição de nossas estâncias termais (Ibid., p. 70).

Sabe-se que o “uso de águas minerais no Brasil data de 1813, quando foi descoberta, em Santa Catarina, uma fonte denominada Caldas da Imperatriz, que hoje pertence ao

município de Santo Amaro da Imperatriz” (AULICINO, 2001, p. 68). E com esse uso, influenciados também pelas referências européias, muitas outras localidades brasileiras passaram a usufruir águas com propriedades medicinais, termais e minerais para tratamento e cura de pacientes com enfermidades e também como atrativo turístico.

Na década de 1930, segundo Rodrigues (1985), foi um período em que se observava um interesse pelo uso de águas minerais para fins terapêuticos e muitas fontes foram descobertas, com destaque para o Estado de Minas Gerais, onde exploravam as fontes minerais nos municípios de Poços de Caldas, São Lourenço, Araxá, Lambari, Cambuquira e Caxambu; e no Estado de São Paulo, as cidades de Lindóia, Águas da Prata e Serra Negra se destacavam pela qualidade de suas águas e também graças à proximidade com a Capital, São Paulo (Ibid.).

Esse fenômeno denominado de *curismo*, logo foi desenvolvido no Brasil em que os “[...] difusores e promotores destas estâncias são os próprios médicos” (CAMARGO, H., 2002, p. 42).

O *turismo de saúde* é uma prática realizada por pessoas que se deslocam para destinos com o objetivo de conseguir benefícios para a saúde.

Esse tipo de turismo procura regiões que disponham de estâncias hidrominerais, às quais são atribuídas propriedades terapêuticas, como fontes sulfurosas ou de águas minerais, lama para banhos, areia quente, etc. As estâncias hidrominerais são núcleos receptores destinados especialmente à recepção de pessoas com problemas de saúde (SENAC, 1998, pp. 54-55).

Em outras palavras, o turismo de saúde é aquele em que a principal motivação da viagem é tratamento ou cura de alguma enfermidade, porém só é considerado turismo por envolver, obrigatoriamente, o uso de segmentos do setor, tais como a hotelaria, alimentação, práticas de lazer e recreação, dentre outros; incluindo também na atividade os acompanhantes da *demanda curista*. O turismo saúde pode ser entendido como:

[...] práticas sociais recreativas, capazes de animar o tédio dos prolongados tratamentos ou das ‘estações de cura’ intercalando banhos e ingestão de águas com passeios, jogos, bailes, exposições, etc. Na verdade, seria pensar que além do seu próprio corpo e das disfunções orgânicas para as quais são necessários cuidados terapêuticos, há o reconhecimento de que o homem é dotado de um psiquismo e que o mesmo deve manter-se em equilíbrio com a própria saúde corporal (CAMARGO, H., 2002, p. 43).

A Estância Hidromineral de Águas de São Pedro em seu planejamento, idealizado pelos irmãos Moura Andrade, previa a relação entre a cura e o turismo por meio da criação de uma estância saúde. Deste modo, como relatamos anteriormente, a questão do lazer e recreação da demanda curista e de seus acompanhantes foi prevista como forma de entreter a todos no período de suas estadas na localidade.

2.4. A titulação concedida aos municípios considerados estâncias

Estância é um título concedido pelo Governo do Estado de São Paulo a municípios que apresentem características turísticas e determinados requisitos como: condições de lazer, recreação, recursos naturais e culturais específicos. Devem dispor de infra-estrutura e serviços direcionados à atividade turística, seguindo legislação específica e pré-requisitos para a qualificação.

Os municípios com este status, recebem anualmente aportes financeiros específicos do Fundo de Melhoria das Estâncias²³ via o Departamento de Apoio ao Desenvolvimento das Estâncias - DADE²⁴ para incentivo ao turismo, sendo estes recursos utilizados em obras de pavimentação de vias urbanas e estradas; urbanização de praças; construção de centros de eventos e convenções; melhorias no sistema de iluminação; implantação e reforma nos portais de entrada dos municípios; e serviços de infra-estrutura.

As atribuições do DADE²⁵ são: avaliar programas e projetos de urbanização, celebrar contratos, devidamente autorizados, visando ao desenvolvimento das estâncias; promover estudos e pesquisas relativas à situação geral das estâncias e a outras áreas de interesse da Administração Estadual; manifestar-se sobre a observância dos requisitos estabelecidos para a classificação de Municípios como estâncias e fiscalizar as já existentes, propondo a extinção daquelas que não os satisfaçam; elaborar relatório anual sobre as aplicações financeiras do Fundo de Melhoria das Estâncias e a situação geral das estâncias; promover atividades de divulgação das estâncias.

Há atualmente, sessenta e sete (67) Estâncias no Estado de São Paulo, sendo estas subdivididas em: Turísticas (29), Balneárias (15), Hidrominerais (11) e Climáticas (12).

As Estâncias Turísticas são: Aparecida do Norte, Avaré, Bananal, Barra Bonita, Batatais, Eldorado, Embu das Artes, Holambra, Ibitinga, Ibiúna, Igaraçu do Tietê, Ilha Solteira, Itu, Joanópolis, Paraguaçu Paulista, Paranapanema, Pereira Barreto, Piraju,

²³ O Fundo de Melhoria das Estâncias, restabelecido pelo artigo 5º, da Lei nº 6.470, de 15/06/1989, e vinculado ao Departamento de Apoio ao Desenvolvimento das Estâncias, tem por finalidade o desenvolvimento de programas de urbanização, melhoria e preservação ambiental das estâncias de qualquer natureza existentes no território do Estado de São Paulo. Fonte: <http://www.al.sp.gov.br/web/CTL/ConsultarTitulo.asp?idTitulo=13>, acesso em 17/10/2006.

²⁴ O DADE foi criado pela Lei nº 6.470, de 15/06/1989, organizado e regulamentado nos termos do decreto Decreto Nº 30.624, de 26/10/1989. Fonte: <http://www.al.sp.gov.br>, acesso em 17/10/2006.

²⁵ Fonte: http://www.al.sp.gov.br/staticfile/integra_ddilei/decreto/1989/decreto%20n.30.624,%20de%2026.10.1989.htm, acesso em 17/10/2006.

Presidente Epitácio, Ribeirão Pires, Salesópolis, Salto, Santa Fé do Sul, São José do Barreiro, São Luís do Paraitinga, **São Pedro**, São Roque, Tremembé e Tupã.

As Estâncias Balneárias são: Bertiooga, Cananéia, Caraguatatuba, Guarujá, Iguape, Ilha Comprida, Ilhabela, Itanhaém, Mongaguá, Peruíbe, Praia Grande, Santos, São Sebastião, São Vicente e Ubatuba.

As Estâncias Climáticas são: Analândia, Atibaia, Bragança Paulista, Caconde, Campos do Jordão, Campos Novos Paulista, Cunha, Morungaba, Nuporanga, Santa Rita do Passa Quatro, Santo Antônio do Pinhal e São Bento do Sapucaí.

As Estâncias Hidrominerais são: Águas da Prata, Águas de Lindóia, Águas de Santa Bárbara, Águas de São Pedro, Amparo, Ibirá, Lindóia, Monte Alegre do Sul, Poá, Serra Negra e Socorro.

As estâncias, hoje são classificadas e caracterizadas, a partir das seguintes pré-condições firmadas pelo Decreto nº 20, de treze de julho de 1972, que estabelece os tipos em:

- Estância Balneária, no caso de municípios que apresentam mar;
- Estância Climática, ou seja, o município deve apresentar condições favoráveis de clima e qualidade do ar (umidade, pureza,...);
- Estância Hidromineral, caracterizada como local em que se apresenta fontes de águas com propriedades medicinais e/ou minerais.

O Estado também reconhece a titulação de Estância Turística, quando há existência de atrativos de natureza histórica, artística ou religiosa, ou de recursos naturais paisagísticos. Além disso, deve oferecer condições para o lazer, qualidade no atendimento e salubridade ambiental. Os três tipos definidos pelo referido decreto, não deixam de ser estância turística, já que os turistas buscam tais destinos de acordo com o interesse específico por determinado atrativo, seja pela presença de praia, clima, qualidade do ar ou pelas águas minerais com propriedades medicinais.

O nosso estudo é sobre Estância Hidromineral, cuja definição é composta pelo seguinte trecho:

[...] fonte de água mineral, natural ou captada por meios artificiais, devidamente localizada por decreto de concessão de lavra expedido pelo Governo Federal, com vazão mínima de noventa e seis mil litros por vinte quatro horas. Além disso, o município deve possuir também um balneário de uso público para tratamento crenoterápico (tratamento pelas águas minerais) [...] (AULICINO, 2001, p.70).

Desta forma, o município de Águas de São Pedro é reconhecido pelos Governos Federal e Estadual como Estância Hidromineral, já que na localidade há o uso de águas minerais - comprovadamente com propriedades medicinais - para tratamento de enfermidades.

Atual Balneário Municipal. Foto: Ari Fonseca, 2006.

Essas características particulares serviram de argumento para o planejamento desta *cidade saúde* que além de atender à demanda curista, visava o lazer e entretenimento de acompanhantes e demais turistas. Na década de 1930, período em que o planejamento urbanístico aconteceu, o turismo saúde era um tipo de turismo que possuía uma demanda regular e estável o ano todo (SENAC, 1998), tanto que os médicos dessa época prescreviam como tratamento para algumas enfermidades o uso de águas minerais, seja pela ingestão ou mesmo por banhos de imersão. Porém, o que acontece nos tempos atuais é que esses destinos de turismo de saúde entraram em estagnação devido aos avanços da medicina contemporânea

e novas tendências na área de estética, não sendo mais comum a indicação de tais estâncias de saúde.

Essa modificação faz com que novas alternativas sejam pensadas e usadas nessas localidades, incrementando a infra-estrutura turística, com a modernização de equipamentos turísticos como hotéis, parques e restaurantes, bem como o surgimento de novos atrativos turísticos, que no caso de Águas de São Pedro podem ser identificados pelos novos “city tours” com veículos com temática de animais; substituição das antigas charretes com cavalos por bicicletas, evitando as sujeiras deixadas pelos cavalos de antigamente; desenvolvimento da prática de *arborismo* no bosque, uma modalidade do Turismo de Aventura que atende um público mais jovem; e também eventos para atrair grandes públicos nas altas temporadas (período de férias escolares). A caracterização dessa nova demanda turística é marcada pela exigência por produtos turísticos e serviços de qualidade, implicando numa necessidade de formação específica da mão-de-obra local para atender profissionalmente os turistas.

Contudo, os destinos turísticos que são dependentes da atividade turística, passam por transformações para atender essas evoluções da demanda, e estas acabam alterando e recriando o espaço, comprometendo a identidade e autenticidade local, acreditando que o desenvolvimento e o progresso só serão possíveis em detrimento da superação do passado, da história e cultura local. Esse efeito transformador é identificado como a formação do *Não-Lugar*, que segundo Carlos (1996), afirma que o turismo é responsável por transformar tudo o que toca em artificial, criando um mundo fictício e mistificado de lazer, ilusório:

[...] onde o espaço se transforma em cenário para o espetáculo para uma multidão amorfa mediante a criação de uma série de atividades que conduzem à passividade, produzindo apenas a ilusão de evasão, e, desse modo, o real é metamorfoseado, transfigurado para seduzir e fascinar. Aqui o sujeito se entrega às manipulações desfrutando a própria alienação e a dos outros (CARLOS, 1996, p.26).

A autora defende a tese de que ao vender o espaço se produz a não-identidade e, com isso, a idéia do não-lugar, ou seja, baseia-se na teoria do *não-lugar* de Marc Augé (1994), para afirmar que o espaço é transformado em mercadoria com a possibilidade de consumi-lo de acordo com os desejos dos clientes e, portanto, torna-se artificial, sem sentido, descaracterizado, sem história, sem identidade. Isso porque:

[...] o lugar é produto das relações humanas, entre homem e natureza, tecido por relações sociais que se realizam no plano do vivido, o que garante a construção de uma rede de significados e sentidos que são tecidos pela história e cultura civilizadora produzindo a identidade. Aí o homem se reconhece porque aí vive. O sujeito pertence ao lugar como este a ele, pois a produção do lugar se liga indissociavelmente à produção da vida (CARLOS, 1996, p.28).

Assim, a identidade está vinculada ao plano do vivido – como a própria autora afirma – ao que é conhecido e re-conhecido. A identidade, o sentimento de pertencimento ou formas de apropriação do espaço estão diretamente relacionadas com lugares habitados e marcados pela prática social, transformando a natureza em “[...] produto de uma capacidade criadora, acumulação cultural que se inscreve num espaço e tempo [...]” (Ibid., p.28). E o não-lugar é definido como a produção ou construção de simulacros de lugares, por meio da não-identidade, que refletirá também em comportamentos e modos de apropriação desses lugares (Ibid.).

Segundo Augé (1994, p.73), “[...] se um lugar pode se definir como identitário, relacional e histórico, um espaço que não pode se definir como identitário, nem relacional, nem como histórico definirá um não-lugar”. Assim são considerados não-lugares espaços sem identidade, memória e história que, muitas vezes, são produzidos pela atividade turística, como o autor exemplifica citando as cadeias de hotéis; clubes de férias; parques de lazer; domicílios móveis considerados como meios de transportes, como os aviões, trens e ônibus.

Em contrapartida, visando minimizar esses efeitos nocivos ocasionados pelo desenvolvimento turístico, a temática é trabalhada como parte diversificada do currículo da escola municipal de Águas de São Pedro, cuja inserção pode ser interpretada como um processo educativo que visa à *contextualização do ensino*, ou seja, segundo Rebelo (1998), é quando os municípios turísticos utilizam conhecimentos referentes à cidade turística, seja esta estância ou apenas com potencial turístico, associada a um contexto histórico particular, para ensinar os jovens educandos sobre sua história e seus patrimônios culturais, bem como os efeitos positivos e negativos que o turismo pode acarretar a uma localidade.

Com isso, visando compreender o processo de inserção do turismo na educação água-pedrense, apresentaremos um breve panorama sobre as instituições de ensino existentes, número de alunos atendidos e o de docentes envolvidos, para então descrevermos o estudo de caso que realizamos na Escola Municipal de Ensino Fundamental e Médio de Águas de São Pedro.

2.5. A Educação Turística em Águas de São Pedro – O Caso da Escola Municipal

A educação na cidade de Águas de São Pedro²⁶, no ano de 2004, apresentava a presença das redes: municipal, estadual e privada. A educação municipal, era subdividida em três âmbitos de ensino, oferecia a Educação Infantil, o Ensino Fundamental e o Ensino Médio, compondo a seguinte realidade:

- Escola Municipal de Educação Infantil: destinada à primeira infância, com 94 crianças matriculadas, de 0 a 6 anos de idade e atendidas por 5 docentes;
- Escola Municipal de Ensino Fundamental de Águas de São Pedro – SP (EMEFASP): atendia todo o Ensino Fundamental (I e II), com 598 educandos matriculados e 32 docentes;
- Centro Educacional e Cultural “Ângelo Franzin” (CECAF): atendia 92 alunos do Ensino Médio, e teve seu funcionamento até o ano de 2005. O Centro era uma extensão da EMEFASP, cuja proposta da prefeitura era de municipalizar também o Ensino Médio, porém por falta de verbas todos os alunos em 2006 foram remanejados para a escola estadual.

O Ensino Estadual era ofertado por uma única escola (sendo esta realidade ainda presente nos dias de hoje):

- Escola Estadual de Ensino Médio “Ângelo Franzin”: atendia, no ano de 2004, 212 alunos matriculados no Ensino Médio e contava com 17 docentes.

A rede privada era representada pelo SENAC que ofertava no ano de 2004, com 19 alunos matriculados no Ensino Médio que eram atendidos por 12 docentes. Nesta mesma instituição existe o Ensino Superior:

- Campus Grande Hotel São Pedro – Hotel Escola SENAC, onde está localizada a Faculdade de Hotelaria, Turismo e Gastronomia, contando com 659 alunos matriculados e atendidos por 101 docentes.

O estudo de caso foi realizado com base na realidade da Escola Municipal de Ensino Fundamental e Médio de Águas de São Pedro, cujos currículos do ensino fundamental II e

²⁶ Fonte: Ministério da Educação, Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais – INEP, Censo Educacional de 2004 e da Educação Superior de 2003.

ensino médio possuíam a disciplina de Turismo na parte diversificada do currículo, sendo esta instituição a única a apresentar essa inovação.

E. M. E. F. M. de Águas de São Pedro. Foto: Ari Fonseca, 2006.

A pesquisa de campo teve início no ano de 2004, logo após ingresso no programa de Mestrado da Faculdade de Educação da USP. Primeiramente, estabelecemos um contato formal com a direção da instituição com o intuito de apresentar a pesquisa. Não tivemos grandes problemas e nem a necessidade de maior formalidade para obtenção de documentos, informações e a realização das entrevistas porque, desde o ano de 2003, desenvolvíamos um projeto de educação turística na escola com alunos do ensino fundamental e médio.

Sendo assim, adotamos algumas técnicas para coleta de dados como a pesquisa documental com base nos planos de cursos do ensino fundamental e médio; entrevistas informais, semi-estruturadas com docentes e o relato escrito dos alunos por meio de algumas questões norteadoras.

As primeiras entrevistas foram informais, pois de acordo com Pádua (2004), esta técnica é utilizada em estudos exploratórios, cuja intenção era conhecer mais profundamente a temática estudada, buscando pistas para o direcionamento da pesquisa e selecionar outros informantes. As entrevistas informais que realizamos com a professora, que atuou como diretora e Secretária Municipal de Educação e Cultura, foram fundamentais neste primeiro

momento para mapear o nosso estudo, estabelecendo quais seriam os sujeitos que contribuiriam no desvelar do fenômeno sobre a inserção do ensino do turismo no ensino fundamental e médio.

Assim, definimos que na escola apenas duas docentes responderiam a problemática deste trabalho, a própria diretora e a professora de Geografia e Turismo, pois as duas foram as responsáveis pela criação da disciplina de Turismo, e esta atuou como docente na disciplina no período de 1997 a 2004, cuja experiência serviu como referência para o estudo. As duas entrevistadas²⁷ relataram sobre a realidade local, porém identificamos que para a constituição do nosso fenômeno de estudo, podíamos também envolver uma docente com experiência e conhecimento sobre a realidade nacional da inserção do ensino do turismo na educação básica, cujas percepções consideramos relevantes para auxiliar no processo da descrição fenomenológica. Desta forma, vamos identificar os sujeitos da seguinte maneira:

- Docente 1: denominação utilizada para identificar a professora que atuou por dez anos como Diretora Nacional da *Academia de Viagens e Turismo* (1995-2005), cujo programa *Aprendiz de Turismo* foi desenvolvido nos anos de 2003 e 2004 na Escola Municipal de Ensino Fundamental e Médio de Águas de São Pedro (entrevista realizada em 30/08/2005).
- Docente 2: identificação da professora que desempenhou as funções de Diretora da escola e Secretária de Educação e Cultura do município no período estudado (a primeira entrevista informal foi realizada em 02/04/2004 e a semi-estruturada em 24/09/2005).
- Docente 3: identificação da professora que elaborou todos os conteúdos programáticos ministrados e que lecionava a disciplina de 1997 a 2004 em todas as turmas que possuíam Turismo na parte diversificada do currículo (entrevista informal realizada em 02/04/2004 e estruturada em 15/12/2004).

Houve também a necessidade de se obter os relatos dos educandos²⁸, considerados como sujeitos relevantes para o trabalho, cujas percepções referentes ao fenômeno contribuíram significativamente para a descrição fenomenológica do caso, assim, os relatos foram coletados no período de 19/11/2004 e 15/12/2004, totalizando 25% de amostragem dos alunos do ensino fundamental II e primeiro ano do ensino médio. Porém, dos relatos coletados

²⁷ Ver anexo 1 referente às questões norteadoras.

²⁸ Ver anexo 2 referente ao questionário discente.

apenas analisaremos as falas dos sujeitos que estudaram 5 anos de turismo, já que estabelecemos que seria mais interessante analisar os que vivenciaram todo o processo de educação turística para construir a descrição fenomenológica do caso estudado, totalizando, então, 10 educandos que se enquadram nesta premissa e que serão identificados como Aluno 1, Aluno 2, (...).

No desenvolvimento da pesquisa de campo, uma das primeiras solicitações que fizemos para a direção da escola foi referente ao Projeto Político Pedagógico da instituição, para que pudéssemos iniciar nosso estudo pela pesquisa documental. Referente a este documento,

O projeto busca um rumo, uma direção. É uma ação intencional, com um sentido explícito, com um compromisso definido coletivamente. Por isso, todo projeto pedagógico da escola é, também, um projeto político por estar intimamente articulado ao compromisso sóciopolítico com os interesses reais e coletivos da população majoritária. É político no sentido de compromisso com a formação do cidadão para um tipo de sociedade. (...) Na dimensão pedagógica reside a possibilidade da efetivação da intencionalidade da escola, que é a formação do cidadão participativo, responsável, compromissado, crítico e criativo. Pedagógico, no sentido de se definir as ações educativas e as características necessárias às escolas de cumprirem seus propósitos e sua intencionalidade (VEIGA, 1995, p. 13).

A Escola de Ensino Fundamental e Médio de Águas de São Pedro não utilizava o termo *projeto político-pedagógico*, mas havia um projeto elaborado com o propósito de nortear a educação municipal do ensino fundamental ao médio, cuja inserção de disciplinas da parte diversificada dos currículos como Ética, Ecologia, Turismo, Filosofia, Espanhol (além de ter a disciplina Inglês), Psicologia, Informática, além de disciplinas desmembradas como Redação e Geometria²⁹ e outras temáticas emergentes serviriam para formar cidadãos críticos, participativos e responsáveis pela sua cidade.

A obtenção dos projetos do ensino fundamental e médio foi trabalhosa porque a escola estava passando por mudanças devido ao afastamento da Docente 2 de seus cargos de Diretora e Secretária de Educação e Cultura, já que neste mesmo ano ela se candidatou à vereadora do município e, por isso, afastou-se do cargo público.

²⁹ Informações obtidas com a Direção da escola por meio de entrevista informal realizada em 02 de abril de 2004.

Esta mudança na direção dificultou muito o acesso a tais documentos, que na instituição de ensino eram denominados de planos de cursos. Tivemos contato, primeiramente, com o plano do Ensino Médio³⁰, apresentado apenas em maio de 2004 e o plano de curso do Ensino Fundamental³¹ a instituição alegou que não estava pronto, pois passava por reformulações e que o antigo havia sido perdido. A nós nos foi entregue somente no final do ano letivo, no mês de dezembro, pela Docente 3, que foi a responsável pela elaboração de tal documento e, por isso, tinha uma versão em seu computador pessoal.

No decorrer do ano letivo de 2004, uma nova docente ingressou para substituir a Docente 3 em algumas turmas, já que esta estava sobrecarregada por lecionar em quatro instituições diferentes, pois além da escola municipal atuava na estadual e em outras duas instituições particulares nos municípios de Águas de São Pedro e São Pedro.

Com intuito de investigar a atuação docente e obter mais informações sobre os Planos de Cursos do Ensino Fundamental e Médio, elaboramos uma entrevista estruturada com o intuito de aplicar algumas questões abertas com as duas professoras de turismo, tendo em vista que as questões foram baseadas na problemática da pesquisa e nas entrevistas informais que realizamos no primeiro contato com as docentes, sem explorar conhecimentos específicos de turismo, preocupando-se apenas em obter dados referentes ao processo de ensino-aprendizagem da disciplina por meio do relato dos sujeitos envolvidos com o fenômeno pesquisado.

Porém, apenas a Docente 3 aderiu à pesquisa e optou por entregar o seu relato por escrito junto com o Plano de Curso do Ensino Fundamental. Este relato foi complementar às entrevistas informais que fizemos durante o ano letivo, já que os nossos encontros ocorriam quinzenalmente, durante nossas atividades conjuntas num programa complementar de Educação Turística, o *Aprendiz de Turismo*, da Academia de Viagens e Turismo - BR, que desenvolvemos com as duas últimas séries do ensino fundamental e primeiro ano do ensino médio³².

Com apenas uma professora como sujeito da pesquisa, ficaríamos com 50% de amostragem, por isso, decidimos delimitar mais o caso estabelecendo o período de estudo de 1997 a 2004, sendo a Docente 3 a única professora que atuou nestes anos, cujos relatos de sua experiência foram aqui reunidos para compor este estudo de caso.

³⁰ Anexo 4.

³¹ Anexo 3.

³² Programa desenvolvido nos anos de 2003 e 2004.

Assim, iniciaremos a descrição do fenômeno a partir da fala da Docente 2, que serão intercaladas com falas da Docente 3 para que possamos descrever fielmente o nosso fenômeno de estudo. Com a Docente 2, realizamos uma entrevista semi-estruturada, em que organizamos um conjunto de questões sobre a temática, sendo que a aplicação desta técnica permitiu que a entrevistada falasse livremente sobre o tema principal.

A entrevista com a Docente 3 foi realizada como uma entrevista estruturada, ou seja, por termos realizado muitos encontros com a professora, por meio de entrevistas informais (apenas registradas por escrito), baseamo-nos nesses diálogos para que a professora registrasse com maior detalhamento suas impressões pessoais referentes ao tema estudado na pesquisa.

A partir desses questionamentos vamos reunir, nesta parte da pesquisa, as perspectivas das duas docentes que criaram a disciplina de turismo e compor a descrição fenomenológica a partir destes dois pontos de vista de sujeitos que vivenciaram o fenômeno.

Para isso, estruturamos a entrevista baseada em quatro questões norteadoras destinadas aos sujeitos cujas experiências são relevantes para compor nosso estudo de caso, por isso, as questões são abertas com o objetivo de permitir falas livres e subjetivas, que serão respeitadas, tendo em vista a realidade e a percepção do entrevistado em relação ao fenômeno de estudo. As questões utilizadas nas três entrevistas foram:

- I. Comente sobre a inserção do Turismo no ensino fundamental e médio.
- II. Fale sobre a disciplinarização do turismo no ensino fundamental e médio.
- III. Que tipo de educação é proporcionada aos jovens, ou seja, é um ensino que visa o mercado de trabalho ou busca ampliar os conhecimentos de cultura geral e desenvolver a criticidade dos educandos?
- IV. Como o ensino do Turismo tem contribuído para a formação dos educandos? É possível identificar mudanças comportamentais ou modificar a visão de mundo dos mesmos?

A análise dos dados foi realizada com base na proposta da pesquisa fenomenológica, cujas respostas foram transcritas na íntegra, porém tivemos o cuidado de elaborar a redução fenomenológica, buscando unidades de significados até chegar ao discurso articulado, ou seja, as asserções articuladas no discurso (PANOSSO NETTO, 2005).

A redução é realizada para destacar as idéias principais de cada discurso para então compor a compreensão e interpretação fenomenológica, tendo a preocupação de ser fiel à

reconstituição do fenômeno para uma aproximação de sua essência³³. A técnica foi aplicada para todos os sujeitos da pesquisa e a seguir apresentaremos as percepções dos docentes e dos discentes.

Percepções dos docentes

As percepções dos docentes foram reconstituídas partindo sempre da ordem crescente atribuídas às entrevistadas: Docente 1, Docente 2 e Docente 3, sendo as resposta da Docente 1 mais generalistas por apresentar a realidade de um programa nacional de educação turística e as outras duas docentes apresentaram especificamente o caso estudado.

Ao ser questionada sobre a inserção do Turismo no ensino fundamental e médio, a Docente 1 afirma que as escolas associadas ao Programa AVT-BR desenvolvem o turismo como disciplina, com casos de municípios que instituíram a disciplina como obrigatória, criando lei orgânica municipal, aprovada pela câmara dos vereadores para a formalização do processo legal. Não existem casos de escolas que desenvolvem o turismo como tema transversal ou como uma semana de turismo, pois todos os cursos são trabalhados sistematicamente ao longo do ano letivo como disciplina. Para ela a sustentabilidade dos cursos tem sido positiva no âmbito municipal devido à facilidade de contatos com as prefeituras e por estas poderem desenvolver os programas com seus próprios professores contratados.

Em relação ao caso específico de Águas de São Pedro, a Docente 2 argumenta que a proposta de inserção do turismo foi devido à falta de perspectiva de trabalho aos jovens da região, principalmente os egressos do Ensino Médio, tendo isso em vista, a realidade do município também serviu de motivação para estruturar disciplinas da parte diversificada do currículo e o caso da disciplina de Turismo foi devido ao município ser turístico. A proposta foi iniciada no ensino fundamental e depois estendida ao Médio.

A Docente 3 complementa argumentando que a inserção da disciplina de turismo no município foi devido à cidade ser considerada estância hidromineral, a criação ocorreu no ano de 1997, cujo objetivo dessa inserção foi de preparar os jovens para atender turistas; conhecer os atrativos da cidade e para que estes fossem divulgados. Identificaram naquela época, que os moradores locais não valorizavam e nem atendiam bem os turistas e que os novos

³³ Ver Anexo 5

moradores eram mais atenciosos e agradáveis com os visitantes, por isso, a disciplina de turismo poderia contribuir positivamente para uma mudança nesse quadro.

Como a inserção do turismo no ensino foi via criação de uma disciplina na parte diversificada do currículo, questionamos as docentes para que estas comentassem sobre a *disciplinarização* do turismo no âmbito do ensino fundamental e médio e a Docente 1 acredita que é interessante a proposta de escolas que ofertam disciplinas optativas ou com temas não convencionais com a preocupação de atender características locais como é o caso de municípios de forte vocação turística que adotam a inserção do turismo no currículo buscando um maior impacto, ofertando uma educação turística em massa. Considera o processo válido nos casos de municípios com forte vocação turística ou com o objetivo de desenvolver o turismo, caso contrário, não vê como positiva essa ação.

A Docente 2, referente à realidade da escola municipal de Águas de São Pedro, esclarece que novas disciplinas foram criadas pelas professoras, com apoio da administração municipal e que foram aprovadas no Conselho Municipal de Educação. A inserção da disciplina de turismo foi feita pela Secretária de Educação e Cultura junto com a professora de Geografia que já desenvolvia um trabalho em que relacionava o turismo com a Geografia.

O objetivo da proposta foi de trabalhar a região, cidade, o turismo nacional e internacional, sendo então aquela considerada viável e interessante por ser voltada para a região. A educação oferecida pela rede municipal proporciona aos jovens um preparo desde cedo para no mercado profissional, assim, além dos principais requisitos exigidos hoje pelo mercado como idiomas e informática, o ensino do turismo é relevante em regiões turísticas, bem como a Geografia e História locais, como forma de despertar maior interesse nos jovens pelas disciplinas, utilizando referências que estão próximas a eles.

Os conteúdos foram elaborados com base no que o município e outras regiões ofereciam, tendo em vista que os moradores locais, muitas vezes não conhecem seus próprios atrativos turísticos pelo hábito de frequentar estes lugares sempre e por não ter um olhar de turista e sim cotidiano. A disciplina também exigia atividades práticas como visitas aos pontos turísticos para apresentar a história e geografia local. Deste modo, para o Ensino Fundamental II e primeiro ano do Ensino Médio foram definidos os seguintes objetivos³⁴:

- Conhecer o potencial turístico da cidade para participar ativamente como divulgador dos seus atrativos.

³⁴ Objetivos presentes nos Planos de Cursos do Ensino Fundamental e Médio.

- Criar hábitos e atitudes para contribuir na boa receptividade dos turistas que procuram a Estância.
- Informar sobre a importância do Turismo como atividade econômica no território nacional e no mundo globalizado.
- Perceber a interação homem-natureza no desenvolvimento de atividades turísticas e a necessidade de preservação ambiental.
- Conhecer parte da documentação que envolve uma viagem e reforçar a necessidade do cumprimento de leis internacionais.

Os cinco objetivos são os mesmos utilizados no Plano de curso do Ensino Fundamental e no do Ensino Médio, já que a disciplina desenvolvida neste âmbito seria um aprofundamento de tudo que já foi trabalhado nas quatro séries do Ensino Fundamental II.

A *disciplinarização* do turismo é considerada pela Docente 2 como importante, pois considera que os alunos não têm maturidade para cursar uma disciplina que seja aberta, sem avaliação, sem um certo rigor, sem as mesmas regras de disciplinas tradicionais. Acredita que os conhecimentos trabalhados pela disciplina de turismo são passíveis de serem empregados no cotidiano do aluno porque além de ensinar mais sobre a história e atrativos da cidade possibilita a atuação como um guia ou monitor local.

A Docente 3 argumenta que a iniciativa foi da prefeitura no ano de 1997, cujo objetivo foi de preparar a comunidade para melhor receber os visitantes e para que os jovens se integrem com os turistas.

A terceira pergunta feita às professoras foi sobre o tipo de educação que é proporcionada aos jovens, ou seja, para identificar se o ensino do turismo visa o mercado de trabalho ou se busca ampliar os conhecimentos de cultura geral e desenvolver a criticidade dos educandos.

A Docente 1 defende que curso ofertado pela AVT-BR não possui caráter profissionalizante pois pretende trabalhar conteúdos de cultura geral e apresentar o setor de turismo, com a preocupação de ampliar os conhecimentos sobre a área e ainda de poder, conseqüentemente, proporcionar oportunidades profissionais aos jovens.

Sobre a disciplina de Turismo desenvolvida em Águas e São Pedro, a Docente 2 acredita que os alunos que estudam turismo visam o mercado de trabalho e alguns atuam imediatamente como guias locais, apresentando os atrativos do município nos roteiros realizados pelos “trenzinhos” ou mesmo como guias do mini-horto florestal, já que a disciplina trabalha com conteúdos que podem ser aplicados no dia-a-dia dos estudantes.

A Docente 3, que atua na disciplina, argumenta que é considerada a idade e a maturidade dos alunos, bem como as características da cidade. Os conteúdos são diferenciados por série, de quinta a oitava série os alunos aprendem respectivamente sobre o município; turismo nacional; turismo internacional com destaque aos países vizinhos; e conhecimentos referentes aos diferentes continentes e trabalhos em eventos. A disciplina possui também algumas atividades práticas como as saídas a campo, visitas técnicas e viagens em que os alunos auxiliam no planejamento e organização de viagens, elaboram croquis de itinerários e dinâmicas de recreação. Segundo o plano de curso, as metodologias adotadas para o desenvolvimento da disciplina foram basicamente baseadas em aulas expositivas dialogadas; pesquisas com base em livros, revistas, jornais, Internet; simulação de roteiros; elaboração e execução de visitas e excursões; dinâmicas de grupo; e técnica de “brainstorming” para estimular a criatividade dos alunos.

Os recursos didáticos utilizados pela docente para ilustrar as aulas foram basicamente: livros, jornais e revistas; filmes e vídeos sobre o histórico do município; transparências; mapas e gráficos diversos e “folders”.

As formas de avaliação eram realizadas com as tradicionais provas; relatórios de visitas, viagens; trabalhos em grupo; e a participação dos alunos nas atividades propostas pela docente.

As referências bibliográficas selecionadas pela docente para estruturar os conteúdos programáticos foram as seguintes³⁵:

- SOUZA, Arminda Mendonça; CORRÊA, Marcus Vinícius. **Turismo** – conceitos, definições e siglas. Manaus: Editora Valer, 2000.
- TRIGO, Luiz Gonzaga G. **Turismo básico**. São Paulo: Ed. SENAC, 1995.
- RODRIGUES, Adyr B. **Turismo e espaço: rumo a um conhecimento transdisciplinar**. SP: Hucitec, 1999.

Os dois primeiros livros foram utilizados para trabalhar conceitos específicos de turismo e o último foi de grande relevância para o trabalho da docente por possuir um capítulo específico sobre o município de Águas de São Pedro, cujo conteúdo é baseado na tese de doutorado de Rodrigues, defendida na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, pelo Departamento de Geografia, no ano de 1985. No livro, a autora insere informações

³⁵ Bibliografia Básica extraída do Plano de Curso do Ensino Fundamental.

e reflexões sobre a geografia, história e o turismo local, servindo de embasamento teórico para os conteúdos específicos do município abordados na disciplina de Turismo.

A Docente 3 também indicou alguns livros didáticos de Geografia³⁶ que foram utilizados em sala de aula por abordar o turismo em algumas de suas partes. Preocupamo-nos em compor um breve diagnóstico referente à existência de conteúdos de turismo inseridos em livros didáticos de Geografia da escola básica, com o intuito de identificar o embasamento teórico sobre turismo utilizado nas disciplinas de Geografia e Turismo.

O objetivo de nosso estudo não é o de elaborar uma discussão aprofundada sobre este assunto, e, por isso, realizamos uma análise mais simplificada com base apenas nas indicações da professora que leciona Turismo na Escola Municipal de Ensino Fundamental e Médio de Águas de São Pedro, referência do nosso estudo de caso sobre a inserção do turismo no ensino fundamental e médio.

A partir dos materiais utilizados pela docente, descobrimos que é crescente o número de livros didáticos de geografia em que o turismo aparece, porém, em grande parte dos materiais, é apenas citado como alternativa econômica e divulgação de belezas naturais do Brasil, deste modo, apenas três principais materiais de grande circulação nacional e editoras foram reunidos para exemplificar a utilização do turismo como um conteúdo novo no ensino de Geografia. Os livros indicados foram:

- ARAUJO, R.; GUIMARÃES, R. B.; RIBEIRO, W. C. **Construindo a Geografia**. São Paulo: Moderna, 1999.
- SENE, E. de; MOREIRA, J. C. **A Geografia no dia-a-dia**. 6ª série. São Paulo: Scipione, 2000.
- VESENTINI, J. W.; VLACH, V. **Geografia crítica**. Vl. 2. O espaço social e o espaço brasileiro. São Paulo: Ática, 2000.

Como não é nosso objetivo elaborar um estudo aprofundado sobre a inserção do turismo em livros didáticos de Geografia, apresentaremos no capítulo seguinte uma breve argumentação crítica sobre esses materiais.

Tendo em vista todo o embasamento teórico utilizado pela docente, a escolha dos conteúdos programáticos foi feita com a preocupação de diferenciá-los por séries, estabelecendo:

³⁶ Ver anexo 6.

- 5ª SÉRIE: turismo: conceitos e tipos; o comportamento do turista; os meios de transporte para o turismo; turismo local e regional; a história do projeto, a fundação e o desenvolvimento de Águas de São Pedro; pontos turísticos da Estância; a estrutura para o desenvolvimento do turismo no município; calendário turístico.
- 6ª SÉRIE: quem faz turismo; desenvolvimento turístico e conseqüências; a aparelhagem do turismo brasileiro; a classificação das cidades turísticas; o turismo nas regiões brasileiras; o ecoturismo: natureza X turismo; o litoral e as serras; a grande São Paulo e os atrativos culturais.
- 7ª SÉRIE: conceitos gerais de turismo; a localização espacial dos países americanos e o turismo diferenciado; os Andes e os esportes de inverno; os desertos e o turismo; o Caribe; os patrimônios históricos da América e o turismo cultural; os grandes parques temáticos; o passaporte e o visto; os problemas dos turistas e a diplomacia internacional.
- 8ª SÉRIE: o turismo no Mundo e a Globalização; atrativos turísticos, naturais e culturais; o turismo e a divisa internacional; os portos e aeroportos: aparelhagem do turismo; Europa: cultura X turismo; Ásia: o misticismo e as tradições; África: a natureza e o sincretismo cultural; Áreas polares e o turismo no gelo; Pacífico Sul e Ilhas da Oceania; o guia turístico.

Os conteúdos definidos de acordo com a série, têm uma ordem estabelecida que é iniciada, na 5ª série pelo estudo do turismo local e regional, com a preocupação de trabalhar a geografia, história e turismo de Águas de São Pedro. Na 6ª o estudo se amplia para o estado e Brasil, com destaque para as potencialidades do patrimônio natural e cultural do país. Na série seguinte, a 7ª, os alunos aprendem sobre o turismo na América, com destaque para América Central e do Sul e finalmente na 8ª amplia-se a escala para o mundo, destacando os continentes: Europa, Ásia, África e Oceania.

Ainda neste mesmo documento, na disciplina de Turismo, havia a proposta de um projeto da área de conhecimento que, devido ao ano de 2004 ser um ano de realização dos jogos olímpicos, adotou-se como tema as Olimpíadas de 2004, sediada em Atenas, Grécia.

Assim, o projeto foi então delineado da seguinte maneira:

Tema: Olimpíadas 2004 – Atenas

Objetivo: Perceber o turismo como integrante de um processo global de um acontecimento. Reconhecer a capacidade de adaptação do homem a espaços desconhecidos através de eventos esportivos.

Conteúdo por série:

5ª Série – Olimpíadas de Atenas – localização em relação ao Brasil

6ª Série – Brasil e Grécia: relações internacionais

7ª Série – Olimpíadas e as relações político-econômicas dos países participantes

8ª Série – Olimpíadas de Atenas e o turismo de eventos

Atividade de encerramento: Um painel com mapas, tabelas e gráficos sobre os participantes e resultados das competições.

Metodologia: Análise de textos de jornais e revistas; pesquisa na Internet e debates.

Avaliação: Envolvimento durante a elaboração do painel e qualidade das informações sobre o tema.

Este projeto direcionado e desenvolvido apenas no Ensino Fundamental II, teve como preocupação integrar os conteúdos de turismo trabalhados em sala de aula nas diferentes séries com um evento mundial, considerado o primeiro registrado no mundo, como um grandioso acontecimento que envolve um grande número de turistas e com a cobertura realizada pela mídia, os alunos podiam acompanhar, muitas vezes em tempo real, os acontecimentos, levando informações para a sala de aula transformando em conhecimentos.

A disciplina de Turismo também desenvolvida no Ensino Médio, teve seu plano de curso todo baseado no já utilizado pelo Fundamental, apresentando os mesmos objetivos e também todo o conteúdo programático, porém a preocupação em ofertar a disciplina com intuito de revisar os conteúdos aprendidos nas séries anteriores, também o aprofundar os conhecimentos dos educandos em determinados temas, apresentando-lhes o mercado de trabalho.

No Plano de Curso do Ensino Médio, a caracterização é feita como ensino médio regular, oferecido pela instituição educacional que atende ao disposto da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996.

O curso é regido pelas normas do regimento escolar da Escola Municipal de Ensino Fundamental e Médio de Águas de São Pedro e pelos dispositivos indicados no Plano de Curso, foi fundamentado legalmente por meio da Lei Municipal nº 1246 de 23 de dezembro de 2002, desta forma criou-se uma lei orgânica para que o curso de ensino médio fosse instituído na escola, tendo a sua primeira turma no ano de 2003.

A justificativa para tal feito foi com base no comprometimento da instituição educacional em assumir o ensino médio como parte integrante do sistema municipal de ensino da cidade de Águas de São Pedro, cuja principal preocupação, segundo o documento foi:

[...] manter vivo e dinâmico o processo de aprendizagem, em comum acordo com a comunidade local, sentiu a necessidade de implantar o curso de ensino médio municipal, para assim poder dar continuidade aos mecanismos pedagógicos vividos no ensino fundamental e cumprir o que rege a Lei nº 1195 de 20/12/2000, que dispõe sobre o sistema municipal de ensino e estabelece normas gerais para sua adequada implantação (PREFEITURA MUNICIPAL DE ÁGUAS DE SÃO PEDRO, s/d., mimeo).

Desta forma, o artigo 3º, inciso II da referida Lei, fornece amparo legal e administrativo para implantação do curso do Ensino Médio na rede Municipal de ensino. Os objetivos do curso estão de acordo com os estabelecidos nos Parâmetros Curriculares Nacionais (1998), definindo que o ensino médio deve contemplar conteúdos e estratégias de aprendizagem para capacitar o ser humano a desenvolver atividades na vida em sociedade, atividade produtiva e experiência subjetiva, visando a integração de homens e mulheres no tríptico universo das relações políticas, do trabalho e da simbolização subjetiva (Ibid.).

Há outros objetivos que compõe este documento como desenvolver competências básicas, situando o educando como sujeito produtor do conhecimento e participante do mundo do trabalho; desenvolver valores e competências necessárias à integração de seu projeto individual ao projeto da sociedade em que vive; proporcionar a aprendizagem com base na ética e no desenvolvimento da autonomia intelectual e pensamento crítico; desenvolver competências para continuar aprendendo, de forma autônoma e crítica, em níveis mais complexos de estudo; e preparar os educando para ingressar no ensino superior (Ibid.).

Como se vê, a intenção estabelecida com este ensino é a de formar pessoas com autonomia, iniciativa, criatividade e responsabilidade:

[...] Um educando com capacidade de situar-se como sujeito produtor do conhecimento, participante do mundo do trabalho e com condições básicas para prosseguir seus estudos seja no nível superior ou em outras modalidades de ensino (PREFEITURA MUNICIPAL DE ÁGUAS DE SÃO PEDRO, s/d., mimeo).

Novamente recorre-se à Lei de Diretrizes e Bases da educação Nacional – LDB para estabelecer que ao término do curso de ensino médio os educandos devem apresentar as seguintes competências: conhecimento de formas contemporâneas de linguagem; domínio de

conhecimentos de filosofia, sociologia necessários ao exercício da cidadania; consolidação e aprofundamento de conhecimentos adquiridos no Ensino Fundamental garantindo o prosseguimento dos estudos; preparação básica para o trabalho e a cidadania do educando, proporcionando-lhes uma formação ética, humana e o desenvolvimento da autonomia intelectual e o pensamento crítico; e a compreensão dos fundamentos científicos – tecnológicos dos processos produtivos, relacionando a teoria com a prática, no ensino de cada disciplina.

Percepções dos discentes

A disciplina de turismo até o momento foi descrita com base nas percepções docentes e nos planos de cursos utilizados para nortear tal ensino. Para elucidar a percepção dos discentes em relação ao fenômeno objeto de estudo, questionamos dez alunos que haviam vivenciado este ensino em todo o Ensino Fundamental II e no primeiro ano do Ensino Médio, sendo esta série a última que possui turismo na parte diversificada do currículo.

Os alunos após cinco séries estudando turismo foram questionados com a intencionalidade de se obter respostas pessoais e subjetivas para identificarmos o que o educando pensa sobre o estudo do turismo. Com o intuito de realizar uma análise fenomenológica do questionamento, realizamos novamente a redução fenomenológica, a partir dos discursos na linguagem dos sujeitos, extraímos a redução para obter unidades de significados e depois compomos o discurso articulado. Neste momento, propomo-nos estabelecer as categorias assertivas para a análise das respostas, sendo que para uma mesma questão identificamos que um dos entrevistados pode se enquadrar em mais de uma assertiva.

Assim, com base no seguinte questionamento: Você acredita ser importante estudar turismo? Por quê? As respostas obtidas foram reunidas nas seguintes assertivas:

- a) O ensino do turismo aperfeiçoa o conhecimento cultural (Alunos 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 10);
- b) O ensino do turismo amplia a visão de mundo dos educandos (Alunos 2, 3 e 7);
- c) Importância devido ao município ser caracterizado como estância ou cidade turística (Alunos 1, 8, 9);
- d) Estudar turismo visando empregabilidade ou como oportunidade de trabalho (Alunos 1, 4 e 8);
- e) Estimula a valorização da natureza (Aluno 3).

A opção em analisar os depoimentos dos alunos a partir da reunião em assertivas foi devido ao número de alunos ser maior que o número de docentes entrevistados e também porque como muitas das respostas eram comuns a mais de um aluno tivemos a preocupação de apontar todas as considerações, mesmo que o aluno apareça em mais de uma resposta.

O primeiro questionamento que nos dispomos a levantar foi sobre a importância de estudar turismo e grande parte dos entrevistados, cerca de 8 alunos, afirmaram que o ensino do turismo possibilita o aperfeiçoamento do conhecimento cultural, no sentido de que envolve o estudo relacionado à cultura, seja esta local, regional, nacional ou mesmo mundial.

O ensino do turismo para 3 alunos é visto como um estudo que amplia a visão de mundo, exatamente por trabalhar com as questões culturais em diversas escalas, do local ao global, como pudemos identificar nos conteúdos programáticos da disciplina de Turismo desenvolvida no ensino fundamental II e 1º ano do ensino médio.

É relevante destacar que outros 3 educandos identificaram a importância devido ao município de Águas de São Pedro – SP ser intitulada como estância turística, ou seja, as características da cidade são vistas como relevantes para o estudo na escola básica. Essa assertiva pode ser interpretada pela necessidade de se conhecer mais sobre a realidade local, conhecendo mais sobre aspectos históricos, geográficos e turísticos do município, como também pelo interesse em bem atender os turistas e visitantes que passam pela cidade.

Esta última hipótese é comprovada por outros 3 alunos que consideram a importância do estudo do turismo visando as oportunidades de emprego que podem surgir devido a existência do curso no currículo da escola básica. A empregabilidade aparece nos depoimentos e pode ser entendida como uma real preocupação dos jovens em relação ao futuro profissional na estância, uma vez que os empregos na localidade são restritos e muitos desenvolvidos a partir da atividade turística, sendo diretamente relacionados como trabalhos no setor hoteleiro, de alimentos e bebidas, entretenimento, em especial lazer e recreação. Indiretamente, atuando como fornecedores de matérias-primas e artesanatos para o comércio local, cuja maior movimentação acontece nas altas temporadas, que coincide na estância com o período das férias escolares e grandes feriados nacionais e estaduais; atuação no comércio; e ainda na administração pública municipal, que possui diversos cargos que são relacionados à atividade turística, como é o caso da Secretaria Municipal de Turismo, centro de Informações Turísticas, Secretaria de Educação e Cultura responsável pela promoção de eventos municipais, e também a administração do Balneário Municipal, um dos mais significativos

atrativos do município por usufruir em suas dependências as fontes de águas medicinais para ingestão e imersão para tratamento de doenças.

Contudo, as considerações apontadas pelos sujeitos que contribuíram com a descrição do fenômeno de estudo serão retomadas novamente no capítulo seguinte cuja finalidade é de interpretar e compreender fenomenologicamente a inserção do ensino do turismo na escola básica, destacando as contribuições deste ensino aos educandos, sob o ponto de vista dos docentes entrevistados e dos discentes.

3. A INTERPRETAÇÃO E COMPREENSÃO FENOMENOLÓGICA REFERENTE À INSERÇÃO DO ENSINO DO TURISMO NA ESCOLA BÁSICA

O atual capítulo visa dar continuidade à investigação sobre o fenômeno da inserção do turismo no ensino fundamental II e 1º ano do ensino médio, com o cuidado de compor a interpretação e compreensão a partir do fenômeno anteriormente descrito. Essa tarefa não só permitirá uma maior aproximação da essência de nosso fenômeno de estudo como também responderá a problemática levantada no início do trabalho sobre as contribuições da disciplina de turismo à formação básica dos educandos.

Os planos de cursos analisados da disciplina de Turismo desenvolvida no ensino fundamental II e 1º ano do ensino médio, suscitaram novos questionamentos sobre o uso dos mesmos objetivos para o curso desenvolvido nos dois âmbitos em destaque, revelando uma falta de direcionamento nos documentos em relação aos conteúdos programáticos, pois o que é desenvolvido em 4 anos, totalizando 160 horas/aulas de estudos, são condensados em 40 horas/aulas no ensino médio, o que segundo nosso ponto de vista acaba repetindo conteúdos como se fosse uma revisão e sobrecarregando a disciplina no sentido de trabalhar muitos conteúdos em pouco tempo. Deve-se levar em consideração que o caráter de revisão só é válido para os alunos que estudaram turismo nas séries anteriores e os alunos novos que ingressaram na escola apenas no ensino médio, estão tendo contato com a disciplina de turismo pela primeira vez. Mas qual é a necessidade de se revisar conteúdos de turismo?

O que identificamos é que pelo turismo ser uma nova área do conhecimento, os conteúdos inseridos nos planos de cursos ficam notoriamente limitados por estarem relacionados com a área de Geografia, transformando o ensino do turismo numa disciplina correlacionada aos conceitos geográficos, como se fosse um complemento desta.

Portuguez (2001), já bastante citado neste trabalho, considera essa prática como comprometedora e pouco válida em relação à contribuição da educação turística num processo de conscientização para o turismo, já que pelo caso estudado com a escola Municipal de Ensino Fundamental e Médio de Águas de São Pedro, a temática foi transformada em disciplina, tendo toda a carga de obrigatoriedade imposta da mesma forma que uma disciplina tradicional tem, com avaliações periódicas e controle de presença, sendo que a docente tem sua formação inicial em Geografia, por isso, os conteúdos são direcionados para essa disciplina.

O autor é extremamente crítico em relação a esse processo de disciplinarização, pois argumenta que ela é comprometedora e não favorável à conscientização dos jovens. Diferente desse posicionamento, consideramos que realmente pode existir um lado negativo como o apresentado pelo autor, porém ela passa a atingir um número muito maior de estudantes, destacando a importância de se estudar turismo numa cidade com a titulação de estância turística e hidromineral.

Acreditamos que o esforço da docente foi muito positivo e válido, no sentido de que mesmo não tendo formação específica em turismo, houve a preocupação da docente em pesquisar e estudar conceitos e teorias da área, com o intuito de elaborar uma disciplina que trabalhe com conhecimentos básicos de turismo. Vale destacar que além da experiência da docente na escola básica, ela também atuou como professora universitária no curso de Tecnologia em Turismo do SENAC.

O direcionamento metodológico para a geografia é identificado porque todos os conteúdos selecionados e separados por séries são paralelos às propostas de ensino de Geografia para o Ensino Fundamental II, pois basicamente na quinta série a Geografia fica centrada em trabalhar conceitos espaciais, de cartografia; na sexta noções sobre as diferentes regiões brasileiras, destacando a hidrografia, tipos de vegetação, relevo, solos e outros aspectos; na sétima o estudo do continente americano e na oitava os demais continentes.

A metodologia utilizada na disciplina também nos auxilia para complementar tal argumento, uma vez que as visitas técnicas, passeios e viagens serviam como exemplos e fixação de conhecimentos turísticos e geográficos trabalhados em sala de aula, como a elaboração de croquis, pesquisas sobre a localidade a ser visitada, destacando elementos geográficos, históricos e turísticos. Com a preocupação de dinamizar as aulas e tornar os conteúdos interessantes, foi proposto aos alunos vivências práticas do cotidiano profissional na área do turismo, como o auxílio na elaboração das viagens; serviços de bordo e de guias de turismo (simulados pelos alunos); visitas técnicas aos atrativos e a alguns equipamentos turísticos como hotel, parques temáticos, restaurantes, dentre outros. Houve também a proposição de um projeto anual para trabalhar uma temática atual dentro da disciplina de turismo, a professora adotou a temática das Olimpíadas com o intuito de construir os conhecimentos com base em informações passadas pelos veículos de comunicações sobre o país sede, sempre com o cuidado de relacionar as informações com conteúdos da disciplina.

Pelos depoimentos dos alunos, identificamos que a disciplina de turismo auxiliou positivamente na formação dos educandos, pois muitos relataram a importância do estudo do turismo no sentido de passar informações sobre o município, região, país e mundo. Os

conceitos geográficos são pouco citados, prevalecendo o estudo do turismo o ensino de culturas locais e globais.

Na elaboração do plano de curso do ensino médio houve o cuidado de detalhar os seus objetivos para este âmbito com base nos Parâmetros Curriculares Nacionais (1998b) e, por isso, estabeleceu-se como finalidade do curso: proporcionar uma formação que desenvolva a autonomia intelectual e o pensamento crítico; formar educandos como sujeitos produtores de conhecimentos; e prepará-los para o ingresso no Ensino Superior. Também há a preocupação em direcionar os jovens ao mercado de trabalho, sendo esta necessidade mais nítida neste âmbito.

Os objetivos formulados para a disciplina de turismo apontam para o estudo do turismo como atividade econômica, se no ensino fundamental já havia essa intenção, no ensino médio ela é ainda maior, pois além de utilizar os mesmos objetivos definidos no ensino fundamental II, há uma preocupação em apresentar melhor o mercado de trabalho na área.

Nas falas das Docentes 2 e 3, que foram apresentadas no capítulo anterior, pudemos perceber que o ensino do turismo é ofertado para suprir a necessidade de formar jovens preparados para o trabalho com turismo. A própria Docente 3, em entrevistas informais e em algumas passagens da formal, enfatizou que no ensino médio além de aprofundar os conhecimentos dos educandos na área de turismo, busca também envolvê-los e apresentá-los aos segmentos que compõem o setor, tais como: hotelaria (visitas ao hotel-escola do SENAC); alimentos e bebidas (restaurantes e similares do município); eventos (acompanhamento de eventos municipais); lazer e recreação (desenvolvendo atividades lúdico-educativas, dinâmicas na escola, viagens e passeios).

O interessante é que mesmo com essa intencionalidade, muitos alunos quando questionados sobre a importância de se estudar turismo, cerca de 8 dos respondentes afirmaram que o ensino proporciona um aperfeiçoamento do conhecimento cultural. Consideraram também, cerca de 3 alunos, que os conhecimentos ampliam a visão de mundo e outros 3 destacaram a importância de se conhecer as características do município, por este ser de caráter turístico. A empregabilidade é lembrada em 3 depoimentos, que visualizam o ensino como uma possibilidade de se conseguir futuramente um emprego na área.

O embasamento teórico utilizado pela Docente 3 incentiva os jovens a visualizar esse potencial econômico do turismo, pois com base nos livros didáticos de Geografia indicados por ela e utilizados em sala de aula, foi possível perceber que em todas as suas menções referentes ao turismo apontam para o seu caráter econômico, em que as potencialidades de geração de empregos, movimentação e crescimento econômico são benefícios positivos

obtidos com o desenvolvimento da atividade. Quando não são exaltados romanticamente esses impactos positivos, ressaltam as belezas naturais e potencialidades do Brasil. Os livros que foram indicados pela docente serviram de base para constituirmos essa breve análise, cujo detalhamento faremos neste momento.

O primeiro livro didático é o *Construindo a Geografia* dos autores: ARAUJO, R.; GUIMARÃES, R. B.; RIBEIRO, W. C (1999). O conteúdo de turismo é iniciado no capítulo 8, sendo este específico sobre a temática, intitulado de *Geografia do Turismo*, o qual contextualiza a atividade, a partir de 1945, como uma das atividades econômicas que mais cresceram pelo mundo atualmente, movimentando 300 bilhões de dólares. Pontuam também que o turismo de massa passou a ganhar forma em 1960,

[...] com ele, os turistas transformaram-se em consumidores de ‘pacotes’ vendidos por agências de viagem. Passagens aéreas, refeições, hotéis, ingressos de shows e de museus, tudo passou a ser minuciosamente planejado e comprado com antecedência (Ibid., p. 109).

Os autores complementam com um trecho do livro *O lugar no/do mundo* da professora Ana Fani A. Carlos para discutir sobre como é organizado um “city tour”, que interfere na naturalidade de uma viagem, no sentido de que uma viagem organizada por agências acaba com a espontaneidade devido a preocupação com os horários programados para passeios, horários das refeições, passeios e ainda as viagens organizadas suscitam o turismo massivo.

O turismo é entendido pelos autores como atividade econômica, destacam alguns dados sobre a empregabilidade, afirmando que são aproximadamente 130 milhões de empregos direta ou indiretamente ligados ao turismo, como garçons, motoristas de táxis, arrumadeiras, recepcionistas, tradutores e intérpretes dentre outros. Citam alguns países que se destacam por serem grandes emissores de turistas como é o caso da Alemanha e Japão.

No tópico sobre o Turismo como fenômeno urbano (ARAUJO, R.; GUIMARÃES, R. B.; RIBEIRO, W. C., 1999, p. 110), contextualizam a atividade turística identificando suas transformações ao longo dos anos. Apontam que o turismo foi criado pelos ingleses no século XIX, quando 85% da população era urbana, ocupando profissões como engenheiros, médicos, advogados funcionários públicos, comerciantes e outros, que trabalhavam e moravam nas cidades, porém sonhavam com casas no campo para passar finais de semana e até mesmo a inspiração artística dessa época ocorria em cenários naturais.

Utilizam a expressão francesa “faire un tour” para explicar que era usada no sentido de excursionar para o campo ou praia como forma de descanso e escapar do cotidiano urbano, porém apenas os nobres que possuíam mais tempo livre e tinham locais e preferências por destinos já definidos. Comentam sobre as viagens em luxuosos navios, destacando um transatlântico detalhado com terminologias específicas e infra-estrutura do navio (Ibid., 1999, p. 111).

Referente ao turismo mundial, os autores vão indicar os principais pólos e fluxos de turismo internacional, destacando os principais destinos mundiais como Espanha, França, Itália, Inglaterra, EUA, no continente africano países como Marrocos, Tunísia, Egito, Senegal, Costa do Marfim e Quênia; no Oriente Médio; Índia e Sudeste Asiático; América do Sul com países como Peru, Brasil, com destaque para as cidades do Nordeste, Rio de Janeiro, destacam as belezas naturais da Floresta Amazônica, Pantanal Mato-Grossense e a foz do rio Iguaçu.

É interessante que os autores diferenciam o turismo desenvolvido nos EUA do praticado na Europa, pois quase todas as atrações do primeiro são artificiais e criadas com a intenção de lucrar com a atividade, tanto que o país é considerado o maior centro de turismo internacional em arrecadação de dinheiro (Ibid., 1999). Exemplificam essa afirmação com atrações de Las Vegas e parques temáticos da empresa Disney. Tecem uma crítica a esta organização comentando sobre a morte de animais no transporte e adaptação à atração “Animal Kingdom”, um gigantesco zoológico com mais de duzentas espécies de animais, contando com aproximadamente 1000 animais expostos. Também complementam destacando atrativos naturais famosos como as Cataratas do Niágara e do Grand Canyon e culturais como Museu de História Natural e o Metropolitan em Nova Iorque.

O turismo no Brasil é abordado na seqüência com estatísticas sobre a entrada de estrangeiros no país e o estímulo ao potencial ecoturístico que o país possui. Os autores inserem um texto de autoria da Professora Dra. Adyr B. Rodrigues, referente ao ecoturismo no Brasil.

Pontuam que há iniciativas de implantação de infra-estrutura básica para o turismo; revitalização de centros históricos em núcleos urbanos, equipamentos turísticos e serviços em expansão. O Nordeste e Rio de Janeiro são apontados como sendo grandes destinos brasileiros, porém incluem outras cidades como Porto Alegre-RS, Manaus-AM, São Paulo-SP como portões de entrada desse fluxo internacional.

Ainda no livro, há um item que se refere aos impactos socioambientais que é formulado pelos autores como forma de estimular uma reflexão sobre o desenvolvimento turístico. Os autores argumentam que existem muitos lugares brasileiros com potencial

turístico, mas estes necessitam de hotéis, infra-estrutura de transportes e telecomunicações, informações turísticas para promover a atividade, assim como alguns tipos de turismo como o de eventos, negócios, compras, lazer e cultural muito bem desenvolvidos em cidades como São Paulo.

Os impactos negativos são considerados como problemas sociais e ambientais para países que não possuem infra-estrutura e rede de serviços dimensionados para receber grandes contingentes de visitantes. Alertam que na alta temporada a atividade turística pode comprometer a localidade visitada com acúmulo de lixo e outros problemas sérios de degradação ambiental; os moradores locais podem perder a privacidade; hábitos e costumes típicos podem virar espetáculos aos olhos dos turistas; elevação do custo de vida local; os souvenirs, as lembranças compradas nas cidades turísticas podem gerar degradação ambiental como os corais que são arrancados dos recifes, banalização da cultura local como a venda de artigos indígenas, etc.

A sazonalidade dos empregos gerados pelo turismo também é um dos assuntos abordados, cujos empregos crescem na alta temporada e diminuem na baixa. E o turismo sexual é incluído com uma reportagem publicada na Folha de São Paulo para fazer uma crítica sobre esta prática ilegal e criminosa, porém presente em algumas localidades turísticas do país.

A finalização do capítulo é feita com a duas questões de fixação dos conteúdos trabalhados: a primeira é para analisar um gráfico sobre a importância econômica do turismo no mundo contemporâneo e a segunda para elaborar um cartaz como propaganda do Brasil para outros países como os europeus, EUA e Japão.

As atividades sugeridas são distribuídas ao longo dos subitens analisados, a primeira atividade do capítulo pede para que o aluno escolha com base nos cadernos de turismo dos anúncios de jornais, um pacote turístico para que seja apresentado para a turma, apenas para indicar um destino para suas férias.

A segunda é uma atividade com base em arte européia cuja relação das obras com a atividade turística é por uma retratar o interior de um vagão de terceira classe de um trem e a outra uma representação de forças da natureza, ambas refletindo sobre a visão do artista sobre o campo e a cidade, fazendo com que o aluno reflita sobre o desenvolvimento urbano e industrial como fator que acentuou a separação campo e cidade.

Na terceira a proposta os alunos são incitados a elaborar uma exposição de cartões-postais já que, segundo os autores, estes representam uma marca registrada do turismo. A quarta e última é sobre a relação do turismo com a propaganda, trabalhando com imagem

visual com uma foto de uma paisagem litorânea de Cuba e na legenda elementos culturais do país para que os alunos possam compreender a mensagem visual da propaganda e extrair do texto atrativos do turismo cubano.

Este livro didático é o que mais avança no sentido de um ensino crítico do turismo. Por mais que o capítulo enfatize as questões econômicas e estatísticas, apresenta também elementos importantes para a reflexão inserindo textos de autores relevantes do turismo e textos jornalísticos que representam a realidade do turismo nacional. Os autores não ficam presos à conceituação, mas destacam os tipos de turismo praticados no Brasil, suas regiões e potencialidade turística; inserem os impactos socioambientais do turismo como a degradação ambiental, sazonalidade dos empregos gerados na alta temporada, banalização da cultura local e transformação de rituais e tradições em espetáculos; encarecimento do custo de vida; desenvolvimento do turismo sexual dentre outros impactos negativos que o turismo pode promover como forma de refletir o lado perverso dessa atividade, diferente de outros autores que apenas romantizam e vêem a atividade como uma visão econômica e elitista.

O livro-didático: *A Geografia no dia-a-dia (6ª série)* de Sene & Moreira (2000), diferentemente do anterior, não destaca o turismo como um capítulo em destaque e nem o relacionam coerentemente com conteúdos anteriores.

Há uma discussão na página 209 sobre uma citação de Andrighetti sobre as exportações de frutas oriundas da região Nordeste para países desenvolvidos como França, Holanda, Grã-Bretanha e EUA; contraditoriamente a este cenário próspero a realidade da mesma região é apresentada com destaque para a seca, fome; omissão do Governo para modificar esse cenário enquanto há uma legislação de amparo e incentivos às exportações.

Nessa mesma página, o item turismo aparece após uma questão reflexiva sobre o assunto anterior, sem nenhuma conclusão ou relação com o novo assunto. Iniciam a temática com três questões que abordam as motivações das viagens, necessidade de infra-estrutura básica para atendimento aos turistas e intensas visitas das praias do Nordeste o ano todo. Deste modo, sugerem os seguintes questionamentos:

[...] REFLITA E RESPONDA

1. Quando se fala em viagem, a primeira lembrança que nos vem à mente é o turismo. Existem outros motivos que levam as pessoas a viajar? Quais?
2. Qual é a infra-estrutura básica necessária para que os turistas sejam bem atendidos e guardem boas lembranças do lugar visitado?
3. As praias do Nordeste recebem turistas o ano inteiro, e não apenas no verão. Como se explica isso? (Ibid., 2000, p.209).

Sem nenhuma teoria prévia ou contextualização do turismo, percebemos que o conteúdo está deslocado do restante dos assuntos abordados. Fotos são inseridas com legendas para ilustrar festas religiosas; equipamentos turísticos como parques aquáticos; áreas naturais com potencial para o desenvolvimento do turismo ecológico que visa à preservação e conservação dos ecossistemas, sendo todas as referências sobre a região Nordeste brasileira.

Na página seguinte, o tópico de turismo é encerrado respondendo as questões iniciais sob uma perspectiva econômica, destacando as belezas naturais do Nordeste, com suas praias, parques ecológicos que se tornaram um grande pólo de visitação e que o movimento de turistas implica em investimentos em infra-estrutura nas rodoviárias, portos e aeroportos, em equipamentos turísticos como hotéis, pousadas, restaurantes, casas noturnas dentre outras, para chegar à conclusão de que o turismo é uma das atividades que mais gera empregos no mundo.

O último livro didático analisado é o de Vesentini & Vlach (2000), *Geografia crítica - O espaço social e o espaço brasileiro (Vl. II)*, tem a proposta de elaborar uma Geografia crítica como sendo um elemento que representa o movimento de renovação da Geografia atual. O intuito da coleção é o de manter e atualizar conceitos clássicos de geografia, evoluindo estes num momento histórico que exige novas perspectivas e formas de se compreender o mundo. Com esta preocupação novos conteúdos são agregados como o caso do turismo, inserido no terceiro capítulo onde se destaca a sociedade moderna e economia.

Os autores dissertam sobre o desenvolvimento do setor terciário destacando o turismo e iniciam o tópico, na página 32, fazendo uma breve contextualização histórica, afirmando que é uma prática que existe desde a Antiguidade, mas que é a partir do século XVIII que ganhou maior importância econômica e que até meados do século XX era uma prática elitizada. Os autores citam que hoje existe o turismo de massa, afirmando que é um turismo praticado por pessoas de baixa renda, definição questionável, já que o turismo massivo é definido pelo volume da demanda e não pela condição financeira do turista.

Eles destacam ainda alguns tipos de turismo de acordo com a procedência dos turistas, distinguindo os turistas domésticos ou nacionais dos internacionais. Incluem dados sobre a movimentação / deslocamento de pessoas para a prática da atividade e o crescente rendimento financeiro gerado, deixando claro o posicionamento dos autores que identificam o turismo como atividade econômica. Por fim, encerram o conteúdo com as diversas motivações que despertam a prática do turismo, seja por aprendizado, lazer, entretenimento, esportes, negócios, eventos, etc.

Com relação à questão que levantamos, embasados na proposta do material didático dos autores, sobre propor uma Geografia crítica, para renovar a atual, notamos que os conteúdos de turismo são apenas identificados como uma atividade econômica do setor terciário. Esses materiais apresentam superficialmente o tema com conceitos superficiais, desatualizados, com dados estatísticos quantitativos para demonstrar o crescimento da atividade, o quanto gera de renda e as motivações que movimentam deslocamentos de pessoas. Não há nenhuma reflexão, crítica ou aprofundamento sobre o assunto no sentido de que a atividade turística é extremamente complexa, é considerada por alguns autores (RODRIGUES, 1999; CARLOS, 1996) como sendo transformadora de espaços; é impactante porque a ação humana interfere no meio ambiente natural, sócio-cultural, movimenta a economia e, por isso, é visto como um novo elemento para obtenção de capital pela visitação o que incentiva a criação e recriação de espaços convertidos em produtos turísticos rentáveis a serem comercializados pelas agências de turismo.

O turismo, da forma como foi apresentado, está desarticulado de outros conteúdos que julgamos interessantes para se estabelecer uma conexão com a proposta dos autores de destacar a sociedade moderna e a economia, sendo assim, poderiam ter explorado conteúdos como: a ascensão do capitalismo; sociedade de massa e de consumo; desenvolvimento tecnológico, dos meios de transportes e comunicação; direitos trabalhistas como direito a férias, décimo terceiro salário, sendo que estes elementos vão contribuir diretamente para o crescimento do fenômeno turístico e assim contextualizá-lo na sociedade contemporânea.

A estruturação dos planos de cursos do Ensino Fundamental II e Médio foi toda embasada nas proposições da Lei de Diretrizes e Bases nº 9.394/96 e também nos Parâmetros Curriculares Nacionais, em que se destaca a idéia de desenvolver as competências.

No livro *Educação profissional: referências curriculares nacionais da educação profissional de nível técnico*, O Ministério da Educação aponta que um novo paradigma está surgindo com o conceito emergente de competências (BRASIL, 2000). Destacamos este documento porque dentre os cursos mencionados, o turismo foi abordado e por isso vamos destacar considerações relevantes ao presente estudo.

No documento foi estabelecido o seguinte pensamento:

Emerge, no novo paradigma da educação e, de forma mais marcante, na educação profissional, o conceito de competência, mesmo que ainda polêmico, como elemento orientador de currículos, estes encarados como conjuntos integrados e articulados de situações – meio, pedagogicamente concebidos e organizados para promover aprendizagens profissionais significativas. Currículos,

portanto, não são mais centrados em conteúdos ou necessariamente traduzidos em grades de disciplinas (BRASIL, 2000, p.10).

Esse paradigma da educação profissional, utiliza conceito de competência como elemento orientador do currículo, no sentido de que sua organização não é mais feita com base em conteúdos ou representado por grades de disciplinas, mas sim feita com a proposta de proporcionar aprendizagens profissionais mais significativas.

A competência é um termo polêmico, porém virou modismo na área educacional e vem sendo reproduzido a partir dos parâmetros curriculares nacionais para qualquer projeto ou mesmo plano de curso elaborado em instituições escolares, como apresentamos no nosso caso estudado. Porém, por mais que haja um movimento em não pensar a estruturação do currículo em grade de disciplinas, o ensino na escola municipal de Águas de São Pedro é todo organizado em disciplinas tradicionais e por uma parte diversificada. No caso da disciplina de turismo há uma preocupação com o desenvolvimento de um projeto temático, Olimpíadas 2004, cujo desenvolvimento poderia ser expandido para as demais disciplinas e não apenas trabalhado pelo turismo. Assim, da forma como é proposto e trabalhado, não há uma integração ou relação com outras disciplinas, impedindo qualquer prática interdisciplinar.

A proposta de estruturação do currículo sem a centralidade de conteúdos ou grades de disciplinas é o maior desafio da educação básica. Assunto complexo para a educação tradicional por seus professores terem formações específicas, atuando apenas nos limites de suas disciplinas. A questão fica ainda mais complicada para os educandos, como já foi mencionado no capítulo anterior pela Docente 2, os alunos não possuem maturidade suficiente para cursar uma disciplina que não seja aos moldes tradicionais, com carga de obrigatoriedade pelas presenças, notas e aprovação. Porém essa maturidade não é proporcionada a partir do momento em que as novas disciplinas da parte diversificada são criadas, reproduzindo as tradicionais, aumentando as atribuições aos alunos e aos professores que são os responsáveis pela existência dessa diversificação.

Contudo, como podemos pensar no desenvolvimento de competências?

No caso do turismo, cujo ensino visa à conscientização dos jovens em relação à atividade turística, como seria esse processo quando ele é instituído como disciplina obrigatória?

Utilizamos o termo *conscientização* porque no nosso caso estudado a disciplina de turismo é desenvolvida na escola básica durante 5 anos e, por isso, acreditamos que o ensino proporcione este estado em relação à atividade turística praticada na localidade.

Paulo Freire (1980) afirma que a educação como uma prática de liberdade é um ato de conhecimento, é uma aproximação crítica da realidade, complementa com o seguinte pensamento:

A conscientização implica, pois, que ultrapassemos a esfera espontânea de apreensão da realidade, para chegarmos a uma esfera crítica na qual a realidade se dá como objeto cognoscível e na qual o homem assume uma posição epistemológica (Ibid., p.26).

Em outras palavras, a partir do momento em que o turismo é transformado em disciplina, rompe-se com a espontaneidade de apreensão da realidade e compromete o processo de conscientização dos educandos em relação à realidade turística vivida pelos sujeitos que habitam a estância turística. A liberdade é extinta pela disciplinarização.

Segundo o autor, a conscientização só ocorre quando se ultrapassa a esfera espontânea de apreensão da realidade para atingir a esfera crítica, na qual a realidade é objeto que se pode conhecer e o homem assume uma postura de sujeito conhecedor, de pessoa ativa na construção do conhecimento, e a educação como ato de conhecimento deve proporcionar essa prática.

No caso da educação turística, só será possível tornar os cinco anos de ensino do turismo num processo de conscientização se houver um (re) planejamento da disciplina para que esta não esteja aos mesmos moldes das tradicionais, sendo o turismo uma temática passível de ser abordada em outras áreas do conhecimento, desenvolvendo trabalhos interdisciplinares, identificando o turismo como um tema transversal.

Os temas transversais na educação surgem de:

[...] questionamentos realizados por alguns grupos politicamente organizados em vários países sobre qual deve ser o papel da escola dentro de uma sociedade plural e globalizada e sobre quais devem ser os conteúdos abordados nessa escola (ARAÚJO, 1999, pp. 10-11).

O turismo além de ser uma área nova do conhecimento e em ascensão, seu ensino facilmente poderia ser desenvolvido como um tema transversal, pois a construção de seus conhecimentos está diretamente relacionada com realidade vivida pelos educandos e educadores que habitam a estância. A educação turística utiliza-se das características históricas, geográficas, culturais e turísticas locais para que os alunos se apropriem das vivências e experiências com o intuito de transformá-las em conhecimentos. Segundo Araújo (1999, p.13), por transversalidade compreende-se:

[...] que os conteúdos curriculares tradicionais formam o eixo longitudinal do sistema educacional e, em torno dessas áreas do conhecimento, devem circular, ou perpassar, transversalmente, esses temas mais vinculados ao cotidiano da sociedade. Assim, nessa concepção, se mantêm as disciplinas que estamos chamando de tradicionais do currículo (como a Matemática, as Ciências e a Língua), mas seus conteúdos devem ser impregnados com os temas transversais.

Essa concepção possibilita formas diferentes de se entender a relação entre conteúdos tradicionais e os transversais, assim, estes podem ser relacionados de modo intrínseco com aqueles, sem haver distinções claras entre os mesmos. Outra possibilidade pode ser com uma relação pontual, por meio de projetos ou módulos específicos cujo objetivo seria relacionar os conteúdos tradicionais, sendo estes ainda priorizados, com os novos transversais. E por fim, a forma mais interessante seria de estabelecer a relação integrando interdisciplinarmente os conteúdos tradicionais com temas transversais, entendendo o sentido da transversalidade dentro de uma concepção interdisciplinar do conhecimento (ARAÚJO, 1999).

A transversalidade do turismo representaria um tema comum às tradicionais disciplinas como a Geografia, História, Línguas, Biologia, Ciências, dentre outras, em que a realidade turística do município seria considerada, levando para a sala de aula temas vinculados ao cotidiano da sociedade, transformando o processo de educação turística num aprendizado que incentive os educandos a não ficar apenas no posicionamento de apreensão dos fenômenos da realidade, mas atingindo um estágio de crítica em relação ao mundo vivido.

Acreditamos que o ensino do turismo além de cooperar com o desenvolvimento do sentimento de *pertencimento*, levará os jovens a uma reflexão sobre a realidade turística vivida, aproximando-os do processo de conscientização. Esta entendida como:

[...] o olhar mais crítico possível da realidade, que a “des-vela” para conhecê-la e para conhecer os mitos que enganam e que ajudam a manter a realidade da estrutura dominante (FREIRE, 1980, p.26).

Com isso, a educação turística deve contribuir com a formação de um olhar crítico em relação ao turismo praticado na estância, para desmistificar as concepções românticas da atividade, nas quais são sempre exaltados seus benefícios econômicos proporcionados pelo desenvolvimento turístico. Esse conceito de olhar crítico pode ser identificado na educação turística no sentido de que esta promove o processo de conscientização, que só é possível a

partir do momento em que os educandos passam a ver a realidade de modo crítico, questionando as transformações físicas, ambientais, culturais e sociais ocorridas na localidade pela presença de fluxos de turistas e dos interesses mercadológicos.

Assim como é apontado pelo autor, os mitos enganam e auxiliam a manutenção da realidade da estrutura dominante. Fazendo uma analogia com o caso do turismo, os mitos promovidos pelo desenvolvimento turístico colaboram com uma dualidade de seu caráter, no sentido de que não apenas possui impactos positivos como geração de renda, empregos, valorização imobiliária, melhorias em infra-estrutura básica, de acesso e turística. Há outra face, uma negativa que pode ser representada pela má distribuição da renda; concentração de capital nas mãos de grandes empresários do ramo; abertura desleal do mercado turístico nacional para grandes empresas internacionais (como acontece geralmente no ramo hoteleiro), com facilidades e incentivos fiscais, barateamento de terras para novos empreendimentos; além de especulação imobiliária, encarecimento do custo de vida na localidade, prejudicando os autóctones, dentre outros efeitos (LAGE & MILONE, 2001).

Sobre essa necessidade que apontamos de modificar o foco do ensino do turismo, os parâmetros curriculares da educação profissional (BRASIL, 2000) pontuam que a nova educação profissional desloca o foco do trabalho educacional do ensinar para o aprender, no sentido de que os jovens necessitam aprender o que o mundo contemporâneo exige. A proposta de superação da educação baseada nos conteúdos do ensino para as competências construídas pelo sujeito que aprende. Com isso:

[...] a busca de alternativas menos monótonas, mais lúdicas e prazerosas, que orientou, muitas vezes, a escolha de métodos, de estratégias e de recursos de ensino, são substituídas pela visão de que conteúdos não se constituem núcleo de trabalho educacional: são insumos ou suportes de competências. Assim como os métodos ou processos não mais têm um papel secundário ou simplesmente ‘animador’, mas se identificam com o próprio exercício das competências (BRASIL, 2000, p. 10).

Ao nosso entendimento o ensino do turismo corrobora a concepção de competência porque o saber é articulado com o saber-fazer, ou melhor com habilidades, valores e atitudes desenvolvidos individualmente pelo aprendizado teórico e coletivamente por meio das atividades práticas e vivenciais.

Esse aprendizado coletivo desenvolvido por atividades práticas é o que, muitas vezes, tornam os cursos com um caráter profissionalizante. A exemplo disto, temos duas situações observadas no estudo de caso: a primeira é uma realidade que complementa as aulas teóricas

com atividades práticas como a visitação dos atrativos locais para estudar a Geografia e História local, como por exemplo uma visita ao Balneário Municipal de Águas de São Pedro com o intuito de conhecer a história da criação e fundação da estância hidromineral, bem como seus principais atrativos: as águas medicinais. Quando o aluno visita essa localidade após um estudo prévio em sala de aula, a atividade torna-se mais atrativa e interessante, fazendo com que o educando participe com maior envolvimento e curiosidade. Futuramente as competências e habilidades desenvolvidas nesta prática servirão para que o jovem possa transmitir informações sobre seu município para amigos, familiares, visitantes e turistas.

A segunda situação seria no auxílio de uma viagem em que os alunos participam da elaboração de um itinerário, realizam levantamento sobre atrativos da localidade visitada, acesso e outras informações gerais. Esses mesmos alunos, num segundo momento, no desenvolvimento da viagem, executam serviço de bordo no ônibus para atender os colegas na viagem e também passam informações que foram levantadas previamente, simulando um serviço de guia de turismo³⁷.

Nesta segunda simulação, nota-se que a atividade apresenta situações do cotidiano de trabalho no setor de viagens e turismo, em que há uma preocupação com o lado profissionalizante da disciplina, cujas habilidades profissionais são trabalhadas com os alunos. Nossa crítica não é em considerar tal feito como negativo apenas, pelo contrário, pois a atividade também envolve pesquisa prévia, mas o que se deve planejar é a articulação entre teoria e a prática profissional, não sendo esta tão apropriada para os educandos de ensino fundamental.

A questão levantada é complexa e nos remete a uma reflexão com base nesta prática para identificar qual é a finalidade de sua utilização, qual é a relevância em relação à teoria e as contribuições aos alunos. Estes devem ser estimulados a participar desta prática reflexiva e não apenas ter uma vivência apenas pela prática, pois dá margem para o entendimento de que o ensino do turismo é desenvolvido visando proporcionar um *treinamento* para futuras atuações profissionais, como muitos cursos profissionalizantes e superiores fazem.

Desta forma,

[...] o ensino do turismo deve atingir dimensão tanto teórica como prática e que o docente poderá aprofundar-se nos conhecimentos e direcionar o ensino quando tiver domínio do conteúdo e vivenciar a prática do turismo, realizando visita in loco, antes da abordagem em sala de aula ou

³⁷ O exemplo utilizado foi com base no relato da docente, em entrevista informal, sobre a viagem de formatura das oitavas séries do Ensino Fundamental, em 2003, cujo roteiro foi uma viagem interestadual para a cidade de Balneário Camburiu – SC.

em visita técnica com os alunos para aplicação da teoria na prática (...) para que tal situação ocorra, é preciso que o docente mantenha-se atualizado no que concerne à teoria, adequando-a à prática [...] (ANSARAH, 2002, p.29).

Essa relação teoria e prática é imprescindível no ensino do turismo e mesmo utilizando este pensamento de Ansarah (2002), voltado para o ensino superior, podemos utilizar também para a educação básica, por visualizarmos as viagens, passeios e visitas técnicas como atividades interessantes para proporcionar uma abertura para o desenvolvimento de um trabalho integrado com outras áreas do conhecimento, entendemos como uma brecha para que os docentes possam articular e efetivar trabalhos interdisciplinares com os educandos, lembrando que as viagens são sempre educativas e que proporcionam conhecimentos a partir de contatos com diferentes culturas, servindo para ampliar a visão de mundo dos educandos.

Essas dificuldades de integração entre professores são identificadas até mesmo em cursos técnicos de turismo, pois mesmo havendo uma grande oferta, em sua grande maioria não possuem laboratórios, recursos tecnológicos, biblioteca especializada, são distanciados do processo produtivo da área e docentes, muitas vezes, não têm experiência ou efetiva atuação no mercado de trabalho (BRASIL, 2000).

Assim,

As características e a dinâmica do processo produtivo da área de Turismo e Hospitalidade contra-indicam o modelo pedagógico usual, centrado quase que exclusivamente no desenho curricular por disciplinas, na maioria das vezes desarticuladas, apesar dos esforços de planejamento integrado, na dualidade teoria x prática, na aula tradicional como unidade básica de organização do processo de ensino-aprendizagem, embora incluindo algumas das tradicionalmente chamadas 'atividades extracurriculares'. Este modelo é marcado, também, pelo conformismo com a falta de investimentos e recursos e pela inadequação ou desatualização dos professores (BRASIL, 2000, p.20).

Essa argumentação é referente aos cursos técnicos e profissionalizantes, no caso da escola básica, nosso enfoque em questão, as exigências são outras, sem haver uma preocupação com a existência de laboratórios, recursos tecnológicos, docentes com atuação no mercado turístico. O ensino para este âmbito fica comprometido pela falta de livros para nortear os estudos dos alunos e, principalmente, a pesquisa e o preparo das aulas do professor. No nosso caso estudado a professora além de contar com sua experiência como docente do

curso de Tecnólogo em Turismo do SENAC, tinha livre acesso à biblioteca desta mesma instituição, o que facilitou seu trabalho.

A Escola Municipal de Ensino Fundamental e Médio de Águas de São Pedro é uma escola pública e devido a este fato, o uso de equipamentos tecnológicos poderia ser uma limitação, porém a escola foi equipada com computadores ligados à Internet por também possuir a disciplina de Informática na parte diversificada do currículo, facilitando a navegação por “sites” relacionados ao turismo para auxiliar nas pesquisas escolares.

Outro fator comprometedor, sendo este o mais prejudicial para a disciplina, é o referente às realizações de viagens, pois cada aluno, individualmente, responsabiliza-se pelo custeio de suas viagens. Tanto que quando estas são realizadas fora da região, há uma diminuição na participação dos alunos, diferente das visitas ou passeios programados na cidade ou região cuja aderência é maior, obtendo um melhor aproveitamento devido a maior participação dos alunos.

A dualidade teoria x prática não pode ficar comprometida pela falta de investimentos e recursos para desenvolver as atividades práticas fora da sala de aula. Como a falta de recursos para resolução de problemas básicos da escola pública é uma realidade, assim como escassez de materiais escolares, recursos didáticos, equipamentos eletrônicos, manutenção patrimonial, eventos, dentre outros; as viagens, visitas ou mesmo passeios não podem ser custeados pela Instituição. Em Águas de São Pedro até houve um auxílio por parte da Prefeitura Municipal em algumas visitas técnicas que foram realizadas com o empréstimo do ônibus municipal, porém o veículo prestava serviços para atender o transporte de todos os alunos da rede municipal, ficando sempre comprometido pelo seu uso habitual.

A educação turística concentrada na sala de aula perde todo o seu sentido, tornando-se menos relevante porque ao trabalhar a teoria como nas disciplinas tradicionais há uma grande perda dos objetivos da proposta e do desenvolvimento metodológico de um trabalho educacional, cujas experiências vivenciais dos educandos são essenciais para uma integração da teoria com o contexto e a realidade local.

Em relação aos professores que ministram a disciplina de turismo o que identificamos é que devido ao turismo ser transformado em uma nova disciplina, assim como é uma realidade dos cursos técnico e profissionalizantes, na escola básica também há uma desarticulação entre os docentes porque cada um atua dentro dos limites de suas disciplinas, não havendo um trabalho integrador ou interdisciplinar entre as demais. A nova disciplina, no caso a de Turismo, é vista como desconhecida, ou mesmo àquela disciplina que só realiza passeios e viagens e assim quando há participação de outros docentes, essa participação fica

limitada a um acompanhamento nas viagens para cuidar e se responsabilizar pelos educandos da instituição e toda parte pedagógica fica a cargo da docente responsável pela disciplina.

Novamente, enfatizamos que essa questão deve ser superada pela educação básica, porém a articulação fica comprometida, tendo em vista a realidade das condições de trabalho e salário dos professores que, nas viagens extracurriculares fora do horário de aula, não recebem remuneração alguma, mas aumenta a sobre-carga de trabalho o que pode provocar um desestímulo e prejudicar essa integração entre docentes.

3.1. Municipalização do ensino e o currículo da educação básica de Águas de São Pedro

O caso que estudamos no município de Águas de São Pedro serve como referência do processo de municipalização do ensino brasileiro. Seu entendimento pode ser contextualizado, primeiramente, com a idéia de descentralização da educação que foi marcante na década de 1980 e 90, em que quase todos os países latino-americanos fomentaram este sistema, seja em países democráticos ou mesmo os que viviam a realidade de uma ditadura militar (OLIVEIRA, 1999).

Esse processo foi bastante incentivado por organismos internacionais como ONU, BID e OEA, ligados à promoção da educação cuja recomendação é a descentralização. Assim, “[...] na descentralização estaríamos nos afastando do centro, ou seja, as decisões e as definições de ações para a alocação de recursos, em graus variados de autonomia, seriam tomadas em instâncias outras que não as centrais” (Ibid., p. 14).

As decisões são então tomadas pela administração pública municipal, ficando esta responsável pelo oferecimento da educação básica pública e gratuita. Com essa autonomia, a Secretaria de Educação e Cultura planejou um currículo diferenciado para a escola Municipal, com a proposta de oferecer escola pública de qualidade para os munícipes de Águas de São Pedro, que segundo relato da Docente 2, buscavam escolas particulares e estaduais em municípios vizinhos como São Pedro e Piracicaba.

A proposta ficou centrada na diversificação do currículo com a inserção de temas emergentes e atrativos como é o caso das disciplinas de Informática, Psicologia, Espanhol, Inglês, Ecologia, Ética e Turismo. A municipalização não seria apenas no âmbito da educação infantil e ensino fundamental, a proposta se estendeu para o ensino médio.

A municipalização segundo Arelaro (1999) é a transferência de responsabilidades para os municípios com o respectivo direito de definir administrativa, política, pedagógica e financeiramente o sistema educacional, transferindo aos municípios procedimentos administrativos-políticos, para racionalizar e / ou agilizar ações, porém o controle e a gestão do processo decisório continuam a cargo do Estado. Em outras palavras, o município tem a liberdade de administrar a educação desde que as diretrizes curriculares nacionais sejam seguidas e tendo de se adaptar aos escassos recursos enviados pelo Estado, fazendo uso racional e prestando contas de cada movimentação financeira.

O processo de municipalização pode ser explicado da seguinte maneira:

A modalidade municipalizadora, no caso brasileiro, compreende três possibilidades: o Município se encarrega de todo o ensino, em um ou mais níveis, no âmbito de sua jurisdição; o Município se encarrega de parte das matrículas, convivendo no mesmo território com a rede estadual; o Município se encarrega de determinados programas (merenda escolar, transporte de alunos, construções escolares, funcionários postos à disposição das escolas estaduais, por exemplo), os quais são desenvolvidos junto à rede estadual. Essas possibilidades podem se dar por intermédio de convênios, os quais se tornam bastante comuns a partir da década de 1980, ou, no caso das redes próprias, por iniciativa do Município, conforme a legalização atualmente em vigor (OLIVEIRA, 1999, pp.16-17).

A referida modalidade municipalizadora no caso do Município de Águas de São Pedro foi estabelecida definindo que o Município se encarregaria de toda educação infantil e ensino fundamental, com a proposta de criar o curso de Ensino Médio a partir do ano de 2003, ficando na responsabilidade do município parte das matrículas, que antes, neste último âmbito era de exclusividade da Escola Estadual de Ensino Médio “Ângelo Franzin”. E essa possibilidade foi proporcionada legalmente pois:

[...] a Constituição aprovada em 1988 amplia a autonomia dos Estados e Municípios, promovendo estes à condição de entes federados. Quanto à educação, estabelece que ‘a União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios organizarão em regime de colaboração seus sistemas de ensino’ (Art. 211, § 2º) (Ibid., p.27).

Porém, mesmo a prioridade de atuação do município ser sobre a oferta da educação infantil e ensino fundamental, com a intenção de municipalizar o ensino médio regular, a Secretaria de Educação e Cultura, como representamos anteriormente, preocupou-se em criar uma nova proposta referenciada na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996, as Diretrizes Curriculares nacionais para o Ensino Médio, parecer CEB nº 15/98 e a Resolução CEB/CNE nº 03/98, como conta no plano de curso do ensino médio.

Com respaldo legal a partir de leis nacionais, a Secretaria de Educação e Cultura criou a Lei Orgânica Municipal nº 1246 de 23 de dezembro de 2002, para instituir o curso de Ensino Médio iniciado no ano seguinte, 2003, sendo o curso regido pelas normas fixadas pelo regimento escolar da Escola Municipal de Ensino Fundamental e Médio de Águas de São Pedro e pelos dispositivos indicados no Plano de Curso.

Com a base na matriz curricular estabelecida para o ensino médio, além da base nacional comum de 2.920 horas totais com as disciplinas tradicionais, complementou-se o

currículo com mais 760 horas pelas disciplinas da parte diversificada, compreendendo as seguintes disciplinas³⁸:

- Inglês; 2 horas/aulas semanais;
- Técnicas de redação: 2 horas/aulas semanais;
- Espanhol: 1 hora/aula semanal;
- Informática: 1 hora/aula semanal;
- Psicologia: 1 hora/aula semanal;
- Turismo: 1 hora/aula semanal.

Todos esses elementos destacados no plano de curso do Ensino Médio serviram para justificar a diversificação do currículo, em que o Turismo – assim como no Ensino Fundamental – aparece como uma nova disciplina da parte diversificada a partir da matriz curricular, com uma aula semanal, totalizando 40 horas a serem cumpridas por esta disciplina. Vale destacar que a mesma carga horária é utilizada para cada uma das séries do Ensino Fundamental II, compondo 160 horas ao término deste curso. Desta forma, os educandos da rede municipal podem concluir a Educação Básica com até 200 horas de estudos pela disciplina de Turismo.

A liberdade da escola em estruturar seu currículo de acordo com as necessidades e características locais, reafirma o papel da escola como local de tomada de decisões, não se limitando apenas à administração, mas também às decisões curriculares feitas em parcerias com professores, com base nas carências e necessidades para a formação dos educandos e envolvimento dos pais.

Pacheco (2003) defende a tese de que a definição da política curricular é espaço público de tomada de decisão, ou seja, a estruturação do currículo vai além das decisões tomadas pela administração escolar, no caso da EMEFMASP, o currículo foi complementado pela parte diversificada com o intuito de proporcionar uma formação de qualidade, atendendo as novas demandas da contemporaneidade e ainda contemplar a particularidade do município, com a caracterização de estância turística e hidromineral, ofertando o ensino de turismo.

Segundo Pacheco (2003, p. 10):

[...] o currículo, enquanto projeto educativo e projeto didático, encerra três idéias-chave: de um propósito educativo planejado no tempo e no espaço em função de finalidades; de um processo

³⁸ Informações obtidas do Plano de Curso do Ensino Médio (ver anexo 4).

de ensino / aprendizagem, com referência a conteúdos e atividades; de um contexto específico – o da escola ou organização formativa.

No currículo da EMEFMASP, com base na concepção de currículo como projeto educativo e didático, identificamos as disciplinas da parte diversificada com seu propósito educativo bem definido em função da finalidade de se ofertar uma educação contextualizada a partir da realidade turística vivida pelos educandos e educadores, bem como o atendimento às novas tendências da educação contemporânea, destacando o ensino de novas tecnologias, idiomas e a psicologia.

O que podemos afirmar com base no estudo que desenvolvemos é que ao mesmo tempo em que o currículo é diversificado com a inserção de disciplinas com temáticas emergentes, vale destacar que essa educação, conforme sustenta Pacheco (2003), serve para reafirmar o status cultural, protegendo os que a dominam e impondo barreiras aos que se encontram no seu exterior, sendo o mercado o centro do conflito marcado pelo status.

Em outras palavras, a EMEFMASP, como afirmou a Docente 2, a partir dessa reestruturação curricular passou a ganhar destaque na região, tendo uma crescente e considerável demanda, fazendo com que até mesmo alunos da rede privada de municípios vizinhos procurassem a instituição, assim, estabeleceu-se que os munícipes de Águas de São Pedro tinham prioridade nas matrículas e o restante das vagas atenderia aos demais interessados podendo ser de outros municípios. Devido à escola ser pública e gratuita, a restrição só ocorre pelo número de alunos matriculados, sendo acessível a todos os interessados.

O currículo entendido como construção cultural representa o encontro de práticas, em que a escola é arena política e cultural, onde dos *habitus* escolares resultam das relações de poder (PACHECO, 2003). É arena política por ser local de tomada de decisões e cultural por servir como lugar da luta e disputa ideológica.

O autor complementa com a seguinte argumentação referente ao entendimento do currículo como construção cultural:

[...] construção das políticas curriculares na base de uma lógica cultural que tem por parâmetros fundamentais a centralidade da comunidade educativa e as políticas de identidade e representação em uma perspectiva crítica (Ibid., p.102).

Com isso, o currículo com base na lógica cultural é estruturado tendo como foco as três premissas seguintes:

- Centralidade na comunidade educativa;
- Políticas de identidade;
- Representação em uma perspectiva crítica.

A comunidade educativa detém o poder da construção e reformulação do currículo, porém no caso analisado, por mais que o contexto da realidade local tenha sido considerado, respeitando necessidades e interesses de alunos e pais, a educação foi estruturada com base nas novas exigências do mercado, sendo a diversificação dos currículos (status cultural) da escola básica da educação municipal como sinônimo de qualidade e fator significativo para concorrência com o ensino privado.

A descentralização da educação com a municipalização do ensino básico em Águas de São Pedro, por mais que represente autonomia conquistada pelo município, o currículo da EMEFMA SP foi estruturado aos moldes dos Parâmetros Curriculares Nacionais, com a reprodução de diretrizes e conceitos estabelecidos neste documento que, na maioria vezes, são apenas utilizados no plano teórico, pois na prática a inovação conquistada com a diversificação do currículo perde seu caráter original, identitário e contextualizante pelas novas disciplinas seguirem o modelo das tradicionais do ensino.

A questão da identidade relacionada com a concepção do currículo está presente no sentido de pensar que a escola é local e espaço de produção de identidades, “[...] implica reconhecer que a natureza subjetiva e cultural de currículo, quer as práticas de sua (des) construção. Daí que o currículo seja entendido como uma prática discursiva e com uma autoridade textual” (PACHECO, 2003, p. 103).

O currículo elaborado como texto é uma prática discursiva que releva a identidade, possui autoridade textual devido ao poder dos redatores que a utilizam para legitimar o texto particular, a imagem que será criada e todas as interpretações que serão reunidas para compreensão.

A identidade em tempos pós-modernos vive uma crise, segundo as reflexões de Hall (2003), este fato implica no declínio das velhas e tradicionais identidades que estabilizavam o mundo social e que no atual contexto mundial se encontram fragmentadas. O sujeito, hoje, possui diversas identidades, sendo estas muitas vezes contraditórias.

A noção de cultura não é mais facilmente definida, pois as concepções consagradas estão entrando em colapso devido às mudanças institucionais e estruturais. O autor afirma que “[...] o próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático” (Ibid., p.12).

O sujeito pós-moderno é caracterizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. Há uma “celebração do móvel” em que há uma constante transformação devido às influências de sistemas culturais presentes em nossas vidas.

Portanto, pensar a identidade presente nos currículos escolares é a identificação de símbolos coletivos e da representatividade das necessidades contemporâneas, assim o currículo é sempre resultado de uma constante luta e conflitos. Sua estruturação política é visível nos conteúdos, na organização e na avaliação. Os conteúdos são organizados e selecionados com base nas necessidades mercadológicas e também pela necessidade de projetar os alunos da Educação Básica ao ensino superior, surgindo a necessidade de preparo para o vestibular que, geralmente, define o foco do ensino médio, tanto que a EMEFMASP passa a se espelhar em escolas privadas como referência, almejando um bom desempenho de seus alunos no vestibular.

É relevante destacar que esse novo posicionamento é preocupante no sentido de definir a educação, selecionando conteúdos mais presentes nos vestibulares de universidades do país, para que sejam trabalhados, comprometendo propostas mais locais como o próprio ensino do turismo, ou mesmo de história e geografia locais, pois podem ser conhecimentos desprezados pelos alunos por não representarem conteúdos preparatórios para o vestibular.

Contudo, a experiência de municipalização da escola básica na cidade de Águas de São Pedro, atendeu a todos os âmbitos até o ano de 2005, pois no final deste, por decisão da Administração Pública Municipal, o ensino médio, a partir de 2006, fica na responsabilidade do Estado apenas. A Secretaria de Educação e Cultura, no final de 2005, reuniu todos os estudantes do ensino médio para comunicar esta resolução, alegando que as dificuldades financeiras impediam a manutenção do curso e que todos os alunos da EMEFMASP seriam remanejados no ano seguinte para a Escola Estadual de Ensino Médio “Ângelo Franzin”. Desta forma, em 2006 a escola municipal volta a ser apenas EMEFASP, com a continuidade das propostas de diversificação do currículo do ensino fundamental, apresentadas anteriormente. O Turismo continua como disciplina desenvolvida nas quatro últimas séries do ensino fundamental.

Assim, com a preocupação de respondermos o questionamento sobre as contribuições do ensino do turismo para a formação dos educandos, reunimos as percepções dos docentes e dos alunos com o intuito de finalizarmos nosso estudo.

3.2. As contribuições da disciplina de turismo à formação dos educandos do ensino fundamental II e ensino médio.

As percepções dos docentes entrevistados sobre esse questionamento apontam para uma modificação positiva no comportamento dos jovens; uma ampliação na visão de mundo, como identifica a Docente 1 em seu relato pontuando que o ensino do turismo é positivo pela modificação no perfil dos alunos que se apresentam mais motivados, pelo ensino abrir novas perspectivas, descobrindo oportunidades. Segundo a professora, faz com que o aluno busque uma Universidade, pois o ensino do turismo mexe com a auto-estima dos jovens, com o imaginário e com sonhos.

Devido ao caráter multidisciplinar do turismo e por seus alicerces serem estruturados com base na cultura, os educandos ao estudar turismo passam a modificar positivamente sua visão de mundo, desenvolvendo comportamentos mais responsáveis durante as viagens, tendo maior interesse e curiosidades pelas localidades e culturas visitadas. Ao utilizar viagens, passeios e destinações turísticas como referências nas aulas, o aluno é incentivado a sonhar com a possibilidade de praticar turismo, por isso, a professora considera que este ensino trabalha com o imaginário, sonhos, mexe com a auto-estima, desenvolvendo a criatividade e potencialidades dos alunos.

A Docente 2 afirma que melhorou a qualidade da escola municipal com a diversificação dos currículos de ensino fundamental e médio, e novas disciplinas como a de Turismo passou a despertar maior interesse dos pais e comunidade em relação ao ensino oferecido. Os alunos ficaram mais estimulados em aprender, valorizando a escola pública municipal por este ensino possibilitar uma formação mais atualizada, em que são considerados conhecimentos relevantes para a educação atual como ensino de Línguas (Inglês e Espanhol), Informática, Meio Ambiente, Psicologia e Turismo. Vale destacar que na diversificação, segundo a Docente 2, as novas disciplinas também auxiliaram no melhor desempenho dos educandos nas disciplinas tradicionais, já que aquelas, muitas vezes estão relacionadas com estas, como é o caso do ensino de História, Geografia, Ciências, Biologia e outras.

A Docente 3 comenta que os alunos gostam muito da disciplina pois aprendem de forma lúdica, com experiências ‘in-loco’. Identifica as mudanças de comportamento em relação à receptividade e respeito aos turistas bem como a um maior interesse pelos acontecimentos e eventos locais. Essas mudanças comportamentais foram previstas na criação da disciplina de turismo, já que segundo os relatos desta professora, os jovens não estavam

preparados para receber e passar informações sobre seu próprio município. Não conheciam a história, a geografia e nem sabiam do porquê da cidade possuir a titulação de estância turística e hidromineral.

A educação em turismo, conforme argumenta Ansarah (2002, p. 27), deve

[...] propiciar ao aluno uma clara percepção da sociedade na qual o curso está inserido e do mercado em que irá atuar, assim como a contextualização de sua responsabilidade social e política.

Assim, a partir do ensino do turismo, os jovens não só aprenderam sobre o contexto real da localidade como também este processo serviu como forma de sensibilizar os educandos para valorização de sua própria cidade, seus patrimônios culturais e atrativos turísticos.

As percepções dos discentes sobre as contribuições do ensino do turismo apontam elementos diversos e de grande valia por representarem o público-alvo da educação turística, num total de 10 respondentes (lembrando que um único respondente pode entrar em mais de uma assertiva), elaboramos a redução fenomenológica para interpretar e compreender as falas, destacando as seguintes assertivas:

- a) Conhecimentos sobre a história e geografia da cidade (Alunos 1, 2, 5, 10);
- b) Aproveitamento das viagens como turistas (Alunos 1, 2, 3, 7);
- c) Formação educandos preparados para atuação no mercado de trabalho (Alunos 4, 7 e 9)
- d) Interesse por aprender sobre culturas (Alunos 6 e 7)
- e) Modificação do olhar em relação ao mundo (Alunos 2 e 3);
- f) Turismo auxiliou no aprendizado de disciplinas relacionadas a esta área do conhecimento (Aluno 8).

As contribuições do ensino do turismo para a formação dos educandos foram reunidas em assertivas e colocadas na ordem decrescente de aparição de fatores relevantes nas respostas para constituição de nossa análise, assim, primeiramente, identificamos que 4 alunos apontaram como contribuições os conhecimentos de história e geografia da cidade trabalhados na disciplina. Esses conteúdos não são vistos apenas como conhecimentos gerais, mas visualizam uma aplicabilidade no sentido de que 2 respondentes complementam como sendo

importantes para passar informações corretas sobre a localidade, visando atendimento aos turistas e demais interessados pelos atrativos da estância.

Outros 4 alunos acreditam que a partir do ensino do turismo é possível se aproveitar melhor as viagens e passeios, ou seja, os alunos se posicionam como potenciais turistas e por terem estudado turismo saberão aproveitar melhor as viagens. Essa resposta é bastante relevante por indicar que os educandos não estão apenas preocupados com o futuro profissional do ensino do turismo, comprovando com essa assertiva que os conhecimentos trabalhados na disciplina são válidos e aplicáveis em suas vidas nos momentos de prática do turismo.

A preocupação com a formação que visa formar educandos para o mercado de trabalho apareceu em 3 falas, que segundo os alunos o ensino do turismo pode proporcionar oportunidades profissionais. Dentre os alunos respondentes um acredita que turismo será sua futura carreira profissional e, por isso, destacou como relevante a contribuição para sua formação básica.

A contribuição da disciplina para 2 alunos foi no sentido de que o ensino de turismo motivou e despertou maior interesse em aprender sobre culturas, em especial a de outros países. Pela disciplina ser estruturada nos quatro anos de ensino, partindo de conhecimentos compreendidos numa escala local para a global, culturas de diversos continentes são apresentadas, fomentando a curiosidade e interesse dos jovens. E a consequência deste ensino é refletida na resposta de outros 2 alunos que consideram o ensino do turismo responsável por uma modificação do olhar em relação ao mundo, expandindo as percepções dos discentes da realidade local de Águas de São Pedro para o mundo.

Para finalizar, um aluno apontou que o ensino do turismo auxiliou no aprendizado de outras disciplinas relacionadas a esta área de conhecimento, destacando mais uma vez o potencial interdisciplinar da educação turística passível de ser trabalhada junto das tradicionais disciplinas.

O ensino do turismo na escola básica pode ser empregado como um conhecimento interessante e eficaz para atuar num processo de conscientização turística, pois com a disciplina de Turismo os educando aprendem sobre a geografia, história, economia, turismo e cultura locais. Ao cursar a disciplina, os alunos tornam-se turistas mais responsáveis, interessados pela cultura visitada e atuam com maior respeito para com a localidade e população anfitriã.

Pellizer (2004), considera propostas de turismo pedagógico voltado para as escolas como positivas no sentido de proporcionar vantagens como as possibilidades de vivência

direta da realidade, o entendimento de que o ensino, embora tenha a sala de aula como um início e um fim, não está restrito às aulas e a ampliação do processo de compreensão se estabelece nas atividades de estudo do meio, com experiências e vivências ‘in loco’.

O autor considera o turismo pedagógico como sinônimo de estudo do meio, tem uma visão equivocada em relação às atividades extracurriculares da escola básica, pois considera as potencialidades do turismo como um processo de educação informal e não-formal a ser utilizado pelas escolas. Pelo autor não especificar o seu entendimento por educação informal e não-formal, desconsidera que a inserção do turismo na escola básica é o desenvolvimento de um trabalho extracurricular ou mesmo curricular porque as viagens podem ser programadas e previstas na carga horária de uma disciplina e, por isso, faz parte da educação formal. Como já definimos no 1º capítulo, a prática do turismo pode ser um método de educação informal (REBELO, 1998), pois ao realizar uma viagem o turista entra em contato com o cotidiano turístico, novos hábitos, costumes, cultura, sofre influências e muda as atitudes perante o fenômeno turístico.

Pellizer (2004) argumenta que as atividades de turismo, estudo do meio, visitas técnicas que são gerenciadas pela escola são um desvio da atividade que é feita sem a “[...] necessária competência e o devido credenciamento” (Ibid., p. 54).

As viagens elaboradas pelo professor da escola básica, sob o ponto de vista do autor, não são atividades extracurriculares ou mesmo programadas por uma determinada disciplina cujos objetivos a atingir estão relacionados com as aulas teóricas e metodologias pré-determinadas. Seu posicionamento fica ainda mais complicado quando estamos falando da escola pública, onde muitos alunos não dispõem de recursos financeiros para contratar os serviços competentes, credenciados e profissionais das agências de turismo, sendo que esta dificilmente conseguirá formular um “pacote turístico” de turismo pedagógico ou estudo do meio que atenda às necessidades e particularidades de cada instituição escolar. Cabe somente ao professor, em conjunto com outros profissionais da escola e com seus alunos, decidir e formular as viagens, estudos do meio, visitas técnicas adequados à realidade educacional e do público-alvo. A contratação de uma agência de turismo seria mesmo para viagens de confraternização, formatura, sem a preocupação com a aprendizagem ou relação com alguma disciplina, apenas com a preocupação de proporcionar lazer e descanso.

Outra passagem que revela o posicionamento do autor é a seguinte:

Denominada como excursão, viagem, passeio, visita técnica, a operação de turismo, legalizada e credenciada, em razão dos cuidados e das precauções necessários ao conforto e à

segurança dos viajantes, bem como ao melhor aproveitamento da excursão ou evento, principalmente se contar com a participação de um acompanhante técnico especializado. É importante que a escola transfira a responsabilidade pela execução do evento ou operação / realização da viagem para uma empresa especializada e credenciada, com condições de organizar o serviço incluindo itens que o viajante comum esquece ou negligencia. Além da escolha do meio de transporte, a agência de turismo deve garantir assistência ao participante, contratação de profissionais específicos ou monitores, entre outros serviços (PELLIZER, 2004, p.57).

Com este trecho fica clara a visão mercadológica do autor, que defende as agências de turismo como sendo empresas especializadas e credenciadas para organizar e oferecer serviços e produtos turísticos de qualidade, revelando o desconhecimento do autor em relação à escola pública. Acreditamos que uma viagem, estudo do meio ou visita técnica organizados por agências interferem no comportamento dos estudantes que ao comprar tal pacote e assinar o contrato com a empresa, passam para a condição de turistas, podendo comprometer a proposta pedagógica da viagem, transformando numa atividade de confraternização, diversão em que o único objetivo é lazer e descanso.

A atuação de uma agência de turismo na elaboração de roteiros de estudo do meio, não necessariamente implica na oferta de um produto ou serviço de qualidade, pois muitas vezes, os profissionais selecionados para atuar, como o caso dos guias de turismo que em grande parte possuem a formação de ensino médio, não dispõem conhecimentos para o desenvolvimento de atividades ou metodologias mais específicas como é o caso do estudo do meio, que equivocadamente é utilizado pelo autor e pelo “trade” turístico como sinônimo de pacote de turismo pedagógico ofertado nas agências de viagens.

A idéia do estudo do meio foi introduzida no Brasil por experiências de imigrantes europeus que fundaram escolas anarquistas, na primeira metade do século XX, em São Paulo, com a concepção de escola livre, em que:

O estudo do meio feito por tais escolas objetivava que os estudantes observando, descrevendo o meio do qual eram parte integrante poderiam refletir sobre as desigualdades, injustiças e promover mudanças na sociedade no sentido de saná-las. A escola livre estava muito vinculada ao conjunto dos movimentos sociais, políticos e culturais dos anarquistas, sempre no sentido de denúncia contra as arbitrariedades do estado e da Igreja contra os trabalhadores adultos e crianças (PONTUSCHKA, 1994, p. 168).

Assim, a idéia do estudo do meio pode até incluir uma saída de estudantes e educadores com a finalidade de entretenimento, mas basicamente compreende-se em

trabalhos interdisciplinares com pesquisas bibliográficas, iconográficas e de campo, estimulando um trabalho coletivo, em que alunos são pesquisadores responsáveis pela captação de informações para produção do conhecimento. São sujeitos ativos neste processo, em que todos – democraticamente – possuem papéis iguais em importância não havendo uma escala hierárquica, apenas a coordenação do trabalho realizada pelo(s) professor(es).

O estudo do meio não é apenas uma simples saída de campo ou passeio, é entendido como uma metodologia que inclui métodos em que estudantes observam, descobrem, documentam, usufruem diferentes meios de expressão, desenvolvendo o espírito de síntese. A utilização de técnicas para sondagem e coleta de informações sobre o objeto estudado e, por isso, tem valor informativo em diferentes áreas do conhecimento, de forma não “livresca” e por meio da experiência vivida pelos educandos (Ibid.).

A autora defende a tese de que:

[...] o meio é uma geografia viva. A escola, o córrego próximo, a população de um bairro, o distrito industrial, um parque, uma reserva florestal, um shopping, um hipermercado, a chácara da vizinha são elementos integrantes de um espaço, que podem ser pontos de partida para uma reflexão. Em um primeiro momento, pode-se “descrever”, utilizando os referenciais vivos para localizá-los; no entanto, é preciso ir além. Em qualquer lugar escolhido para realizar um estudo do meio, há o que ver, há o que refletir em geografia, pois não existem lugares privilegiados, não há lugares pobres. É preciso saber “ver”, saber “dialogar” com a paisagem, detectar os problemas existentes na vida de seus moradores, estabelecer relações entre os fatos verificados e o cotidiano dos alunos (Id., 2004, p. 260).

Contudo, diante dessas concepções sobre o estudo do meio, enfatizamos que não é tarefa simples, concebendo esta metodologia como uma simples atividade de turismo cuja elaboração pode ser realizada por agências de turismo. O estudo do meio é complexo por ser um trabalho interdisciplinar, em que são abertos espaços para estabelecer diálogos com diferentes áreas do conhecimento sobre um objeto de pesquisa.

Inicialmente, elabora-se em conjunto (professores e alunos) a etapa de planejamento para se definir a justificativa do trabalho, finalidades pré-determinadas; escolhem-se lugares prováveis e conteúdos a serem trabalhados. Definido o destino, faz-se o levantamento prévio para o estudo da realidade, por meio de pesquisa bibliográfica, documental e iconográfica, buscando materiais escritos, gráficos, mapas, conhecimentos historicamente produzidos sobre a localidade.

Formam-se grupos de trabalho e a delegação de tarefas para a pesquisa de campo, sendo esta etapa investigativa, cuja viagem tem a função educativa, é momento de prática do turismo pedagógico. Os alunos assumem postura de educandos pesquisadores, documentando informações valiosas para o estudo, registrando tudo em gravações, fotografias, desenhos e apontamento pessoais sobre as experiências vividas individual e coletivamente pelos estudantes.

A etapa sequencial é a sistematização de todo o trabalho realizado pelos alunos após a pesquisa de campo. São produções criativas em forma de textos, poesias, desenhos, exposição fotográfica, teatro, documentário, material didático, dentre outros. Esse trabalho é divulgado, apresentando todo o estudo realizado pelos alunos e professores, com o objetivo de elaborar o retorno para as comunidades, populações, instituições de ensino da localidade e demais interessados.

Finalmente, o(s) professor(es) coordena(m) uma última etapa que é a avaliação do trabalho finalizado, proporcionando uma reflexão individual e coletiva referente às produções criativas como forma de construção de conhecimentos. Tarefa esta que é de responsabilidade da escola, que possui profissionais do ensino com formação, experiência e preparo e, por isso, são os mais qualificados para o planejamento, organização e desenvolvimento da metodologia de estudo do meio.

As experiências e os resultados obtidos com as práticas elaboradas pela docente da disciplina de turismo da EMEFASP é exemplo de que a atuação docente é insubstituível em atividades de estudo do meio, visitas técnicas ou mesmo viagens com finalidade pedagógica, ficando sob uma possível responsabilidade de uma agência de turismo a reserva de um hotel, fretamento de um ônibus, tarefas que podem ser dispensáveis porque estas empresas podem ser contactadas diretamente reduzindo as despesas com comissões de agentes de viagens.

Consideramos que o desvio da atividade é proporcionado por agências de turismo, pois estas identificam o turismo pedagógico ou estudo do meio como oportunidades para se formular pacotes turísticos rentáveis, vendo as viagens escolares como um turismo de massa por atender um grande número de estudantes. O acompanhamento de um guia com registro pela EMBRATUR é obrigatório para viagens organizadas pelas agências de turismo e o seu papel não deve representar um empecilho para que o professor desenvolva suas atividades programadas e exerça sua responsabilidade e autoridade com os alunos.

Assim, os benefícios da associação do turismo com a educação representa um incentivo para o desenvolvimento de relações hospitaleiras entre turistas-alunos e autóctones e a escola usufruindo as potencialidades do turismo poderá despertar no aluno, segundo Pellizer

(2004): curiosidade; acuidade; tolerância; controle; honestidade; novas informações; adaptação; coesão; conformidade; instrução; respeito; colaboração; coerência; confiança; organização; compostura; competência; habilidade; zelo; dignidade.

Contudo, ressaltamos que todos estes elementos citados pelo autor só serão realmente positivos para a formação básica dos educandos, se o turismo estiver dissociado de práticas que atendam interesses mercadológicos das agências de turismo. Assim, podemos pensar que o turismo pode contribuir positivamente aos estudantes por incentivar a valorização da cultura de sua cidade,

[...] desenvolvendo laços afetivos com o espaço a que pertencem e, conseqüentemente, ampliando o entendimento do significado do turismo e suas relações com o meio ambiente (as crianças informariam os familiares sobre sua experiência, despertando-os para o mesmo tipo de atividade). Essa conscientização em torno dos recursos naturais, culturais e socioeconômicos do interior paulista, além de aprimorar o sistema de participação do setor educacional em âmbito popular ou comunitário, contribuindo para o entendimento e desenvolvimento da hospitalidade (PELIZZER, 2004, pp. 58-59).

Como o nosso enfoque é o ensino do turismo, os conteúdos trabalhados devem ser direcionados para estimular o processo de conscientização dos jovens perante a atividade, havendo uma preocupação em expor aos alunos os impactos do fenômeno, sejam estes positivos ou mesmo os negativos socioculturais e ambientais – originados pela ausência de planejamento – que podem ser identificados na própria estância tais como: sentimentos de inveja e ressentimento frente aos hábitos e comportamentos diferentes dos turistas e a ostentação de tempo livre e dinheiro, muitas vezes escassos para os moradores locais; aumento dos preços de mercadorias e produtos básicos de consumo; especulação imobiliária que encarecem e dificultam a vida dos autóctones; migração de pessoas originárias de regiões economicamente debilitadas para novos pólos turísticos, em busca de trabalho, podendo causar um excedente na oferta de mão-de-obra, escassez de moradias, criminalidade; os efeitos da sazonalidade do turismo; aumento do desemprego na baixa temporada, dentre outros.

Para tanto, o turismo necessita ser trabalhado de maneira que incentive a preservação dos Patrimônios Culturais e, desta forma, desperte o autoconhecimento das sociedades e o sentimento de *pertencimento*. O ensino do turismo pode servir como uma brecha para a resistência da memória e da identidade cultural dos grupos humanos no mundo globalizado.

Proporcionando uma reflexão sobre a exacerbação da formação do não-lugar, a degradação dos bens culturais e tantos outros impactos ambientais e socioculturais ocasionados pelos fenômenos nocivos existentes na pós-modernidade e por um turismo massivo sem planejamento.

Consideramos que a comunidade é a melhor guardiã de seu patrimônio, sendo assim, reforçamos que os autóctones necessitam se conscientizar para a adoção de um comportamento preservacionista que só será construído por meio da educação turística. Esta é elemento-chave para o processo de conscientização, pois por meio dela incentivamos a autonomia do grupo, tanto para a tomada de decisões quanto para o autoconhecimento e salvaguarda de seus patrimônios.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo de caso realizado na Escola Municipal de Ensino Fundamental e Médio de Águas de São Pedro, nos anos de 1997 a 2004, revelou que a inserção do ensino de turismo no Ensino Fundamental II e primeiro ano do Ensino Médio foi devido às características locais do município, que possui titulação concedida, legalmente, pelo Governo Estadual e reconhecida no âmbito federal como estância turística e hidromineral. A responsabilidade pela inserção do turismo como disciplina da parte diversificada dos currículos partiu da direção e da docente de Geografia da escola municipal, pois perceberam que na instituição escolar e até mesmo na comunidade água-pedrense, não havia interesse ou poucos conhecimentos dos educandos e munícipes em relação ao município, como sua história, origem, atrativos, turismo, e sobre o porquê da titulação de estância concedida.

Os munícipes não estavam “educados turisticamente”, no sentido de não haver um preparo para o desenvolvimento do turismo, cujas conseqüências eram vistas pelas docentes no mau atendimento aos turistas no comércio local e até mesmo para passar informações sobre atrativos e equipamentos turísticos da localidade, como hotéis de diferentes padrões, preços, restaurantes, gastronomia local, opções de entretenimentos, lazer e recreação, eventos, etc.

Por Águas de São Pedro ser um dos menores municípios do país, sua principal atividade econômica é o turismo, cujos fluxos de turistas movimentam a economia local com a venda de artesanatos e consumo de produtos alimentícios. Assim, as docentes notaram a real necessidade de se inserir na educação básica a disciplina de Turismo, mais especificamente, na parte diversificada dos currículos do ensino fundamental II e primeiro ano do ensino médio, com respaldo na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei nº 9.394/96.

A disciplina foi planejada pela docente de Geografia, sendo esta disciplina extremamente influenciadora nos conteúdos de turismo que foram organizados de modo paralelo aos de geografia (seguindo a ordem dos conteúdos por séries). Assim, o turismo além de complementar e auxiliar na compreensão dos conceitos geográficos, muitas vezes, com atividades práticas e visitas “in-loco”, trabalhava com novos conteúdos específicos da área, tais como os impactos turísticos positivos e negativos sobre o meio ambiente e a sociedade, tendo como exemplos reais a própria estância.

O mercado de trabalho também foi fator determinante para a inclusão do turismo como disciplina porque na estância grande parte dos serviços prestados e empregos são na área de

turismo e hospitalidade. Os jovens egressos do Ensino Médio encontram poucas opções de emprego na cidade e, por isso, havia uma intenção em preparar estes jovens apresentando o setor como uma área potencial para atuação profissional.

Além de trabalhar teoricamente a questão da profissionalização e mercado de trabalho em turismo, visitas técnicas foram realizadas para apresentar estrutura, funcionamento e serviços de hotéis, restaurantes. Nas viagens propostas pela escola eram abordados os serviços das agências, transportadoras turísticas e de guias de turismo. Porém, o seu ensino contemplava a formação básica dos educandos e o caráter cultural do turismo, priorizando também a área de História, como podemos identificar nas falas dos discentes, mesmo sem haver uma preocupação em se trabalhar uma educação patrimonial, em que os conhecimentos relativos ao Patrimônio Cultural seriam de grande valia neste processo, proporcionando um equilíbrio entre conhecimentos geográficos e históricos. Tal tarefa foi realizada para evidenciar as características e particularidades da estância, tendo a preocupação de contextualizar historicamente a origem da cidade e o turismo local.

Assim, os estudantes passaram a se interessar mais pela cultura, não apenas na local, mas ampliando sua visão de mundo e, conseqüentemente, seu universo cultural, em que o ensino do turismo pode desenvolver as questões referentes à pluralidade cultural, destacando as diferentes etnias, hábitos, costumes, religiões, como forma de despertar sentimentos de respeito e interesse pela diversidade. As viagens, estudos do meio, visitas técnicas propostos pela disciplina são ações positivas no sentido de que o ensino do turismo só se concretiza quando os alunos são levados para fora da sala de aula, compreendendo o meio como local para conciliar a teoria das aulas com a prática no mundo vivido, sendo essas atividades motivadoras e facilitadoras no processo ensino-aprendizagem. Dessa forma, a aprendizagem é um caminho que, segundo Moreno (1999, p.40): “[...] Podemos abreviá-lo nas páginas de um livro, transformá-lo em uma aventura ou em viagem organizada”.

Ao trabalhar os conceitos regionais e locais, destacando as origens, evoluções e o momento presente, os alunos percebem que a cultura é dinâmica e que as transformações sociais ocorridas ao longo dos anos podem modificar – e modificam – o momento presente, sendo este, geralmente, a descaracterização da localidade. Percebem que mantendo a memória viva, preservando os patrimônios culturais da localidade (a matéria prima do turismo), os educandos entram num processo de reflexão sobre a realidade do município, sobre os impactos do turismo que são identificados na estância e de como devemos nos portar para minimizar os aspectos negativos e ampliar os positivos da atividade turística.

A valorização da cultura e do meio ambiente locais é o primeiro passo, que sob nosso ponto de vista é o papel que a disciplina de turismo tem desempenhado na educação básica municipal de Águas de São Pedro. Além de contribuir com as disciplinas tradicionais, o ensino do turismo contextualizado com a realidade local desperta o sentimento de *pertencimento* dos jovens em relação a sua cidade. Por terem a identidade de cidadãos água-pedrenses valorizam, respeitam e protegem os patrimônios culturais, históricos e naturais do município. Assumem postura responsável cujas ações e conhecimentos são difundidos na sociedade (com amigos e familiares) e perante a atividade turística, como bons anfitriões em Águas de São Pedro e bons turistas quando visitam outros destinos turísticos.

Como destacamos no capítulo anterior, a conscientização turística só é possível quando os sujeitos, cuja realidade turística é vivenciada, apreendida e transformada numa reflexão crítica. A educação formal do município tem esse papel social, porém entendemos que com a disciplinarização do turismo, por mais que promova uma educação turística em massa, o processo é prejudicado por ser ofertada como uma disciplina tradicional, rompendo com a liberdade e espontaneidade da conscientização sobre o tema.

Acreditamos que pelo turismo ser um fenômeno vivenciado por todos os munícipes e, conseqüentemente, por toda instituição escolar, não deve ser transformado num conhecimento privativo de uma única disciplina, no caso a específica de turismo, e sim num tema a ser livremente abordado coletivamente pelas disciplinas afins.

Portanto, o tema deveria ser trabalhado transversalmente, pelas áreas com maior afinidade e não apenas nos limites da disciplina, sem muitos diálogos com as demais. Esta estrutura faz com que os conteúdos de turismo sofram o direcionamento metodológico para a formação e atuação da professora que ministra a disciplina. Desenvolver o caráter multidisciplinar do turismo é dar margem para a participação de diferentes professores com o objetivo de construir propostas interdisciplinares. A disciplinarização todavia compromete o processo de conscientização turística, devido a carga de obrigatoriedade instituída, em que o bom desempenho nas avaliações, a presença, são requisitos para aprovação.

O caráter inovador da disciplina da parte diversificada, que insere na escola as características e peculiaridades locais e regionais, perde sua força pela disciplina ser instituída como as demais disciplinas tradicionais. Uma proposta de trabalho em que o turismo é trabalhado como tema transversal, surtiria efeitos mais eficazes em relação ao fenômeno turístico na localidade e abriria espaço para a participação e envolvimento de outras áreas, por meio de trabalhos interdisciplinares e integradores.

Assim, acreditamos que respondemos aos questionamentos inseridos na problemática inicial deste presente trabalho, bem como aos objetivos que estabelecemos como finalidades desse estudo e como tivemos o enfoque da inserção do ensino do turismo na educação básica, preocupamo-nos em selecionar as literaturas internacionais e nacionais cujo escopo foi de utilizar no embasamento teórico as concepções e entendimentos do turismo sob a perspectiva cultural. Esse nosso posicionamento foi devido à necessidade de modificar os modelos tradicionais de ensino do turismo, cuja intencionalidade sempre foi pela perspectiva econômica, proporcionando um ensino voltado para atuação no mercado de trabalho. Defendemos a tese de que o ensino de turismo inserido na escola básica deve ter um enfoque cultural, identificando a complexidade do fenômeno e desenvolvendo a idéia de que antes de ser uma profissão promissora, é área de conhecimento passível de ser utilizada para complementar a formação básica dos educandos, proporcionando conhecimentos de cultura geral, vivências com viagens e relação com outras disciplinas afins.

O desenvolvimento metodológico do nosso trabalho com base na fenomenologia foi um grande desafio. O que iniciou como uma curiosidade e afinidade pelo assunto, passou a ser visto como um método positivo para explicar a complexidade do fenômeno turístico.

A pesquisa fenomenológica foi bastante desafiadora, cujas técnicas e o método que adotamos para compor nossa metodologia foram considerados mais pertinentes para a coleta de dados, tabulação, interpretação e compreensão dos fenômenos e suas manifestações.

Como nossa formação inicial é em Turismo, tivemos o cuidado de realizar um estudo aprofundado sobre tal método, recorrendo a livros sobre a fenomenologia com o intuito de conceituá-la, compreendê-la e utilizá-la como método para o desenvolvimento de nossa pesquisa. Buscamos inclusive cursar como aluno-ouvinte uma disciplina específica sobre Merleau-Ponty e sua Fenomenologia, na Graduação em Filosofia, pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

Porém, outra dificuldade foi em transpor as teorias sobre o assunto para elaborar a metodologia de nosso estudo, para isso, recorremos aos livros que nos auxiliaram positivamente neste processo, tornando o método mais aplicável e interessante para estruturar nossa pesquisa sobre a temática educação e turismo.

Dos livros utilizados, Moreira (2002) cuja obra é especificamente sobre o uso do método fenomenológico em pesquisas científicas, ajudou-nos a compreender as fases do método, marcado pela descrição do fenômeno, que no nosso trabalho foi elaborada a partir do relatório do estudo de caso. Nesta fase as falas dos sujeitos envolvidos com o fenômeno da inserção do turismo na escola básica foram imprescindíveis para apreensão e reconstituição

do fenômeno. A partir dessa descrição, passamos para a redução fenomenológica, em que nos baseamos tendo duas referências principais SILVA NETO (1999) e PANOSSO NETTO (2005). As duas leituras foram decisivas para a coleta e tabulação dos dados, porque ambos autores descrevem minuciosamente a utilização do método, o processo de redução fenomenológica, extraído dos discursos; reduzindo para as unidades de significados; e finalmente o discurso articulado (SILVA NETO, 1999). Essa etapa é base para a interpretação e compreensão fenomenológica. Essa redução é feita da mesma forma por Panosso Netto (2005), porém utiliza os passos: discurso na linguagem do sujeito; redução unidades de significado; e asserções articuladas no discurso.

O primeiro autor não foi utilizado no embasamento teórico devido ao trabalho ser específico sobre as concepções de Universidade por uma perspectiva fenomenológico-existencial hermenêutica, já com o segundo autor, tivemos maior afinidade por este ser Bacharel em Turismo e Filósofo, cujas influências de seus trabalhos foram valiosas para nortear nosso estudo. Como nossa vertente fenomenológica existencial foi a composta por Merleau-Ponty (1990; 1994), nossos questionamentos suscitavam respostas subjetivas, pessoais para que os sujeitos nos apresentassem respostas que, muitas vezes, eram reflexões sobre suas práticas profissionais pessoais, no caso dos professores e sobre a formação básica, no caso dos alunos.

Desta forma, acreditamos que nossa pesquisa foi ousada no sentido de compormos uma metodologia personalizada, pois ao utilizarmos o método fenomenológico para apreensão, descrição, interpretação e compreensão do fenômeno da inserção do ensino do turismo na escola básica, também inserimos o nosso posicionamento enquanto pesquisador. Arriscamos caminhar pelo complexo caminho da filosofia, pois acreditamos que as pesquisas em turismo necessitam dessas bases teórico-filosóficas para estruturar trabalhos que avancem na área de conhecimento do turismo, objetivando a cientificidade deste campo que ainda se encontra em processo inicial de desenvolvimento e maturação do seu corpo teórico. Em outras palavras,

O turismo está passando por um processo de “cientificidade” já ocorrido em outras áreas do conhecimento, que indica a existência de pequena, mas crescente comunidade de pesquisadores oriundos principalmente das ciências sociais. É um promissor campo de estudo e pesquisa no meio acadêmico em sua plena compreensão envolve um sem-número de disciplinas. Caracteriza-se, como área de estudos multi e interdisciplinar [...] (REJOWSKI, 1996, pp. 109-110).

Também destacamos que com este trabalho, pudemos apresentar a realidade da educação pública e gratuita, no sentido de que vemos e ouvimos diariamente nos veículos de comunicações, nas falas de colegas professores da rede pública, de estudantes deste estabelecimento de ensino, que o ensino público está debilitado, “sucateado”, com professores e alunos desestimulados e descrentes em relação a uma educação pública e gratuita de qualidade.

O nosso estudo de caso, por mais pontual que seja e mesmo apresentando a realidade de um pequeno município turístico, cujas referências são as melhores no que se diz respeito ao índice de desenvolvimento humano (segundo lugar no país), apresentamos uma experiência que vai oposta às críticas negativas e pejorativas sobre o ensino público e gratuito, bem como a atuação docente e discente. Exemplo que nos faz acreditar, ter esperança e responsabilidade em propor novas pesquisas, que não fiquem apenas nas Academias, mas que seus resultados, sugestões e soluções sejam difundidos e contribuam positivamente para melhoria na qualidade de ensino público e gratuito, sendo este acessível a todos os jovens educandos.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, A.F. M. **Escorço histórico de Águas de São Pedro**. São Paulo: Águas de São Pedro: SENAC, 1975 (mimeo).

ANDRIOLO, A.; FAUSTINO, E. **Educação, Turismo e Cultura**. A experiência de estudantes paulistas em Uruçanga (sic!). In: RODRIGUES, A. B. (org). Turismo e desenvolvimento local. São Paulo: Hucitec, 1997. p 164-178.

ANSARAH, M. G. dos REIS. **Formação e capacitação do profissional em turismo e hotelaria: reflexões e cadastro das instituições educacionais no Brasil**. SP: Aleph, 2002.

ARAÚJO, R.; GUIMARÃES, R. B.; RIBEIRO, W. C. **Construindo a Geografia**. São Paulo: Moderna, 1999.

ARAÚJO, U. F. de. **Os temas transversais e os Parâmetros Curriculares Nacionais**. In: BUSQUETS, M.D., CAINZOS, M., FERNANDEZ, T., LEAL, A., MORENO, M., SASTRE, G. Temas transversais em educação - bases para uma formação integral. 5 ed. São Paulo: Ática, 1999, pp.9-17.

ARELARO, L. R. G. **A municipalização do ensino no estado de São Paulo: antecedentes históricos e tendências**. In: OLIVEIRA, C. de (et al.). Municipalização do ensino no Brasil. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. Pp. 61-74.

ASSMANN, H. **Reencantar a educação: rumo à sociedade aprendente**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 10520: informação e documentação – citações em documentos – apresentação**. Rio de Janeiro, 2002.

_____. **NBR 6023: informação e documentação – referências – elaboração**. Rio de Janeiro, 2002.

_____. **NBR 14724: informação e documentação – trabalhos acadêmicos – apresentação**. Rio de Janeiro, 2002.

AULICINO, M. P. **Turismo e estâncias: impactos e benefícios para os municípios**. São Paulo: ed. Futura, 2001.

AVT – Academia de Viagens e Turismo – BR. **Programa Aprendiz de Turismo**. São Paulo: LEMADI / Dep. Geografia / USP, 2001.

AZEVEDO, J. **“Enraização” de propostas turísticas**. In: RODRIGUES, A. B. (Org). **Turismo e desenvolvimento local**. São Paulo: Hucitec, 1997. p.147-163.

BARRETTO, M.; REJOWSKI, M. **Turismo: interfaces, desafios e incertezas**. Caxias do Sul: EDUCS, 2001.

BENI, M. C. **Análise estrutural do turismo**. São Paulo: Ed. SENAC, 1998.

BERNINI, C. I. **Módulo I – Viagens e turismo**. In: AVT – Academia de Viagens e Turismo – BR. **Programa Aprendiz de Turismo**. São Paulo: LEMADI / Dep. Geografia / USP, 2001.

BORTOLETO, S. **Inventário quali-quantitativo da arborização viária da estância de Águas de São Pedro-SP**. 2004. 85 p. Dissertação (Mestrado em Agronomia) – Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”. Universidade de São Paulo, Piracicaba, 2004.

BOULLÓN, R. C. **Planificación del espacio turístico**. México, Trillas, 1994.

BOULLÓN, R.; MOLINA, S.; WOOG, M. R. **Um novo tempo livre**. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2004.

BRASIL – EMPRESA BRASILEIRA DE TURISMO. **Embarque nessa**: turismo, patrimônio e cidadania. Brasília, 1999.

_____. Programa Nacional de Municipalização do Turismo. **Guia para oficinas de treinamento dos Agentes Multiplicadores e dos monitores**. Brasília, 1992.

BRASIL. **Lei 9.394**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Diário Oficial da União. Brasília, DF, v. 134, n. 248, p. 27833-841, 23 dez. 1996.

BRASIL - MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO. **Educação profissional**: referências curriculares nacionais da educação profissional de nível técnico. Área profissional: Turismo e hospitalidade. Brasília: MEC, 2000.

BRASIL - MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais - terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental**. Introdução aos PCNs, Brasília, 1998a.

_____. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros curriculares nacionais: ensino médio**. Brasília: MEC, 1998b.

CAMARGO, H. L. **Patrimônio Histórico e Cultural**. São Paulo: Aleph, 2002. (Coleção ABC do Turismo).

CAMARGO, R. B. de A. **Estância Hidromineral de Águas de São Pedro – guia turístico e medicinal**. 2 ed. São Paulo: SENAC, 1991.

CANCLINI, N. G. **Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. RJ: Ed. UFRJ, 1999.

CARLOS, A. F. A. **Turismo e a produção do não-lugar**. In: CARLOS, A. F. A. (et al. orgs.) **Turismo: espaço, paisagem e cultura**. São Paulo: Hucitec, 1996.

CENTENO, R. R. **Metodología de la investigación aplicada al turismo – casos prácticos**. México: Trillas, 1992.

CHIARINI, A. R. **Resenha histórica do Município de São Pedro**. 2 ed. São Pedro: SP, 22 fev. 1981.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez, 1991.

CONTI, J. B. **Condições Climáticas da região das Águas de São Pedro (SP)**. São Paulo: Caderno de Ciências da Terra. Instituto de Geografia da Universidade de São Paulo. 1971. (mimeo).

DELORS, J.(et. al.). **Educação, um tesouro a descobrir**. 2º ed. São Paulo: Cortez, 1999.

DEMO, P. **Pesquisa:** princípio científico e educativo. São Paulo: Cortez, 1990.

FABRIS, A. **O futuro paulista:** hipóteses para o estudo da chegada da vanguarda ao Brasil. SP: ed. Perspectiva / Edusp, 1994.

FREIRE, P. **Conscientização** – teoria e prática da libertação. Uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. 3. ed. São Paulo: Moraes, 1980.

_____. **Extensão ou comunicação?** 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

_____. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. 19 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

FÚSTER, L. F. **Introducción a la teoría y técnica del turismo.** Alianza Universidad textos. Madrid, 1991.

GADOTTI, M. **Escola cidadã.** São Paulo: Cortez, 1992.

GALLIANO, A. G. **O método científico** – teoria e prática. São Paulo: ed. Harbra, 1979.

GASTAL, S.; MOESCH, M. M. (orgs.). **Um outro turismo é possível.** São Paulo: Contexto, 2004.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** São Paulo: Atlas, 1991.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade.** 7ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

HARDMAN, F. F. **Antigos modernistas.** In: Novaes, A. (org.). Tempo e história. São Paulo: Cia. das Letras, 1994, pp. 289-305.

INSTITUTO GEOGRÁFICO E CARTOGRÁFICO. **Mapas das regiões administrativas e metropolitanas do Estado de São Paulo** - Edição 2003. Disponível em: http://www.igc.sp.gov.br/mapras_campinas.htm, acesso em 29/01/2007.

JAFARI, J. **La cientifización del turismo.** Estudios y perspectivas en turismo. Buenos Aires: CIET, v. 3, n.1, 1994, pp. 7-36.

KRIPPENDORF, J. **Sociologia do turismo** - para uma nova compreensão do lazer e das viagens. São Paulo: Aleph, 2000.

LAGE, B. H. G. & MILONE, P. C. **Economia do turismo.** 7. ed. São Paulo: Atlas, 2001.

MACHADO, N. J. **Educação:** projetos e valores. SP: Escrituras, 2000.

MALHADAS, Z. Z. **Dupla ação:** conscientização e educação ambiental para a sustentabilidade – A agenda 21 vai à escola – UNESCO. Curitiba, 2001.

MARC, A. **Não-lugares:** uma introdução a uma antropologia da supermodernidade. 5 ed. Campinas, SP: Papirus, 1994.

MARTINS, J. **Um enfoque fenomenológico do currículo:** educação como poíesis. São Paulo: Cortez, 1992.

MARTINS, J.; DICHTCHEKENIAN, M. F. (orgs.) **Temas fundamentais de fenomenologia.** Centro de estudos Fenomenológicos de São Paulo. SP: Ed. Moraes, 1984.

MASINI, E. F. S. **Algumas noções sobre a fenomenologia para o pesquisador em educação.** In: REVISTA DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA USP. VI. 19, nº1, jan-jun, 1993. Universidade de São Paulo: Brasil, 1993.

MERLEAU – PONTY, M. **Fenomenologia da percepção.** São Paulo: Martins Fontes, 1994.

_____. **Merleau-Ponty na Sorbonne** - Resumo de cursos: psicossociologia e filosofia. Campinas, SP: Papirus, 1990.

MOESCH, M. **A produção do saber turístico.** 2 ed. São Paulo: Contexto, 2000.

_____. **Introdução.** In: GASTAL, S.; MOESCH, M. M. (orgs.). **Um outro turismo é possível.** São Paulo: Contexto, 2004.

MOLINA, S.; RODRÍGUEZ, S. **Planejamento Integral do turismo:** um enfoque para a América Latina. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

MORANDI, S.; GIL, I. C. **Espaço e turismo.** SP: Copidart, 2000.

MOREIRA, D. A. **O método fenomenológico na pesquisa.** São Paulo: Pioneira Thomson, 2002.

MORENO, M. **Temas transversais:** um ensino voltado para o futuro. In: BUSQUETS, M.D., CAINZOS, M., FERNANDEZ, T., LEAL, A., MORENO, M., SASTRE, G. **Temas transversais em educação** - bases para uma formação integral. 5 ed. São Paulo: Ática, 1999, pp.19-59.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro.** São Paulo: Cortez, 2000.

MURTA, S. M.; ALBANO, C. **Interpretar o patrimônio** – um exercício do olhar. BH:MG: Território Brasilis, 2002.

OLIVEIRA, C. de (et al.). **Municipalização do ensino no Brasil.** Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

OMT - ORGANIZACIÓN MUNDIAL DEL TURISMO. **Educando educadores en turismo.** Valência, 1995.

PACHECO, J. A. **Políticas curriculares** – referências para análise. Porto Alegre: Artmed, 2003.

PÁDUA, E. M. M. **Metodologia da pesquisa:** abordagem teórico-prática. 10 ed. Campinas, SP: Papirus, 2004.

PANOSSO NETTO, A. **Filosofia do turismo:** teoria e epistemologia. São Paulo: Aleph, 2005.

_____. **Fenomenologia do turismo** – uma proposta de construção epistemológica. 2005. 182 p. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

_____. **O problema epistemológico do turismo:** uma discussão teórica. In: PANOSSO NETTO, A.; TRIGO, L. G. G. **Reflexões sobre um novo turismo:** política, ciência e sociedade. 2 ed. SP: Aleph, 2003. Pp. 57-86.

PELIZZER, H. A. **Planejamento e gestão da hospitalidade no turismo receptivo.** In: DENCKER, A. de F. M. (coord.). **Planejamento e gestão em turismo e Hospitalidade.** São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2004. Pp. 45-73.

PONTUSCHKA, N. N. **A formação pedagógica do professor de Geografia e as práticas interdisciplinares**. São Paulo, 1994. 343 p. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de educação, Universidade de São Paulo, 1994.

_____. **O conceito de estudo do meio transforma-se (...) em tempos diferentes, em escolas diferentes, com professores diferentes**. In: VESENTINI, J. W. **O ensino de Geografia no século XXI**. Campinas, SP: Papirus, 2004. Pp. 249- 288.

PORTUGUEZ, A. P. **Consumo e espaço** - turismo lazer e outros temas. São Paulo: Roca, 2001.

PREFEITURA MUNICIPAL DE ÁGUAS DE SÃO PEDRO. **Águas de São Pedro** – estância hidromineral. S/d, (mimeo).

PUPO, O. de A. **Turismo e estâncias**. SP: Martins, 1974.

REBELO, S. M. **Plano Municipal de Educação Turística – P.M.E.T.** – Um modelo para os municípios brasileiros de potencial turístico. Universidad Pontificia de Salamanca. Extracto de la Tesis Doctoral. Facultad de Ciencias de la Educación. Salamanca, 1998.

REJOWSKI, M. **Turismo e pesquisa científica**: pensamento internacional e situação brasileira. Campinas: Papirus, 1996.

_____. **Ensino em turismo no Brasil**: reflexões sobre a realidade do ensino de graduação de 1970 a 2000. In: BARRETTO, M.; REJOWSKI, M. **Turismo**: interfaces, desafios e incertezas. Caxias do Sul: EDUCS, 2001. Pp. 47-56.

RIBAS, M. H. **Construindo a competência**. Processo de formação de professores. São Paulo :Olho d'água, 2000.

RODRIGUES, A. A. B. **Águas de São Pedro** – estância paulista. Uma contribuição à geografia de recreação. 1985. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1985.

_____. **Geografia do turismo**: novos desafios. In: TRIGO, L.G.G. (org.). **Turismo** – como aprender, como ensinar. SP: ed. SENAC, 2002.

_____. **Turismo e espaço** – rumo a um conhecimento transdisciplinar. 3 ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

RUSCHMANN, D. V. de M. **Turismo e planejamento sustentável**: a proteção do meio ambiente. Campinas: Papirus, 1997.

_____. **Turismo no Brasil** – análise e tendências. São Paulo: ed. Manole, 2002.

SÃO PAULO (Estado). Lei nº 6.470, artigo 5º de 15 de junho de 1989. **Fundo de Melhoria das Estâncias**. Disponível em: <<http://www.al.sp.gov.br/web/CTL/ConsultarTitulo.asp?idTitulo=13>>. Acesso em: 17 de out. 2006.

_____. Decreto Nº 30.624, de 26 de outubro de 1989. **Departamento de Apoio ao Desenvolvimento das Estâncias**. Disponível em: <<http://www.al.sp.gov.br>>. Acesso em 17 de out. 2006.

SENAC – Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial. **Introdução ao Turismo e Hotelaria**. Rio de Janeiro: ed. SENAC, 1998.

SENE, E. de; MOREIRA, J. C. **A Geografia no dia-a-dia**. 6ª série. São Paulo: Scipione, 2000.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 22 ed. São Paulo: Cortez, 2002.

SILVA NETO, M. A. da. **Das concepções de Universidade**: uma perspectiva fenomenológico-existencial hermenêutica. São Luís: Ediceuma, 1999.

STAVENHAGEN, R. **Educação para um mundo multicultural**. In: DELORS, J.(et. all.). **Educação, um tesouro a descobrir**. 2º ed. São Paulo: Cortez, 1999.

TRIGO, L. G. **A importância da educação para o turismo**. In: LAGE, B. H. G.; MILONE, P. C. (org). **Turismo teoria e prática**. São Paulo: Atlas, 2000. Pp. 243-255.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Bases teórico – metodológicas da pesquisa qualitativa em ciências sociais**. Idéias gerais para elaboração de um projeto de pesquisa. Porto Alegre: Faculdades Integradas Ritter dos Reis, 2001.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Sistema Integrado de Bibliotecas. Grupo DiTeses. **Diretrizes para apresentação de dissertações e teses da USP**: documento eletrônico e impresso. São Paulo, 2004 (disponível: <http://www.teses.usp.br/info>, acesso 29/01/2007).

VEIGA, I. P. A. (org.). **Projeto político-pedagógico da escola**. Campinas: Papirus, 1995.

VESENTINI, J. W.; VLACH, V. **Geografia crítica**. Vl. 2. O espaço social e o espaço brasileiro. São Paulo: Ática, 2000.

ANEXOS

ANEXO 1**ENTREVISTA (Docentes 1, 2 e 3)**

OBJETIVO: A presente entrevista visa diagnosticar a inserção do Turismo no Ensino Fundamental e Médio como forma de subsidiar a pesquisa de Mestrado: *Educação e Turismo – um estudo sobre a inserção do Turismo no Ensino Fundamental e Médio* (Faculdade de Educação da USP).

Para tanto, estruturei a entrevista baseada em quatro questões norteadoras destinadas aos sujeitos cujas experiências são relevantes para compor nosso estudo sobre o fenômeno da inserção do turismo no âmbito da escola básica, especificamente, no ensino fundamental e médio. Por isso, as questões são abertas para permitir falas livres e subjetivas, que serão respeitadas, tendo em vista a realidade e a percepção do entrevistado em relação ao fenômeno de estudo.

QUESTÕES NORTEADORAS

- I. Comente sobre a inserção do Turismo no ensino fundamental e médio de algumas escolas do país (você pode exemplificar com casos institucionalizados de educação turística em cidades que você conheça).
- II. Você concorda com a disciplinarização do turismo no ensino fundamental e médio?
- III. Que tipo de educação é proporcionada aos jovens, ou seja, é um ensino que visa o mercado de trabalho ou busca ampliar os conhecimentos de cultura geral e desenvolver a criticidade dos educandos?

ANEXO 2**QUESTIONÁRIO DISCENTE**

OBJETIVO: O presente questionário visa diagnosticar a inserção do Turismo no Ensino Fundamental e Médio como forma de subsidiar a pesquisa de Mestrado, *Educação e Turismo – um estudo sobre a inserção do Turismo no Ensino Fundamental e Médio*, desenvolvida pelo pesquisador e mestrando pela Faculdade de Educação da USP, Ari Fonseca.

NOME:

SÉRIE:

ESCOLA:

IDADE:

SEXO:

- I. Desde que série você estuda Turismo?
- II. Você acredita ser importante estudar Turismo? Por quê?
- III. De que forma o ensino do Turismo contribuiu para sua formação escolar?

Plano de Curso (Anexo 3)

2. IDENTIFICAÇÃO

Instituição: escola Municipal de Ensino Fundamental de Águas de São Pedro

Curso: Ensino Fundamental

Ano Letivo: 2004

Área de conhecimento: Turismo

Carga Horária: 40 h/a

Docente: Sonia Maria Sant'Andrea Camargo Neves

Séries: 5ª A, B, C; 6ª A, B, C; 7ª A, B, C e 8ª A, B, C.

3. Objetivos da área de conhecimento

- Conhecer o potencial turístico da cidade para participar ativamente como divulgador dos seus atrativos.
- Criar hábitos e atitudes para contribuir na boa receptividade dos turistas que procuram a Estância.
- Informar sobre a importância do Turismo como atividade econômica no território nacional e no mundo globalizado.
- Perceber a interação homem-natureza no desenvolvimento de atividades turísticas e a necessidade de preservação ambiental.
- Conhecer parte da documentação que envolve uma viagem e reforçar a necessidade do cumprimento de leis internacionais.

4. METODOLOGIA

- Aulas expositivas dialogadas
- Pesquisas
- Simulação de roteiros
- Visitas e excursões
- Dinâmicas de grupo
- Técnica de “brainstorming”

5. RECURSOS DIDÁTICOS

- Livros, Jornais e revistas
- Filmes-Vídeos
- Transparências
- Mapas e Gráficos
- Folders

6. AVALIAÇÃO

- Provas Operatórias
- Relatórios
- Trabalho em grupo
- Participação nas atividades

7. BIBLIOGRAFIA BÁSICA

RODRIGUES, Adyr B. Turismo e espaço: rumo a um conhecimento transdisciplinar. SP: Hucitec, 1999.

SOUZA, Arminda Mendonça; CORRÊA, Marcus Vinícius. Turismo – conceitos, definições e siglas. Manaus: editora Valer, 2000.

TRIGO, Luiz Gonzaga G. Turismo básico. São Paulo: Ed. SENAC, 1995.

8. CONTEÚDO ACADÊMICO

5ª SÈRIE

Turismo: conceitos e tipos

O comportamento do turista

Os meios de transporte para o turismo

Turismo local e regional

A história do projeto, a fundação e o desenvolvimento de Águas de São Pedro

Pontos turísticos da Estância

A estrutura para o desenvolvimento do turismo no município

Calendário turístico

6ª SÉRIE

Quem faz turismo

Desenvolvimento turístico e conseqüências

A aparelhagem do turismo brasileiro

A classificação das cidades turísticas

O turismo nas regiões brasileiras

O ecoturismo: natureza X turismo

O litoral e as serras

A grande São Paulo e os atrativos culturais

7ª SÉRIE

Conceitos gerais de turismo

A localização espacial dos países americanos e o turismo diferenciado

Os Andes e os esportes de inverno

Os desertos e o turismo

O Caribe

Os patrimônios históricos da América e o turismo cultural

Os grandes parques temáticos

O passaporte e o visto

Os problemas dos turistas e a diplomacia internacional

8ª SÉRIE

O turismo no Mundo e a Globalização

Atrativos turísticos naturais e culturais

O turismo e a divisa internacional

Os portos e aeroportos: aparelhagem do turismo

Europa: cultura X turismo

Ásia: o misticismo e as tradições

África: a natureza e o sincretismo cultural

Áreas polares e o turismo no gelo

Pacífico Sul e Ilhas da Oceania

O guia turístico

9. PROJETO DA ÁREA DE CONHECIMENTO

Tema: Olimpíadas 2004 – Atenas

Objetivo: Perceber o turismo como integrante de um processo global de um acontecimento. Reconhecer a capacidade de adaptação do homem a espaços desconhecidos através de eventos esportivos.

Conteúdo por série:

5ª Série – Olimpíadas de Atenas – localização em relação ao Brasil

6ª Série – Brasil e Grécia: relações internacionais

7ª Série – Olimpíadas e as relações político-econômicas dos países participantes

8ª Série – Olimpíadas de Atenas e o turismo de eventos

Atividade de encerramento: Um painel com mapas, tabelas e gráficos sobre os participantes e resultados das competições.

Metodologia: Análise de textos de jornais e revistas; pesquisa na Internet e debates.

Avaliação: Envolvimento durante a elaboração do painel e qualidade das informações sobre o tema.

Plano de Curso (Anexo 4)

Ensino Médio

[...] ÁREA DE CONHECIMENTO DE TURISMO

Objetivos da área de conhecimento:

- Conhecer o potencial turístico da cidade para participar ativamente como divulgador dos seus atrativos.
- Criar hábitos e atitudes para contribuir na boa receptividade dos turistas que procuram a Estância.
- Informar sobre a importância do Turismo como atividade econômica no território nacional e no mundo globalizado.
- Perceber a interação homem-natureza no desenvolvimento de atividades turísticas e a necessidade de preservação ambiental.
- Conhecer parte da documentação que envolve uma viagem e reforçar a necessidade do cumprimento de leis internacionais.

Bases Tecnológicas – Turismo

Turismo: conceitos e tipos

O comportamento do turista

Os meios de transporte para o turismo

Turismo local e regional

A história do projeto, a fundação e o desenvolvimento de Águas de São Pedro

Pontos turísticos da Estância

A estrutura para o desenvolvimento do turismo no município

Calendário turístico

Quem faz turismo

Desenvolvimento turístico e consequências

A aparelhagem do turismo brasileiro

A classificação das cidades turísticas

O turismo nas regiões brasileiras

O ecoturismo: natureza X turismo

O litoral e as serras

A grande São Paulo e os atrativos culturais

Conceitos gerais de turismo

A localização espacial dos países americanos e o turismo diferenciado

Os Andes e os esportes de inverno

Os desertos e o turismo

O Caribe

Os patrimônios históricos da América e o turismo cultural

Os grandes parques temáticos

O passaporte e o visto

Os problemas dos turistas e a diplomacia internacional

O turismo no Mundo e a Globalização

Atrativos turísticos naturais e culturais

O turismo e a divisa internacional

Os portos e aeroportos: aparelhagem do turismo

Europa: cultura X turismo

Ásia: o misticismo e as tradições

África: a natureza e o sincretismo cultural

Áreas polares e o turismo no gelo

Pacífico Sul e Ilhas da Oceania

O guia turístico

REDUÇÃO FENOMENOLÓGICA (Anexo 5)

A) PERCEPÇÕES DOS DOCENTES

V. Comente sobre a inserção do Turismo no ensino fundamental e médio:

:

SUJEITO	DISCURSO DO SUJEITO	REDUÇÃO – UNIDADES DE SIGNIFICADOS	DISCURSO ARTICULADO
DOCENTE 1	<p>“São José dos Campos, São Vicente, nesses municípios, passou até uma lei determinando que o turismo ia ser uma disciplina obrigatória. Todas elas são dadas como disciplinas na verdade essas escolas que são associadas, não trabalham como tema transversal ou como uma semana do turismo, são escolas que trabalham o turismo sistematicamente durante o ano, Caraguatatuba, todas elas trabalham. Algumas a prefeitura formalizou isso através de uma lei, passou pela Câmara dos vereadores e aí você poderia conversar com coordenadores locais, por exemplo, a Aida de São José, que o programa tem se expandido e eu considero como um programa de sucesso, cada programa tem um perfil, por exemplo em Una (BA), tinha um perfil até interessante porque tinha iniciativa privada, iniciativa pública que era o Governo, a comunidade e as escolas era uma parceria como a gente gostaria que fosse, envolvendo todos os setores, só que no decorrer do tempo o hotel Transamérica que representava a iniciativa privada praticamente se retirou, então o programa sofreu e em muitos casos isso tem acontecido. Quando a base é a iniciativa privada, você fica dependendo dos recursos, quando a iniciativa vem da prefeitura a sustentabilidade é maior, então nesses municípios tem mantido porque os professores não têm que ser pagos há uma incorporação do programa dentro da prefeitura ou do estado e aí não precisa pagar. Cada programa, essa política interna dos programas eu deixo totalmente à vontade, muitas vezes eu nem sei bem como é que funciona. Nós fazemos um termo de cooperação, e aí o coordenador local tem autonomia para definir o funcionamento”.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Escolas associadas (ao programa AVT-BR) trabalham o turismo como disciplina. • Criação de Lei Municipal que torna o turismo disciplina obrigatória. • Nenhumha escola trabalha o turismo como tema transversal ou como uma semana de turismo, todas as escolas trabalham o turismo sistematicamente durante o ano. • Educação Turística ofertada pela iniciativa privada e o Governo. • Sustentabilidade dos cursos de turismo tem ocorrido mais no âmbito municipal (também podendo ocorrer no estadual), pois se pode estruturar a proposta com os próprios professores contratados. 	<p>D¹ afirma que as escolas associadas ao Programa AVT-BR desenvolvem o turismo como disciplina, com casos de municípios que instituíram a disciplina como obrigatória, criando lei orgânica municipal, aprovada pela câmara dos vereadores para a formalização do processo legal. Não existem casos de escolas que desenvolvam o turismo como tema transversal ou como uma semana de turismo, pois todos os cursos são trabalhados sistematicamente ao longo do ano letivo como disciplina. A sustentabilidade dos cursos tem sido positiva no âmbito municipal devido à facilidade de contatos com as prefeituras e por estas poderem desenvolver os programas com seus próprios professores contratados.</p>
DOCENTE 2	<p>“Na região nós temos uma grande dificuldade na questão de emprego, então nossos alunos saem do Ensino Médio e não têm uma perspectiva de trabalho aqui na região. Nós conversamos sobre isso e optamos em implantar na escola</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Falta de perspectiva de trabalho para jovens egressos do 	<p>D² argumenta que a proposta de inserção do turismo foi devido à falta de</p>

	<p>municipal, disciplinas voltadas para nossa região. Como aqui é uma região turística, então implantar a disciplina Turismo, Ecologia, para fazer um trabalho legal sobre o meio ambiente também. Informática e inclusive o Espanhol pela questão da Hidrovia, do Mercosul, então é essa a finalidade da disciplina Turismo no currículo do ensino fundamental e médio. Na época ainda não tínhamos o médio, era só fundamental, depois que começamos com o ensino médio que daí a proposta foi prolongada até o médio”.</p>	<p>Ensino Médio;</p> <ul style="list-style-type: none"> • Realidade e do município é de motivação para estruturar disciplinas contextualizadas • A disciplina de Turismo foi implantada pela região ser turística; • Proposta iniciada no Ensino Fundamental e depois estendida ao Médio. 	<p>perspectiva de trabalho aos jovens da região, principalmente os egressos do Ensino Médio; A realidade do município serviu de motivação para estruturar disciplinas da parte diversificada do currículo e o caso da disciplina de Turismo foi devido ao município ser turístico. A proposta foi iniciada no ensino fundamental e depois estendida ao Médio.</p>
DOCENTE 3	<p>“A inserção foi devido à cidade ser uma estância hidromineral, assim a disciplina, que já existe há 7 anos (2004), foi criada tendo a preocupação de preparar os jovens para atender bem os turistas, conhecendo seus atrativos para que estes fossem divulgados. Tivemos essa preocupação porque os nativos, ou melhor, os moradores nascidos na cidade não a valorizam ou não tratam bem os turistas, principalmente os lojistas. Os novos residentes, as pessoas de fora que aqui vieram morar, são mais agradáveis e atenciosos que os próprios nativos”.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Inserção da disciplina de turismo devido ao município ser uma estância hidromineral; • Criada há 7 anos com a preocupação de preparar os jovens para atender bem os turistas; conhecer seus atrativos para que estes sejam divulgados. • Moradores locais não valorizam e nem atendem bem aos turistas; • Os novos moradores são mais atenciosos e agradáveis. 	<p>D³ A inserção da disciplina de turismo no município foi devido à cidade ser considerada estância hidromineral. A criação foi há 7 anos (ano da resposta 2004), cujo objetivo foi de preparar os jovens para atender turistas; conhecer seus atrativos e para que estes sejam divulgados. Identificaram que os moradores locais não valorizavam e nem atendiam bem os turistas e que os novos moradores eram mais atenciosos e agradáveis com os turistas.</p>

VI. Fale sobre a disciplinarização do turismo no ensino fundamental e médio.

SUJEITO	DISCURSO DO SUJEITO	REDUÇÃO – UNIDADES DE	DISCURSO ARTICULADO
---------	---------------------	-----------------------	---------------------

		SIGNIFICADOS	
DOCENTE 1	<p>“Com relação ao turismo se tornar uma disciplina, eu vejo assim, eu tenho esses casos que são casos de sucesso, de entrar como disciplina, porque hoje, a escola permite que algumas disciplinas optativas, alguns temas sejam acrescentados, antigamente a grade era mais rígida, hoje é possível acrescentar temas e disciplinas com outros temas que não os convencionais da escola, então assim, eu acho que nos casos de municípios que tem uma forte vocação turística eu acho interessante, como foi o caso de São Vicente e São José, de colocar na grade mesmo, eu acho que isso causou um impacto muito maior, inclusive de educação turística em massa. No caso de São Vicente, todas as sétimas e oitavas têm a disciplina. Então eu acho que em municípios que já tem vocação turística forte e querem desenvolver mais, eu acho isso uma boa estratégia. Em outros casos, se você pegar município de São Paulo, ou escolas de algumas regiões de SP, bairros que turismo não ressalta como a principal atividade econômica, aí eu acho que pode ser um tema transversal, ou uma semana do turismo, aí eu acho que é caso a caso. Acho que não dá para passar uma lei que agora turismo vai ter que ser disciplina obrigatória, eu seria contra. Agora em caso que partiu da comunidade, que partiu da própria escola, que partiu da própria secretaria de educação, no caso de São Vicente partiu da secretaria de Educação, não é secretaria de turismo. aí eu acho, que na minha avaliação, é que foi extremamente positivo”.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Interessante a proposta de escolas oferecerem disciplinas optativas ou mesmo incluir temas não convencionais, mas que atendam as características locais do município, como é o caso de cidades com forte vocação turística; • Inserir na grade curricular a disciplina de turismo causa impacto maior por ser uma educação turística em massa; • É válida para municípios com forte vocação ou que querem desenvolver o turismo; • Caso o município não tenha vocação ou características, a educação turística não seria positiva. 	<p>D¹ afirma que é interessante a proposta de escolas que ofertam disciplinas optativas ou com temas não convencionais com a preocupação de atender características locais como é o caso de municípios de forte vocação turística que adotou a inserção do turismo no currículo buscando um maior impacto, ofertando uma educação turística em massa. O processo é válido nos casos de municípios com forte vocação turística ou com o objetivo de desenvolver o turismo, caso contrário, não seria positiva essa ação.</p>
DOCENTE 2	<p>“[...] em conversa, com apoio da administração municipal, em que os educadores, na época eu a Professora Sônia, explicamos o porquê das disciplinas novas e o conselho aprovou. O conselho aprovando foi implantado na grade essas disciplinas. [...] na verdade eu que coloquei, conversei com a Sônia, professora de Geografia que tinha já um trabalho voltado, pois trabalhava Geografia e Turismo com os alunos, principalmente daqui da nossa região, da nossa cidade, partindo da nossa cidade para que ele pudesse conhecer o turismo nacional e o internacional. Conversando com a Sônia, nós achamos legal, era viável e interessante para que eles tivessem um pouco mais de conhecimentos sobre a região, era uma disciplina voltada especificamente voltada para nossa região mesmo. Trabalhando encima da realidade local porque o que a gente sente é assim, acredito que não aconteça só aqui na cidade de Águas de São Pedro, mas normalmente quem mora na cidade não conhece os pontos turísticos da cidade porque está tão habituado a ver, passar em frente, olhar, mas não tem assim aquela ligação. Então a gente começou a trabalhar turismo inclusive fazendo visitas aos pontos turísticos. A professora levava os alunos para eles conhecerem, mostrar o que é, como aconteceu aquilo, como aqui a gente tem a história do petróleo, da torre Balloni, a capelinha, a água Almeida Salles, o Balneário, então ela desenvolveu o conteúdo encima do que o município oferecia e depois</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Novas disciplinas foram aprovadas pelo conselho municipal de educação e Administração Municipal; • Inserção feita pela Secretária de Educação e Cultura, junto com a professora de Geografia, com o objetivo de trabalhar a região, cidade, turismo nacional e internacional; • A proposta foi considerada viável e interessante por ser voltada para a região; • O morador de uma cidade turística, muitas vezes, não conhece os pontos turísticos 	<p>D² esclarece que novas disciplinas foram criadas pelos professores, com apoio da administração municipal foram aprovadas no conselho municipal de educação. A inserção da disciplina de turismo foi feita pela secretária de educação e Cultura junto com a professora de Geografia que já desenvolvia um trabalho em que relacionava o turismo. O objetivo da proposta foi de trabalhar a região, cidade, o turismo nacional e</p>

	<p>atingiu as outras regiões, São Pedro, e outras cidades vizinhas.</p> <p>[...] O que a gente sente é que eles (alunos) não tem maturidade para você colocar uma disciplina que ela esteja aberta, que ela não tenha avaliação, que você não tenha um certo rigor com ela na mesma atuação das outras disciplinas, então eu acredito que eles são imaturos para ter uma disciplina que não tenha as mesmas regras que as outras, então no caso da disciplina turismo ela tem o mesmo peso que todas as outras disciplinas, porque a gente trabalha assim, sempre trabalhou na municipal, conteúdo, avaliações obrigatórias no bimestre, se ele (aluno) não teve aproveitamento terá de fazer recuperação, quer dizer, ele tem todas as oportunidades no ano. Se acaso no final de ano ele ficar em mais de três disciplinas ele não pode fazer a avaliação final, ele é retido. E ele sabe que turismo também retém, claro que a gente tem hoje a progressão continuada, tem n ofertas aí da escola estadual e a gente acaba promovendo um aluno que não tem interesse nenhum, então ele precisa ter um pouco de responsabilidade para estudar na escola e sentir que é importante para ele, para o crescimento dele, pode não utilizar hoje, mas daqui alguns anos quem sabe...então muitos vão utilizar. E a gente vê que com a disciplina de turismo muitos já utilizam de imediato, para eles foi um negócio legal porque foram trabalhar como guia, alguns estão ainda trabalhando como guia, então isso é bastante interessante e cria um vínculo com a escola, com a própria comunidade, ele sabe a história da cidade, ele sabe o que a cidade oferece”.</p>	<p>de sua própria cidade, pelo hábito de frequentar estes lugares sempre e não ter uma ligação (olhar cotidiano por não ser turista) e, por isso, a importância de se trabalhar turismo;</p> <ul style="list-style-type: none"> • A professora realizava visitas em pontos turísticos para apresentar características geográficas e históricas; • Os conteúdos abordados foram elaborados com base no que o município e outras regiões ofereciam; • A disciplinarização do turismo é importante porque os alunos não têm maturidade para cursar uma que seja aberta, sem avaliação, sem um certo rigor, sem as mesmas regras que as disciplinas tradicionais; • Pode ser reprovado na disciplina de Turismo como em qualquer outra disciplina e caso ele esteja reprovado em mais outras duas ele é retido; • Os conhecimentos trabalhados pela disciplina de turismo são utilizados imediatamente, pois alguns alunos atuaram como guias, é interessante porque cria vínculo com a escola e comunidade, o aluno conhece mais sobre 	<p>internacional, sendo então a proposta considerada viável e interessante por ser voltada para a região. Os conteúdos foram elaborados com base no que o município e outras regiões ofereciam, tendo em vista que os próprios moradores locais, muitas vezes não conhecem seus próprios atrativos turísticos pelo hábito de frequentar estes lugares sempre e por não ter um olhar de turista e sim cotidiano. Deste modo a disciplina também exigia atividades práticas como visitas aos pontos turísticos com o objetivo de apresentar a história e geografia local.</p> <p>A disciplinarização do turismo é considerada como importante já que os alunos não tem maturidade para cursar uma disciplina que seja aberta, sem avaliação, sem um certo rigor, sem as mesmas regras de disciplinas tradicionais.</p> <p>Os conhecimentos trabalhados pela disciplina de turismo são passíveis de serem empregados no cotidiano do aluno porque além de ensinar mais sobre a história e atrativos da cidade possibilita a atuação como um guia ou monitor local.</p>
--	---	--	---

		a história e o que a cidade lhe oferece.	
DOCENTE 3	“A iniciativa foi da Prefeitura quando, em 1997, municipalizou o ensino de primeira a oitava séries do Ensino Fundamental. Cujo objetivo era preparar a comunidade para melhor receber os visitantes e que os jovens alunos se integrem mais com a população volante”.	<ul style="list-style-type: none"> • Iniciativa da prefeitura em 1997; • Objetivo de preparar a comunidade para melhor receber os visitantes e para que os jovens se integrem com os turistas. 	D ³ argumenta que a iniciativa foi da prefeitura no ano de 1997, cujo objetivo foi de preparar a comunidade para melhor receber os visitantes e para que os jovens se integrem com os turistas.

VII. Que tipo de educação é proporcionada aos jovens, ou seja, é um ensino que visa o mercado de trabalho ou busca ampliar os conhecimentos de cultura geral e desenvolver a criticidade dos educandos?

SUJEITO	DISCURSO DO SUJEITO	REDUÇÃO – UNIDADES DE SIGNIFICADOS	DISCURSO ARTICULADO
DOCENTE 1	“Esse nosso curso, da AVT não é profissionalizante. Ele não substitui um curso por exemplo do SENAC que forma garçom, forma pra hotelaria, ele não é um curso profissionalizante. O que ele pretende é trabalhar com a cultura geral, até mesmo porque não sei se você conhece o livrinho do IBOPE, da pesquisa do IBOPE, até que vc ia renovar, eu queria muito fazer de novo, eu ia até te perguntar se você guardou aquele questionário, então acho que valia a pena, eu pensei de pedir para os alunos da USP Leste isso, então o que o mercado de trabalho hoje espera do profissional ingressante na carreira. Com ensino médio ou com ensino superior. Eu acho que tem mudado muito. De qualquer forma, o nosso curso não daria a profissionalização. O que nós pretendemos é apresentar o setor do turismo. O que a gente vê na prática é que muitas vezes isso já abre portas pro jovem porque outros não têm nem isso. Se você pegar alguém que já fez um curso técnico, eu vejo que lá na USP Leste, muitos alunos que entraram no curso de Lazer e Turismo, já vem de cursos técnicos, de hotelaria, de turismo, então eles já têm uma base que muitas vezes eles vêm de novo os conteúdos, então eles já estariam mais preparados. O que a gente tem é um conteúdo de turismo dentro do ensino fundamental e médio, então ele não é profissionalizante, nem é o nosso objetivo”.	<ul style="list-style-type: none"> • Curso da AVT não tem caráter profissionalizante; • Pretende trabalhar com a cultura geral; • Visa apresentar o setor de turismo; • O curso proporciona oportunidades aos jovens; • Amplia os conhecimentos referentes ao turismo. 	D ¹ O curso ofertado pela AVT-BR não possui caráter profissionalizante e pretende trabalhar conteúdos de cultura geral, apresentar o setor de turismo, ampliar os conhecimentos sobre a área e ainda pode proporcionar oportunidades profissionais aos jovens.
DOCENTE 2	“É interessante porque a gente tem dois trenzinhos na cidade que são veículos (trator) que fazem o roteiro turístico na cidade e nós temos alguns alunos na fase que	<ul style="list-style-type: none"> • Alunos que estudam turismo buscam atuar nos 	D ² acredita que os alunos que estudam turismo visam ao

	<p>eles começam a aprender sobre, então alguns foram até trabalhar no trenzinho, porque eles achavam bonito ficar no microfone falando, quando passavam perto de um prédio, falavam isso aqui é tal coisa, aconteceu tal coisa aqui, então isso foi muito legal, gratificante você ver e ainda tem vários que fazem isso. Na época, dentro do mini-horto havia guias, eles tinham um relacionamento legal com a disciplina e com a escola, porque eles tinham uma atividade e eles estavam aplicando aquilo, normalmente a grade nunca vai satisfazer a todos, tem conteúdo que ele fala para que eu vou usar isso? Mas dentro da disciplina turismo eles tinham um lugar onde podiam aplicar, no dia-a-dia eles podiam usar isso foi muito legal”.</p>	<p>veículos que fazem o roteiro turístico do município, apresentando aos turistas os atrativos locais;</p> <ul style="list-style-type: none"> • Atuação como guias no mini-horto; • A disciplina de turismo trabalha conteúdos que são aplicados no dia-a-dia. 	<p>mercado de trabalho atuando como guias locais, apresentando os atrativos do município nos roteiros realizados pelos “trenzinhos” ou mesmo como guias do mini-horto florestal, já que a disciplina trabalha com conteúdos que podem ser aplicados no dia-a-dia dos estudantes.</p>
DOCENTE 3	<p>“Consideramos a idade e a maturidade do aluno e também o que ele tem de mais concreto que é a própria cidade. Assim as quintas séries estudam o município, suas potencialidades e noções de orientação dos pontos turísticos. As sextas séries conhecem a importância do Turismo Nacional; as sétimas séries recebem orientações do turismo fora do Brasil, principalmente nos países vizinhos. Enquanto nas oitavas séries o conhecimento generaliza alguns conceitos e dá uma visão dos diferentes continentes, também trabalha com eventos”. [...] A disciplina conta com muitas atividades práticas como as saídas de campo: visita aos pontos turísticos de Águas de São Pedro – relatório de visita; elaboração de croquis de trajetos dos percursos feitos dentro e fora do município; viagens para localidades próximas, onde os procedimentos de organização e contatos são feitos por equipes; dinâmicas de recreação: sociabilização, apresentação e diversão”.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Considera-se a idade, maturidade do aluno e a cidade; • Os conteúdos são diferenciados de acordo com a série; • De quinta à oitava os alunos aprendem respectivamente sobre o município; turismo nacional; turismo internacional com destaque aos países vizinhos; e conhecimentos referentes aos diferentes continentes e trabalho em eventos; • A disciplina conta com atividades práticas como saídas a campo, visitas técnicas, viagens em que os alunos elaboram croquis de trajetos, auxiliam nos procedimentos de organização de viagens e em dinâmicas de recreação. 	<p>D³ argumenta que consideram a idade e a maturidade do aluno e as características da cidade. Os conteúdos são diferenciados por série, de quinta à oitava série os alunos aprendem respectivamente sobre o município; turismo nacional; turismo internacional com destaque aos países vizinhos; e conhecimentos referentes aos diferentes continentes e trabalhos em eventos. A disciplina possui atividades práticas como as saídas a campo, visitas técnicas e viagens em que os alunos auxiliam no planejamento e organização de viagens, elaboram croquis de itinerários e dinâmicas de recreação.</p>

VIII. Como o ensino do Turismo tem contribuído para a formação dos educandos? É possível identificar mudanças comportamentais ou modificar a visão de mundo dos alunos?

SUJEITO	DISCURSO DO SUJEITO	REDUÇÃO – UNIDADES DE SIGNIFICADOS	DISCURSO ARTICULADO
DOCENTE 1	<p>“[...] eu tenho tido pouco contato com os alunos que se formam, eu até pedi para os coordenadores mandarem para mim depoimentos porque a coordenação mundial que é em Nova Iorque me pede isso, e eu não tenho esse contato com os alunos e eu trabalho com os professores. Eu não chego no aluno, então eu não sei. Dos que eu tenho tido retorno, é sempre extremamente positivo. Eles se sentem motivados, assim como com o professor, mexe com a auto-estima, eles vêem, trabalham com algo de interesse, eu acho que tem uma mudança no perfil dos alunos. Eu percebo em municípios que até escolas públicas que estão em periferia, muitas vezes abre uma perspectiva que o aluno se sente animado em até procurar uma Universidade. Em muitos casos isso aconteceu do aluno do ensino fundamental e médio, depois de fazer o curso ele fica tão animado que ele vai e faz vestibular. Antes ele se achava incapaz, ele não pensou que ele ia poder fazer faculdade e aquilo abre portas para ele. Então eu sinto que muda muito as oportunidades para alunos e professores. Muitas vezes muda não porque nós mudamos, mas porque foi esta questão de mexer com a pessoa e a pessoa descobrir essas oportunidades, então, muitas vezes, é indireto o nosso papel, mas acaba tendo esse efeito. Eu acredito que tenha. Eu já achava isso quando eu dava cursos aqui no laboratório de ensino, antes de ter AVT até, nós fazíamos muitos cursos no LEMADI. Todo sábado nós tínhamos os professores da rede. E eu via isso acontecer. É uma mudança de auto-estima e de motivação do professor, mexia com o perfil do professor e na como de como ele se relacionava com o trabalho e isso abria um interesse uma perspectiva para ele que mudava a forma como ele trabalhava como os alunos, muitas vezes ele fazia um cursinho no sábado e isso levava o professor a ter outras idéias que nem foram discutidas naquele sábado, mas que eu percebia que o efeito daquele sábado era muito maior do que só aquelas quatro horas, porque mudava mesmo a postura do professor. mudava o ânimo dele é uma mudança interior. E no aluno isso também acontece, e o turismo motiva, o turismo por só mexe com o imaginário das pessoas, se eu estivesse ensinando conteúdos tradicionais da escola como matemática, talvez não tivesse esse papel, mas o turismo tem algo que mexe com a imaginação das pessoas, com sonhos, e acho que é um conteúdo que motiva alunos e professores na escola, pois estes estavam cansados de português, matemática, história, geografia, ciências, biologia, então o turismo tem uma capacidade de mexer com as cabeças. E eu tenho notado isso.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • O ensino do Turismo é positivo, os alunos se sentem motivados, mexe com a auto-estima, há uma mudança no perfil dos alunos; • Abre perspectivas, motiva o aluno a buscar uma Universidade; • Antes o aluno se sentia incapaz, não pensava em fazer faculdade e o ensino do turismo abre portas, descobre oportunidades; • O turismo motiva os alunos, pois mexe com o imaginário, com sonhos. 	<p>D¹ identifica o ensino do turismo como sendo positivo pela modificação no perfil dos alunos que se apresentam mais motivados, abre novas perspectivas, descobre oportunidades, faz com que o aluno busque uma universidade, pois o ensino do turismo mexe com a auto-estima dos jovens, com o imaginário, com sonhos.</p>

DOCENTE 2	“[...]olha o que eu senti é que nós conseguimos atingir um nível muito bom na escola municipal, pais presentes, mais ativos, isso é importante para a escola, então o pai presente, a comunidade presente você aprende a crescer. Porque existe a cobrança por uma melhor qualidade. Isso foi muito bom para nós. Na época isso foi muito bom”.	<ul style="list-style-type: none"> Nível muito bom na escola; maior participação e cobrança dos pais; 	D ² afirma que melhorou a qualidade da escola municipal e despertou um maior interesse da comunidade, dos pais em relação ao ensino oferecido.
DOCENTE 3	“De maneira geral gostam muito, pois adquirem conhecimentos de forma lúdica ou com experiências ‘in-loco’ [...] Há mudanças no comportamento, na receptividade, respeito ao turista e maior interesse pelo que acontece na cidade e também nos eventos municipais”.	<ul style="list-style-type: none"> Os alunos gostam muito da disciplina pois aprendem de forma lúdica e com experiências ‘in-loco’; Mudanças no comportamento, na receptividade, respeito ao turista e interesse pelos acontecimentos e eventos locais. 	D ³ comenta que os alunos gostam muito da disciplina pois aprendem de forma lúdica, com experiências ‘in-loco’. Identifica as mudanças de comportamento em relação à receptividade e respeito aos turistas bem como a um maior interesse pelos acontecimentos e eventos locais.

B) PERCEPÇÕES DISCENTES

I. Você acredita ser importante estudar turismo? Por quê?

SUJEITO	DISCURSO DO SUJEITO	REDUÇÃO – UNIDADES DE SIGNIFICADOS	DISCURSO ARTICULADO
ALUNO 1	Sim. Pois aperfeiçoa nosso conhecimento. E como moramos numa cidade turística, o emprego é mais fácil.	<ul style="list-style-type: none"> • aperfeiçoa o conhecimento; • por morar em cidade turística facilita a empregabilidade; 	A1 O ensino do turismo aperfeiçoa o conhecimento e por morar em cidade turística facilita a empregabilidade.
ALUNO 2	Sim. Porque através do turismo, podemos aperfeiçoar nosso conhecimento, aprendemos a olhar o mundo com outros olhos, em um simples passeio aprendemos a apreciar os mínimos detalhes de tudo que vemos.	<ul style="list-style-type: none"> • Aperfeiçoa o conhecimento; • ensina a olhar o mundo com outros olhos; • passeios melhor aproveitados; 	A2 O ensino do turismo aperfeiçoa o conhecimento, ensina os educando a olhar o mundo com outros olhos e faz com que os passeios sejam mais bem aproveitados.
ALUNO 3	Sim. Pois através do turismo conhecemos mais coisas, aprendemos a olhar o mundo de outra maneira, de modo que apreciamos a natureza melhor, etc.	<ul style="list-style-type: none"> • Turismo amplia os conhecimentos; • muda a visão de mundo; • passa a valorizar mais a natureza; 	A3 O ensino do turismo amplia os conhecimentos, muda a visão de mundo e estimula os jovens a valorizar a natureza.
ALUNO 4	Sim. Porque ao estudar turismo, você expande seus conhecimentos e tem mais uma opção de trabalho.	<ul style="list-style-type: none"> • Expande conhecimentos; • Opção de trabalho; 	A4 O ensino do turismo amplia os conhecimentos e é uma opção de trabalho.
ALUNO 5	Sim. Acredito pelo fato de que turismo é você conhecer sua própria cultura.	<ul style="list-style-type: none"> • Estudar turismo é conhecer sua própria cultura; 	A5 O estudo do turismo é o conhecimento de sua própria cultura.
ALUNO 6	Sim. Pois deste modo nós podemos saber mais sobre outras culturas além da nossa.	<ul style="list-style-type: none"> • Saberes sobre culturas; 	A6 O estudo do turismo é o conhecimento sobre culturas.
ALUNO 7	Sim, porque é uma forma de ampliar meus conhecimentos em relação a outros países, outras culturas e outras formas de vida. Também por que o turismo me chama a atenção pela diversidade de aprendizado.	<ul style="list-style-type: none"> • Ampliar os conhecimentos em relação aos outros países, culturas e formas de vida; • Turismo: diversidade de aprendizado 	A7 O estudo do turismo amplia os conhecimentos dos educandos em relação aos outros países, culturas e formas de vida,
ALUNO 8	Sim. Pois estudo e moro numa cidade turística, portanto estudando e conhecendo turismo posso ter grandes chances de emprego.	<ul style="list-style-type: none"> • Estuda e mora em cidade turística; • Chances de emprego; 	A8 O estudo do turismo é importante pelo aluno morar numa cidade turística e seu estudo possibilita

			chances de empregos na área.
ALUNO 9	Sim. Porque como estamos numa cidade turística é importante saber um pouco mais sobre turismo.	<ul style="list-style-type: none"> • É importante estudar turismo por viver numa cidade turística; 	A9 É importante estudar turismo por viver numa cidade turística.
ALUNO 10	Sim. Porque estudando turismo a gente ganha conhecimento sobre culturas, etc.	<ul style="list-style-type: none"> • conhecimento sobre culturas; 	A10 O estudo do turismo proporciona conhecimentos sobre culturas.

II. De que forma o ensino do Turismo contribuiu para sua formação escolar?

SUJEITO	DISCURSO DO SUJEITO	REDUÇÃO – UNIDADES DE SIGNIFICADOS	DISCURSO ARTICULADO
ALUNO 1	Aproveitar o máximo das minhas viagens, a dar informações na minha cidade corretamente.	<ul style="list-style-type: none"> • Aproveitar viagens como turista; • fornecer informações sobre sua cidade; 	A1 Identifica as contribuições do ensino do turismo como sendo o aproveitamento de viagens como turista e fornecer informações corretas sobre sua cidade.
ALUNO 2	O turismo fez, com que eu olhasse o mundo com outros olhos, consigo aproveitar ao máximo minhas viagens, consigo dar informações na minha cidade corretamente, consigo contribuir com a população.	<ul style="list-style-type: none"> • Mudança de olhar em relação ao mundo; • Aproveitar mais as viagens como turista; • Fornecer informações sobre a cidade; 	A2 As contribuições foram no sentido de mudar o olhar em relação ao mundo, aproveitar as viagens como turista e fornecer informações sobre sua cidade.
ALUNO 3	Fez com que eu enxergasse o mundo de outra maneira, como aproveitar ao máximo as viagens, os passeios, etc.	<ul style="list-style-type: none"> • Mudança de olhar em relação ao mundo; • aproveitar viagens e passeios como turista; 	A3 As contribuições foram na mudança de olhar em relação ao mundo e melhor aproveitamento de viagens e passeios como turista.
ALUNO 4	O Ensino do turismo contribui na formação escolar porque ele abre novas portas para o campo de trabalho.	<ul style="list-style-type: none"> • O turismo gera oportunidades para o campo de trabalho; 	A4 O ensino do turismo contribuiu para a formação do educando no sentido de proporcionar oportunidades para o campo de trabalho.
ALUNO 5	Bom para a minha formação, ajudou a entender o porque que precisamos saber mais sobre a nossa cultura, e o quanto é importante apreciarmos as coisas belas, e que tudo tem uma história e é importante sabermos.	<ul style="list-style-type: none"> • Conheciment os sobre sua própria cultura e história; 	A5 As contribuições são apontadas como os conhecimentos sobre a sua própria cultura e história.

ALUNO 6	O turismo despertou em mim uma vontade de conhecer outras culturas e outros modos de viver.	<ul style="list-style-type: none"> • Anseio por conhecer outras culturas e modos de vida; 	A6 Despertou o anseio por conhecer outras culturas e modos de vida.
ALUNO 7	O turismo aguçou a minha curiosidade em querer aprender mais sobre os desenvolvimentos culturais e profissionais de outros países, também a vontade de poder curtir as maravilhas que cada país oferece.	<ul style="list-style-type: none"> • Despertou interesse em aprender sobre culturas de outros países; • Oportunidade s profissionais em outros países; • Vontade de fazer viagens internacionais; 	A7 Despertou interesse em aprender sobre culturas e oportunidades profissionais em outros países, além de motivar a fazer viagens internacionais.
ALUNO 8	O Ensino do turismo envolve outras matérias, fazendo com que eu aprenda e aumente meus conhecimentos.	<ul style="list-style-type: none"> • Ensino relacionado a outras matérias; • Aumento de conhecimentos; 	A8 As contribuições são identificadas no sentido de que o turismo está relacionado a outras disciplinas e, por isso, facilitou o aprendizado e conhecimento.
ALUNO 9	O turismo é uma carreira que eu pretendo seguir e é importante ir aprendendo desde já.	<ul style="list-style-type: none"> • Futura carreira profissional; 	A9 Considera importante aprender sobre turismo por ser uma futura carreira profissional almejada.
ALUNO 10	Ajudou a eu ter mais conhecimentos e entender melhor sobre a nossa cultura e a história da nossa cidade.	<ul style="list-style-type: none"> • Maiores conhecimentos sobre cultura e história locais. 	A10 Auxiliou na ampliação de conhecimentos sobre cultura e história do município.

LIVROS DIDÁTICOS (ANEXO 6)

editora scipione

RESPONSABILIDADE EDITORIAL

Luiz Esteves Sallum
Maria Teresa Buco Porto

GERÊNCIA EDITORIAL

Aurelio Gonçalves Filho

EDIÇÃO DE TEXTO

Wilma Moura

ASSISTÊNCIA EDITORIAL

Mauro Aristides
Heloisa Pimentel
Savério Lavorato Júnior
Cristina Catalina Charnis van Wanrooij
Luciana Fava Dias
Luís Henrique Ligabue Ferreira da Silva
Raquel Rosmaninho

REVISÃO

chefia - Miriam de Carvalho Abôes
preparação - Thereza Christina Pozzoli
revisão - Daniela Bessa Puccini,
Cláudia Virgílio e Andréa Castilhano

GERÊNCIA DE MARKETING

Maria José Rosolino

ARTE

coordenação geral - Sérgio Yutaka Suwaki
edição de arte - Didier D. C. Dias de Moraes
coordenação de arte - Ascensión Rojas
assistência - Maria Viceneide Ribeiro e
Joseval Sousa Fernandes
capa e miolo - Pimenta Design
ilustrações - Paulo Manzi,
Cassiano Rôda e José Luis Juhas,
cartografia - Mário Yoshida
pesquisa iconográfica - Lourdes Guimarães e
Vanessa Manna da Silva
foto de capa - Hulton Getty Image (Global craft, London,
England, 1933); Andy Sacks/Tony Stone

COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO

José Antonio Ferraz

COMPOSIÇÃO E PAGINAÇÃO

Reflexo Fotolito Ltda.

IMPRESSÃO E ACARAMENTO

Prol - Editora Gráfica Ltda.

Editora Scipione Ltda.

MATRIZ

Praça Carlos Gomes, 46

01501-040 São Paulo SP

e-mail: scipione@scipione.com.br

DIVULGAÇÃO

Rua Fagundes, 121

01508-030 São Paulo SP

Tel. (0XX11) 3272 8411

Caixa Postal 65131

VENDAS

Tel. (0XX11) 3277 1788

2001

ISBN 85-262-3706-3=PR

ISBN 85-262-3702-0=AL

1ª EDIÇÃO

(2ª impressão)

EDITORA AFILIADA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Sene, Eustáquio de

A geografia no dia-a-dia: 6ª série/Eustáquio de Sene,
João Carlos Moreira. – São Paulo: Scipione, 2000.
– (Coleção Trilhas da geografia)

1. Geografia (Ensino fundamental) I. Moreira,
João Carlos. II. Título. III. Série.

99-4957

CDD-372.891

Índices para catálogo sistemático:

1. Geografia: Ensino fundamental 372.891

Agradecemos as leituras críticas e
valiosas contribuições dos professores:

Antonio Carlos Robert Moraes

(Departamento de Geografia da USP, São Paulo-SP),

Flávia Schilling

(Centro de Referência e Apoio à Víctima –
Secretaria da Justiça, São Paulo-SP)

Marina Precoppe

(Colégio Nossa Senhora das Graças, São Paulo-SP),

Nídia Nacib Pontuschka

(Faculdade de Educação da USP, São Paulo-SP) e

Rita Elizabeth Durso Pereira da Silva

(Escola Fundamental do Centro Pedagógico
da UFMG, Belo Horizonte-MG).

Somos gratos, ainda, às leituras técnicas:

em cartografia da professora

Maria Elena Ramos Simielli

(Departamento de Geografia da USP, São Paulo-SP)

e em geologia e geomorfologia da professora

Lylian Coltrinari

(Departamento de Geografia da USP, São Paulo-SP)

e à colaboração de

Maria Alice da Silva Noffs.

O mesmo sertão que exporta imagens de miséria e fome e que a cada seca penaliza e expulsa milhares de seus habitantes produziu, em 1992, cerca de 40 mil toneladas de uvas; em 1993, estimava-se que a produção ultrapassasse 50 mil toneladas. Os grandes compradores foram a França, a Holanda, a Grã-Bretanha e os Estados Unidos.

Fato semelhante ocorreu com a manga. A expectativa para 1993 era dobrar o volume de produção, que de 12 mil toneladas deveria passar para 25 mil, das quais 15 mil seriam para exportação.

Em 1992, dos US\$ 120 milhões que o Brasil recebeu com a exportação de frutas, 25% estão associados aos cultivos do sertão (seco?) do Nordeste.

Estamos enfatizando o período de 1992/1993 porque, "coincidentemente", enquanto milhões de nordestinos ainda colhiam os frutos de uma prolongada estiagem, as grandes empresas estimavam aumentos significativos em seu volume de produção, que visava apenas a exportação.

Tiramos a comida dos brasileiros e servimos sobremesa aos países desenvolvidos.

Em um contexto capitalista é "compreensível" que os empresários se preocupem com o aumento de sua produção, do seu lucro e ignorem que pessoas estejam passando fome. No entanto é inaceitável a omissão do governo. Na verdade, omissão apenas quanto à fome da população, pois no que se refere às exportações, há toda uma legislação de "amparo" e incentivos...

ANDRIGHETTI, Yná. *Nordeste: mito e realidade*. São Paulo: Moderna, 1998. p. 7-10, 163.

Compare as duas partes do texto acima, tire suas conclusões e responda:
Por que coexistem realidades tão diferentes no Sertão nordestino?

O turismo

REFLITA E RESPONDA

1. Quando se fala em viagem, a primeira lembrança que nos vem à mente é o turismo. Existem outros motivos que levam as pessoas a viajar? Quais?
2. Qual é a infra-estrutura básica necessária para que os turistas sejam bem atendidos e guardem boas lembranças do lugar visitado?
3. As praias do Nordeste recebem turistas o ano inteiro, e não apenas no verão. Como se explica isso?

As festas de Salvador, como a da lavagem da Igreja do Nosso Senhor do Bonfim (em foto de 1994), assim como suas praias, atraem muitos turistas ao longo do ano.

Capítulo

210

Em Fortaleza foi criado um parque aquático – chamado Beach Park em foto de 1999 – para atrair mais turistas.

O arquipélago de Fernando de Noronha, distrito estadual de Pernambuco, foi transformado em parque nacional marinho com o objetivo de conciliar o turismo com a preservação dos ecossistemas oceânicos.

O turismo ecológico possui um grande potencial de crescimento não somente no Nordeste, em lugares como Lençóis, na Chapada Diamantina (BA), mas em todo o Brasil.

O turismo é uma atividade econômica que cresce muito em vários lugares da região Nordeste. No litoral, a beleza e o clima das praias atraem turistas de outras regiões do Brasil e do exterior ao longo de todos os meses do ano, já que as temperaturas mantêm-se sempre elevadas. No interior, as belezas naturais e os parques ecológicos também se tornaram um grande pólo de atração de visitantes.

O movimento de turistas envolve grandes investimentos em infra-estrutura nas rodoviárias, portos e aeroportos, bem como em pousadas e hotéis, restaurantes, casas noturnas, lojas de artesanato local, empresas de viagens com guias turísticos, segurança – enfim, comércio e serviços em geral. Atualmente, o turismo é uma das atividades que mais gera empregos no mundo.

Toda essa infra-estrutura – e a mão-de-obra mobilizada –, além de atender às pessoas que viajam por turismo, também é utilizada por outros tipos de visitantes: os que viajam a trabalho ou para estudar, participar de congressos, visitar parentes, etc.

© REGINA ARAUJO, RAUL BORGES GUIMARÃES, WAGNER COSTA RIBEIRO 1999

COORDENAÇÃO EDITORIAL: Virginia Aoki,
 EDIÇÃO DE TEXTO: Sônia Cunha de S. Danelli, Débora Lima, Alessandra R. Secolli
 GERÊNCIA DA PREPARAÇÃO E DA REVISÃO: José Gabriel Arroio
 PREPARAÇÃO DO TEXTO: Mitsue Morissawa
 REVISÃO: EntreTextos Assessoria Editorial
 GERÊNCIA DE PRODUÇÃO GRÁFICA: Wilson Teodoro Garcia
 EDIÇÃO DE ARTE E PROJETO GRÁFICO: Eduardo de Jesus Gonçalves
 CAPA: Luiz Fernando Rubio
 Fotos: Bandeira da ONU; Empire State; Tóquio; Corão/CID
 PESQUISA ICONOGRÁFICA: Vera Lucia da Silva Barriounevo
 As imagens identificadas com a sigla CID foram fornecidas pelo Centro de Informação e Documentação da Editora Moderna.
 ILUSTRAÇÕES: Luiz Fernando Rubio, Paulo Manzi
 DIAGRAMAÇÃO: Flávia Maria Susi
 CARTOGRAFIA: Stephan C. J. Eikemans, Anderson de Andrade Pimentel
 COMUNICAÇÃO CARTOGRÁFICA: Stephan C. J. Eikemans
 TRATAMENTO DE IMAGENS: Silvio Pereira, Evaldo de Almeida
 SAÍDA DE FILMES: Hélio P. de Souza Filho, Luiz A. da Silva
 COORDENAÇÃO DO PCP: Fernando Dalto Degan
 IMPRESSÃO E ACABAMENTO: Donnelley - Cochrane Gráfica Editora do Brasil

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Araujo, Regina
 Construindo a geografia / Regina Araujo, Raul
 Borges Guimarães, Wagner Costa Ribeiro. — São
 Paulo : Moderna, 1999.

Conteúdo: v. 1. Uma janela para o mundo —
 v. 2. O Brasil e os brasileiros — v. 3. Recortando
 o mapa do mundo — v. 4. Cenários do mundo
 contemporâneo.

Bibliografia.

I. Geografia (Ensino fundamental) I. Guimarães,
 Raul Borges, 1963-. II. Ribeiro, Wagner Costa,
 1962-. III. Título.

99-1142

CDD-372.891

Índices para catálogo sistemático:

I. Geografia : Estudo fundamental 372.891

ISBN 85-16-02289-7 (LA)

ISBN 85-16-02288-9 (LP)

Reprodução proibida. Art.184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Todos os direitos reservados

EDITORA MODERNA LTDA.

Rua Padre Adelino, 758 - Belenzinho
 São Paulo - SP - Brasil - CEP 05305-904
 Vendas e Atendimento: Tel. (011) 6090-1500
 Fax (011) 6090-1501
 www.moderna.com.br
 2001

Impresso no Brasil

1 3 5 7 9 10 8 6 4 2

Agradecimentos

À equipe da Moderna, em especial à Sônia Cunha, pela dedicação, profissionalismo e carinho com que cuidou desta obra. Ao professor Marcos Alegre, pela orientação cartográfica.

CAPÍTULO 8

A GEOGRAFIA DO TURISMO

O turismo está entre as atividades econômicas que mais cresceram desde o final da Segunda Guerra Mundial (1945). Anualmente, cerca de 600 milhões de turistas circulam pelo mundo, movimentando um negócio de 300 bilhões de dólares. Isso representa 8% de todo o comércio mundial e gera duas vezes mais dinheiro do que as exportações de todos os países africanos juntos.

O *turismo de massa*, tal como o conhecemos hoje, começou a ganhar forma na década de 1960. Com ele, os turistas transformaram-se em consumidores de “pacotes” vendidos por agências de viagem. Passagens aéreas, refeições, hotéis, ingressos de *shows* e de museus, tudo passou a ser minuciosamente planejado e comprado com antecedência. Leia mais sobre esse tipo de turismo no quadro 1.

Os turistas modificam bastante a vida econômica dos países e regiões que os recebem. Eles são consumidores de alimentos, de serviços de transporte e do artesanato local. Além disso, utilizam hotéis, pousadas, agências de viagem, restaurantes, butiques, bazares e casas de dança. Turistas geram negócios e empregos.

Quadro 1

CITY TOUR

Um dos grandes prazeres de viajar nas férias está em não ter horários ou compromissos e poder caminhar sem pressa, ouvindo outros sotaques e outras línguas, e descobrindo lugares interessantes. Muitas viagens turísticas não proporcionam essa despreocupação, conforme observou a geógrafa Ana Fani Alessandri Carlos:

Cidade de Buenos Aires, manhã ensolarada. Dentro de um ônibus que ia iniciar um city tour um turista se dirige à guia: de manhã vamos conhecer a cidade (duas horas — como se isso fosse possível, mas os city tour parecem ter poder de convencer o turista dessa possibilidade), à

noite vamos ouvir tango para o qual fizemos a reserva com você, à tarde passeio ao Tigre, amanhã pela manhã vamos fazer compras, à noite outro show de tango (também com reserva feita pela guia numa outra casa de tango para turista, com jantar incluído). O que vamos fazer à tarde? Não tem nada programado? (A. F. A. Carlos, O lugar no/do mundo, p. 119.)

Tigre

Cidade situada a 32 quilômetros de Buenos Aires, na desembocadura do Rio Paraná de Las Palmas.

Figura 1. Turistas japoneses na base da pirâmide de Gizé, no Cairo (Egito). Devido ao poderio da indústria eletrônica do Japão, os turistas do país costumam carregar sofisticadas máquinas de filmar e de fotografar em suas viagens.

Calcula-se que em todo o mundo devam existir mais de 130 milhões de empregos direta ou indiretamente ligados ao turismo, como os de garçom, motorista de táxi, arrumadeira, recepcionista, balconista, músico, dançarino, tradutor e intérprete. Na Europa, o turismo emprega diretamente 5 milhões de pessoas, número maior do que o de trabalhadores agrícolas do continente. Só na França são mais de 500 mil pessoas.

Os alemães são o povo que mais viaja no mundo. Eles gastam, fora do país, cerca de 25 bilhões de dólares por ano. São seguidos pelos japoneses (fig. 1), que gastam mais de 15 bilhões de dólares anuais.

ATIVIDADE 1

ESCOLHENDO UM PACOTE TURÍSTICO

Se você tivesse um mês de férias, dinheiro para gastar e pudesse optar por um desses pacotes anunciados nos cadernos de turismo dos jornais, qual escolheria? Pesquise as alternativas e exponha na sala de aula a sua opção.

Turismo: um fenômeno urbano

O turismo já foi muito diferente daquilo que é hoje. Ele foi criado pelos ingleses no século XIX, como alternativa de descanso longe da agitação das cidades.

Nos meados desse século, cerca de 85% da população inglesa já era urbana, sendo então crescente o número de advogados, médicos, engenheiros, funcionários públicos e comerciantes que podiam trabalhar na cidade e morar ou,

ao menos, passar os finais de semana no campo. Os moradores das cidades sonhavam com uma casa no campo, cercada de flores e de tranquilidade.

Era também comum a busca da inspiração artística em cenários naturais, como as montanhas e mares realçados pela luz do sol. Fazer um *tour* — palavra francesa — significava excursionar para o campo ou para a praia (fig. 2), como forma de descansar e escapar do corre-corre das grandes cidades.

Fonte: *Instantâneos do cotidiano*, p.108-109.

Figura 2. Banho de mar em um balneário em Norfolk (Inglaterra), em 1892. Muito antes das sungas e dos biquínis cavados.

Mas isso não era para qualquer um. Os nobres, por exemplo, que dispunham de mais tempo livre, tinham seus locais e períodos preferidos. Nada era mais *chic* do que passar uma temporada de inverno no sul da França e visitar Nice (fig. 3) ou Cannes. Para lá se dirigiam as famílias reais da Inglaterra, da Rússia, da Bélgica, da Áustria. Nas colinas dessa região mediterrânea francesa, duques, condes e princesas construíram belos e confortáveis castelos, cercados de exuberantes jardins. Ao mesmo tempo, o desenvolvimento da indústria naval permitiu que os turistas europeus ganhassem os mares. Suntuosos navios (fig. 4) passaram a cruzar o Mediterrâneo e o Atlântico em grandes *tours* à África e à América.

Figura 3. Nice, na França, em 1993. A costa francesa do Mar Mediterrâneo, conhecida pelas praias e pelos verões ensolarados, é chamada de Côtê d'Azur.

Fonte: CID.

Figura 4. Até hoje, grandes transatlânticos como esse levam milhares de turistas em cruzeiros pelas mais diferentes rotas oceânicas.

ATIVIDADE 2

O CAMPO E A CIDADE NA VISÃO DO ARTISTA

A figura 5 reproduz uma obra de Honoré Daumier, um dos primeiros artistas franceses a desenvolver o romantismo na pintura. Nesse trabalho, ele procurou expressar a condição humana de quem vivia em grandes cidades. Já a segunda reprodução (fig. 6), de Caspar David Friedrich, reflete o fascínio do artista alemão pelas forças da natureza.

Figura 5. *O vagão de terceira classe* (1862), de Honoré Daumier.

FOTO ELKE WALFORD HAMBURG HAMBURGER KUNSTALLE

Figura 6. *O caminhante acima da neblina*, de Caspar David Friedrich.

Responda em seu caderno:

1. Que sensações cada uma dessas pinturas provoca em você?
2. De qual delas você gosta mais? Por quê?
3. "O desenvolvimento urbano e industrial acentuou, num primeiro momento, a separação entre cidade e campo". Explique essa frase.

O espaço turístico mundial

Atualmente, os principais pólos do turismo internacional são os países europeus e os Estados Unidos, que registram 75% do total de saídas e chegadas de turistas que circulam entre os países, e acolhem seis vezes mais turistas do que a China e trinta vezes mais do que a Tailândia, por exemplo.

As populações da Europa e dos Estados Unidos, de poder aquisitivo mais elevado, são as que mais viajam. Veja o mapa (fig. 7). Os franceses, por exemplo, gastam em média 2 mil dólares por ano em férias e pelo menos 70% deles já realizaram alguma viagem turística na vida. Em contrapartida, por exemplo, apenas 7% da população da Tunísia teve essa oportunidade.

Fonte: CID.

Figura 7. Os países da Europa e os Estados Unidos são, ao mesmo tempo, os principais pontos de partida e de destino do turismo internacional.

Os europeus destacam-se nas estatísticas internacionais pelo grande movimento turístico entre os países do próprio continente. Em especial no verão, os do norte se dirigem para a região do Mar Mediterrâneo, principalmente para os balneários da Costa do Sol e da Costa Brava, na Espanha (fig. 8), de Côte d'Azur, na França e da **Riviera italiana**, e para as ilhas gregas. Nessas localidades, eles se misturam aos visitantes norte-americanos, japoneses e de várias outras nacionalidades. O número de turistas que entra e sai do continente também é o maior do mundo.

As cidades européias apresentam uma grande variedade de estilos arquitetônicos, museus, jardins, parques, praças e monumentos históricos, que constituem fortes atrativos turísticos.

A intensa atividade desenvolvida em museus, teatros e bibliotecas — *shows*, encenações de peças e óperas, exposições de arte etc. — explicam a importância do turismo cultural de

Riviera italiana

Região turística da costa da Itália voltada para o Mar Tirreno.

Figura 8. Tossa del Mar, na Costa Brava (Espanha). A alternância das estações regula o calendário turístico da Europa: no verão, os balneários mediterrâneos são os lugares mais visitados.

Londres, Paris e Amsterdã. Veneza, na Itália, também se destaca nesse setor, atraindo milhões de turistas anualmente.

Toda essa movimentação altera bastante o cotidiano das cidades, principalmente na primavera e no verão. Em julho, o auge do verão no Hemisfério Norte, o número de turistas aumenta significativamente. Nessa época, muitos moradores abandonam suas casas nas cidades e partem para a praia ou a montanha, estendendo suas férias até setembro, quando voltam às aulas e ao trabalho.

Quatro países europeus dividem o movimento turístico de inverno: a França, a Suíça (fig. 9), a Áustria e a Itália. Todos eles oferecem bem-equipadas estações de esqui em suas vertentes alpinas. O esqui também é praticado nas estações romenas, eslovenas, tchecas e alemãs.

Os maiores fluxos de europeus para fora do continente direcionam-se para os Estados Unidos, seguidos pela África (Marrocos, Tunísia e Egito, além de Senegal, Costa do Marfim e Quênia). Outros fluxos importantes seguem para o Oriente Médio, a Índia e o Sudeste Asiático.

Na América do Sul, os turistas europeus demonstram um forte interesse pelo Peru, devido às ruínas da civilização incaica, como as existentes em Machu Picchu. O Brasil também tem sido um local de muita procura, principalmente em função do carnaval e das praias do Rio de Janeiro e do Nordeste. Para os apreciadores de belezas naturais, o Brasil oferece ainda a Floresta Amazônica, o Pantanal Mato-grossense e a foz do Rio Iguaçu (fig. 10).

Nos Estados Unidos, promove-se uma atividade turística bem diferenciada da européia. Seus parques temáticos, como a Disneylândia, e cassinos, como os de Las Vegas, tornam o país o maior centro do turismo internacional em termos de movimentação de dinheiro.

Os parques temáticos da empresa Disney vendem uma sensação de aventura, que pode ser desfrutada com conforto e segurança. Isso ajuda a entender o sucesso do empreendimento. A Disneyworld, por exemplo, compõe-se de vários parques temáticos, com dezenas de opções de entretenimento. Trata-se de uma gigantesca máquina de

Figura 9. Maratona de esqui em Saint Moritz, nos Alpes suíços. Durante o inverno, os turistas procuram praticar esportes e se divertir no gelo.

Figura 10. As Cataratas do Iguaçu, na fronteira da Argentina com o Brasil, formam uma das mais belas e imponentes paisagens naturais do planeta.

diversão e de fazer dinheiro, onde o visitante pode participar de experiências virtuais, como descer a corredeira de um rio no mundo pré-histórico ou passear por cenários com construções típicas de diversos países (México, Noruega, China, Alemanha, Itália, Japão, Marrocos), repletos de restaurantes e atrações culturais. Para quem aprecia o mar, a Disney oferece passeios de transatlântico até uma ilha particular da empresa nas Bahamas.

Um dos mais recentes empreendimentos da Disneyworld é o Animal Kingdom (Reino Animal), parque que custou um investimento de 800 milhões de dólares e levou oito anos para ficar pronto. Sua produção envolveu o recrutamento de animais silvestres numa quantidade e variedade que foram comparadas pela imprensa norte-americana à “arca de Noé”. Ao todo são cerca de mil animais vivos de duzentas espécies. Os visitantes embarcam num caminhão e passeiam por uma área que reproduz a vegetação da savana africana. É possível ver elefantes e hipopótamos se refrescando na água, leões descansando à sombra e girafas se alimentando com folhas das copas das árvores — e sem correr os riscos de um verdadeiro safári à África!

Mas nem tudo é diversão nos parques da Disney. A morte de alguns animais no transporte ou na adaptação ao novo ambiente motivou protestos de várias entidades ecológicas do mundo.

O turismo interno é muito intenso nos Estados Unidos, sendo os estados da Flórida e da Califórnia os principais centros do turismo balneário. Os parques naturais norte-americanos — como o das Cataratas do Niágara e o do Grand Canyon (fig. 11) — também são muito visitados.

Nova Iorque, com seus museus, bibliotecas e teatros, concorre com as cidades européias em termos de atrativos do turismo cultural.

O Museu de Arte Metropolitano (fig. 12, pág. 116) possui mais de 2 milhões de objetos, expostos numa área de 130 mil metros quadrados de salões, alas e anexos. O acervo permanente apresenta desde peças datadas do sexto milênio a.C. até exemplares da arte contemporânea, passando pelas obras dos mais importantes pintores da história da arte européia. Além disso, abriga mais de 4 mil instrumentos musicais, móveis e peças de vestuário, que

Figura 11. O Grand Canyon, no Arizona (Estados Unidos). Trata-se de uma série de gargantas rochosas esculpidas pela ação do vento e da água, atravessada pelo Rio Colorado.

Figura 12. O Metropolitan, em Nova Iorque, guarda a memória de séculos de história de povos das mais diferentes regiões do planeta. Por isso, é um dos museus mais importantes do mundo.

podem transportar o visitante a diferentes épocas da história. Até mesmo um jardim imperial, nos moldes dos construídos na China antiga, foi reconstituído numa ala dedicada à cultura oriental.

Outro museu que impressiona o turista é o Museu de História Natural, que possui o maior acervo mundial do gênero. As exposições são um *show* de tecnologia, com seqüências dinâmicas de fenômenos da natureza e cenas do passado da Terra. Nesses verdadeiros “espetáculos”, o visitante é convidado a interagir com as informações e imagens. Ninguém ali é um mero espectador. O visitante pode buscar informações adicionais em terminais de computador e participar dos inúmeros cursos e palestras oferecidos todos os dias.

ATIVIDADE 3

CARTÃO-POSTAL

O cartão-postal tornou-se uma marca registrada da atividade turística, pois é um jeito de compartilhar a viagem com parentes e amigos. Reúna com sua turma os cartões-postais que tenham em casa e organize uma exposição. Discuta antes com seus colegas um critério para classificar os vários tipos de cartões-postais encontrados.

O turismo no Brasil

O turismo no Brasil representa uma parcela pequena do fluxo internacional. Em meados da década de 1990, cerca de 1 milhão e 500 mil turistas estrangeiros entravam no país anualmente, o que não ultrapassa 0,5% do movimento internacional. Contudo, a atividade tem potencial para se tornar uma importante fonte de captação de recursos externos. Tendo isso em vista, a Embratur (Empresa Brasileira de Turismo) vem adotando uma política mais agressiva de incentivo ao turismo, incluindo o estímulo a novas modalidades de atividade turística, como o chamado *ecoturismo*. Leia mais sobre o ecoturismo no quadro 2.

Quadro 2

O ECOTURISMO NO BRASIL

O ecoturismo, considerado por muitos especialistas o turismo do futuro, tem sido tema de várias reuniões internacionais. No Congresso Mundial de Ecoturismo realizado em Belize, na América Central, em 1992, ele foi definido como "o turismo dedicado ao desfrute da natureza de forma ativa, com o objetivo de conhecer e interpretar os valores naturais e culturais existentes em estreita integração e interação com as comunidades locais e com o menor impacto sobre os recursos, sob a égide de apoiar os esforços dedicados à preservação e manejo das áreas naturais onde se desenvolve, ou daquelas prioritárias para a manutenção da biodiversidade".

O Brasil possui uma ampla e detalhada legislação de proteção ambiental, além de inúmeras unidades de conservação ambiental sob

proteção da lei. As estações ecológicas, as reservas biológicas e as ecológicas, os parques nacionais, as reservas indígenas e as extrativistas, entre outras unidades de conservação espalhadas pelo território nacional, oferecem muitas alternativas para os turistas. É cada vez maior a oferta de pacotes turísticos que incluem caminhadas em trilhas ecológicas no meio da Mata Atlântica, visitas a mangues, banhos de cachoeira, passeios de barco, excursões em serras de picos rochosos e grutas, observação de pássaros etc. O ecoturismo tem enorme potencial de desenvolvimento no país. (Baseado em A. B. Rodrigues (org.), *Turismo e ambiente*.)

Como resultado dessa política de incentivos, já se observa o crescimento da entrada de turistas vindos dos países do Mercosul, dos Estados Unidos e da Europa. Segundo as previsões da Embratur, o número de turistas estrangeiros dobrará nos próximos anos. Aos poucos, os fluxos em direção ao Rio de Janeiro vão dividindo espaço com outros portões de entrada, como Porto Alegre, Manaus, São Paulo e Salvador.

As iniciativas de implantação de infra-estrutura básica para o turismo (abertura de novas estradas de acesso, melhoria da rede elétrica, implantação de rede de esgoto) e a revitalização de centros históricos em vários núcleos urbanos vêm atraindo a iniciativa privada, que participa com investimentos diretos na expansão da estrutura hoteleira e de serviços.

A região que mais tem se beneficiado com esse tipo de política é o Nordeste, que está se transformando na principal porta de entrada dos visitantes norte-americanos e europeus, e se afirmando como pólo turístico de projeção internacional (fig. 13).

Figura 13. Praia de Ponta Negra, em Natal, Rio Grande do Norte. As praias paradisíacas do Nordeste brasileiro estão na mira dos organismos criados para incrementar o turismo no país.

Impacto socioambiental

Praticamente todos os lugares possuem algum potencial turístico. Mas, para atrair visitantes, é preciso garantir-lhes conforto e segurança, o que exige uma moderna rede hoteleira, boa infraestrutura de transportes e de telecomunicações, além de acesso fácil às informações (guias, mapas e roteiros culturais). É o que vem fazendo o governo cubano, por exemplo. Graças a parcerias com redes hoteleiras espanholas e italianas, e à intensiva divulgação publicitária da beleza natural de suas praias, Cuba obtém, hoje, mais de 500 milhões de dólares com o turismo, sendo seu objetivo atrair 10 milhões de turistas ao ano.

O chamado *turismo de eventos* também tem atraído a atenção de governos e empresários. A realização de eventos esportivos (como os Jogos Olímpicos), festivais de música ou de teatro, feiras e congressos científicos promovem a atividade turística por representarem um forte atrativo para inúmeras pessoas. Veja um exemplo na foto (fig. 14).

São Paulo é o melhor exemplo brasileiro do turismo de eventos, graças à combinação de oportunidades de negócios, opções de compras e lazer sofisticado que oferece a seus visitantes. Veja a foto (fig. 15). Só a Bienal do Livro atrai para a capital paulista cerca de 500 mil turistas. Mais de 40 mil congressos, seminários, feiras e *shows* são realizados anualmente em São Paulo. Calcula-se que isso represente um afluxo de cerca de 10 milhões de turistas, sendo a maioria brasileiros.

Figura 14. Festividades de abertura das Olimpíadas de Barcelona, em 1992. Durante os Jogos Olímpicos, a cidade onde eles se realizam recebe um grande número de turistas, além de delegações esportivas e de jornalistas do mundo inteiro.

Figura 15. XXIII Bienal de Arte Moderna de São Paulo, em 1998. Artistas do mundo inteiro expõem trabalhos artísticos inovadores nessa bienal.

ATIVIDADE 4

TURISMO E PROPAGANDA

Analise a reprodução de uma propaganda do turismo em Cuba, veiculada em maio de 1998.

1. Qual é a mensagem visual que a propaganda procura passar?
2. Que atrativos o texto acrescenta para o turista?

Figura 16

Embora o turismo sempre represente uma boa fonte de recursos, ele pode trazer problemas sociais e ambientais para os países que não possuem infra-estrutura e rede de serviços dimensionadas para receber grandes contingentes de visitantes.

As Bahamas, o Havaí, as Ilhas Canárias, Seychelles e outros chamados *paraísos tropicais*, por exemplo, são lugares que qualquer pessoa sonha conhecer. Eles recebem milhões de turistas a cada ano, o que representa mais de seis vezes a sua população local. Em época de alta temporada, o destino do lixo, a preservação das matas e das fontes de água limpa tornam-se sérios problemas de degradação ambiental. A atividade turística deixa para trás um rastro de latas, garrafas plásticas e outros tipos de lixo não-biodegradável.

A invasão de turistas pode provocar, ainda, choques culturais. Em geral, o visitante traz hábitos culturais diferentes daqueles que predominam na comunidade que o recebe. Nem sempre essas diferenças são tratadas com respeito pelos turistas. Uma criança catando caranguejo na lama do mangue, as casas dos pescadores ao lado das dunas ou mulheres lavando roupa na beira do rio podem virar um espetáculo aos olhos do turista. Os moradores do local perdem sua privacidade e passam a ser observados e fotografados.

Biodegradável

Substância que pode ser decomposta por microrganismos.

Além disso, o poder de compra do turista costuma encarecer a vida nos lugares turísticos. No período da temporada, os preços de alugueis, vestuário e alimentos sobem, e a população local não tem como se abastecer. Tudo vira *souvenir*, ou seja, uma lembrança do lugar, que o turista leva para casa: arcos e flechas dos índios, corais arrancados dos recifes, potes de barro etc. Outro problema refere-se ao “turismo sexual” (leia o quadro 3).

Muitos dos empregos gerados pelo turismo são *sazonais*. Passada a temporada, bares, restaurantes e hotéis ficam vazios e os fregueses desaparecem das lojas. Assim, as oportunidades de trabalho costumam ir embora junto com os turistas.

Quadro 3

OS CORPOS DE NOSSAS MENINAS

A prostituição infanto-juvenil vem sendo tratada como questão ligada ao turismo sexual. Muito se fala do absurdo de homens virem de outros países em busca dos corpos de nossas meninas. A indignação frente aos pacotes que vendem o Brasil como um paraíso sexual, onde todos podem usufruir de corpos morenos ou loiros, na flor da adolescência, motivou a realização da campanha nacional contra a perversa realidade.[...]

A falta de políticas básicas de educação, saúde, capacitação profissional e promoção social agrava a exclusão social de milhares de cri-

anças e adolescentes. Forçados pela necessidade de trabalhar, muitos abandonam a escola. Sem conseguir inserção no mercado de trabalho, encontram na prostituição uma das únicas formas de sobrevivência econômica. [...] A sociedade precisa encarar esse drama, cobrar das autoridades, participar. Precisamos também utilizar e fortalecer os mecanismos de defesa da cidadania de crianças e adolescentes, como os Conselhos de Direito, Conselhos Tutelares e Ministério Público. (Maria Lúcia Prandi, *Folha de S.Paulo*, 2 maio 1997.)

PASSANDO A LIMPO

1. Considerando o capítulo estudado e o gráfico da figura 17, discuta a importância da atividade turística no mundo contemporâneo.

Fonte: Baseado em *Atlante geografico metodico De Agostini 1995-1996*, p. 64.

Figura 17

2. Faça um cartaz que possa ser usado como propaganda turística do Brasil para a população da Europa, dos Estados Unidos e do Japão.

J. WILLIAM VESENTINI - VÂNIA VLACH

José William Vesentini

Doutor em Geografia pela Universidade de São Paulo
Professor e Pesquisador do Departamento de Geografia da FFLCH-USP
Especialista em Geografia Política/Geopolítica e Ensino de Geografia
Ex-professor no ensino fundamental e médio, nas redes particular e oficial de São Paulo

Vânia Vlach

Doutora em Geografia pela Université Paris VIII
Professora do Departamento de Geografia da Universidade Federal de Uberlândia (UFU)
Ex-professora no ensino fundamental e médio, nas redes particular e oficial

GEOGRAFIA CRÍTICA

Volume 2

O ESPAÇO SOCIAL E O ESPAÇO BRASILEIRO

EDIÇÃO REFORMULADA E ATUALIZADA

1ª edição
1ª impressão

ENTREVISTA COM OS AUTORES

Por que Geografia Crítica?

Em primeiro lugar, queremos esclarecer que a palavra *crítica* tem um significado especial para todos aqueles que vêm acompanhando o movimento de renovação da geografia. Não se trata de falar mal de uma forma de ver a geografia, e sim de fazê-la avançar, de desvendar seus pressupostos e fundamentos. Não se trata simplesmente de abandonar uma alternativa em favor de outra completamente diferente, mas de manter e atualizar conceitos clássicos e ao mesmo tempo criar novos conceitos, num momento histórico que exige novas formas de abordagem e compreensão do mundo. Praticamente no mundo inteiro vem ocorrendo uma gradativa substituição da geografia tradicional por uma geografia renovada e crítica.

Considerando essa nova visão, qual o papel da geografia no sistema escolar atual?

A geografia tradicional, pelo menos aquela ensinada nas escolas, é essencialmente descritiva e voltada para a memorização. A geografia crítica não se preocupa em descrever as paisagens, mas sim em compreender as relações sociedade-espço. Tem por objetivo auxiliar na formação de cidadãos conscientes, ativos e dotados de opinião própria. É o ensino da geografia voltado para o desenvolvimento da cidadania.

Assim, o papel da geografia no sistema escolar atual é o de integrar o educando ao meio. Integrar não é acomodar. A integração supõe *reflexão sobre a realidade e aspiração de mudanças*, com o objetivo de alcançar uma situação melhor. O papel da geografia escolar crítica, portanto, é deixar o aluno conhecer o mundo e se colocar diante dele, desde o espaço em que vive até o planeta como um todo.

Como está estruturada a coleção Geografia Crítica?

Essa coleção é composta de quatro volumes, que apresentam uma sequência lógica. No volume 1, o aluno estudará o *espaço natural*, incluindo a cartografia e evidentemente a ação humana. No volume 2, estudará o *espaço social* (levando em conta a natureza) e o espaço brasileiro. Os volumes 3 e 4 fazem o estudo geográfico do mundo atual, ou seja, dos conjuntos de nações.

Vocês poderiam dar mais detalhes sobre a obra?

Na verdade, os dois primeiros volumes estão voltados para os conceitos básicos da geografia, tomando sempre que possível o Brasil como exemplo. Os dois últimos abordam o problema da regionalização atual do globo e, principalmente, fazem uma análise dos grandes conjuntos regionais da superfície terrestre.

No volume 3, discutimos vários critérios ou formas de regionalização do globo e estuda-

Professor Doutor no Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP), José William Vesentini tem vários anos de experiência docente no ensino fundamental e médio, em escolas públicas e particulares.

(E-mail: jwilliam@uol.com.br)

Doutora em Geografia pela Université Paris VIII e professora no Departamento de Geografia do Centro de Ciências Humanas e Artes da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Vânia Vlach tem vários anos de experiência docente no ensino fundamental e médio, em escolas públicas e particulares.

(E-mail: vaniarubia@nanet.com.br)

mos o chamado *Sul*, ou seja, os países menos industrializados, com maiores problemas econômicos e sociais, os países subdesenvolvidos. Partimos do estudo desses países, nesta nova edição, e não mais dos países do Norte, porque o Brasil se situa no Sul, que constitui, portanto, uma realidade mais próxima da realidade do aluno.

No volume 4, analisamos o chamado *Norte*, isto é, o mundo desenvolvido ou industrializado: Europa ocidental, Rússia e os países do Leste europeu, Estados Unidos, Japão, Austrália e Nova Zelândia.

Didaticamente, qual a preocupação que vocês tiveram ao elaborar o conteúdo?

Procuramos elaborar o conteúdo de forma que o aluno participe da construção do saber. Com esse objetivo, propusemos, no final de cada capítulo, e principalmente no Manual do Professor, uma série de sugestões de atividades que objetivam levar o educando a refletir, discutir, estabelecer relações, realizar críticas e comparações. O aluno terá oportunidade de fazer experiências ou pesquisas e, dessa forma, ir *construindo* cada conceito gradativamente.

Sabemos que nem sempre a escola ou o ambiente oferecem condições (vídeos, microcomputadores, globos terrestres, boas bibliotecas, possibilidade de realizar estudos do meio ou excursões, etc.). Mas o professor que conseguir pôr em prática ao menos algumas dessas sugestões irá comprovar que o ensino mudou, que o aluno tornou-se mais ativo e participante. Ele agora pode construir os conceitos, em vez de simplesmente recebê-los prontos.

Com essa forma de ensinar geografia, vocês estão ajudando o aluno a desenvolver seu

espírito crítico. O que isso significa para vocês?

A nosso ver, desenvolver o espírito crítico não significa doutrinar, e sim mostrar alternativas e realidades. Significa orientar o aluno para que ele possa perceber um mundo onde as transformações se sucedem numa velocidade acelerada e possa tomar posição diante dele. Esse foi o nosso objetivo ao elaborar esta coleção. Dessa forma, evitamos sugerir caminhos preestabelecidos ou modelos prontos. Nosso objetivo é levar o aluno a ler, refletir com fundamento e encontrar seu próprio caminho, fazendo suas próprias opções.

Vocês gostariam de acrescentar mais alguma coisa para finalizar?

Em primeiro lugar, gostaríamos de ressaltar que não pretendemos deter nenhum monopólio sobre a geografia crítica. Este já é um nome internacional, com múltiplas tendências. Apenas apresentamos aos colegas de magistério uma *opção* dentro da geografia crítica, uma alternativa de renovação do ensino da geografia.

E, por fim, colocamo-nos mais uma vez à disposição dos colegas professores para quaisquer esclarecimentos ou dúvidas. Aguardamos com interesse as críticas e sugestões de aprimoramento desta obra. Aliás, gostaríamos de registrar aqui que foram principalmente essas críticas e sugestões do professorado, seja por meio de cartas, *e-mails*, perguntas e debates em palestras e cursos que realizamos nos últimos anos, nos diversos recantos do país, que nos auxiliaram na elaboração desta edição renovada. A produção didática é antes de mais nada uma obra coletiva, que se aperfeiçoa constantemente com as experiências e os debates. Esperamos continuar merecendo toda a atenção daqueles que trabalham nas salas de aula.

O turismo

Apesar de existir desde a Antiguidade, o turismo só adquiriu maior importância econômica a partir do século XVIII. Mas até meados do século XX o turismo era uma atividade realizada pelas pessoas mais ricas. Hoje existe um *turismo de massas*, o que significa que milhões de pessoas, inclusive famílias de baixa renda, fazem viagens turísticas a cada ano.

Podemos distinguir dois tipos principais de turismo:

- o *turismo doméstico* ou *nacional*, realizado dentro de um país (pessoas de uma área ou região visitam outras áreas ou regiões);
- e o *turismo internacional*, quando pessoas de um país visitam outros países.

Atualmente, o turismo é uma atividade que movimentava centenas de bilhões de dólares por ano; daí se falar numa indústria do turismo. Para se ter uma idéia do crescimento do turismo nas últimas décadas, basta lembrar que em 1950 somente 25 milhões de pessoas fizeram viagens internacionais e, em 1998, esse número já havia chegado a mais de 450 milhões. O rendimento gerado pelo turismo internacional saltou de 2 bilhões de dólares em 1950 para cerca de 500 bilhões em 1998. Certas localidades, regiões ou mesmo países vivem basicamente do turismo. Em geral elas possuem uma ampla infra-estrutura: aeroportos modernos, hotéis e restaurantes em número e qualidade adequados, serviços de atendimento especial aos turistas, bancos para troca de moeda que funcionam 24 horas por dia, etc.

Alguns países que se destacam no recebimento de turistas (mais de 35 milhões de pessoas por ano) são: Espanha, França, Itália, Grécia, Estados Unidos, Reino Unido, Rússia, Áustria e Suíça. O Brasil ainda tem um setor turístico pouco desenvolvido, recebendo no máximo cerca de 2 milhões de turistas por ano, número bem menor que o México, a Austrália, o Canadá ou a Turquia, por exemplo. Por que será que essa atividade tão importante para a geração de recursos ainda é pouco valorizada em nosso país?

As pessoas fazem turismo por motivos variados:

- como forma de aprendizado (conhecimento sobre outros países ou regiões, aperfeiçoamento de outros idiomas, etc.);
- como lazer ou diversão, indo para locais de belas praias, museus importantes, festas famosas, monumentos históricos, belas paisagens ou reservas de natureza original, etc.;
- para praticar algum esporte, em praias próprias para surfe, em áreas montanhosas com estações de esquiagem, etc.;

- e também a negócios ou por interesses profissionais: participar de reuniões, feiras especiais (agropecuária, de tecnologia, do livro, do automóvel, etc.), encontros ou congressos (de medicina, de educação, de cientistas, etc.); muitas vezes esses profissionais levam a família junto, assim, além de participar das atividades, eles também aproveitam para conhecer o lugar.

Praia em Nice (França), no mar Mediterrâneo. O Mediterrâneo é a região do planeta que mais recebe turistas todos os anos.

Safári em Zimbábue, na África. Os países africanos que ainda possuem grandes reservas de matas com a fauna original (elefantes, leões, rinocerontes, girafas, etc.) procuram hoje em dia preservá-las, evitando a caça indiscriminada, que ocorria muito no passado, e incentivando um turismo voltado mais para a observação e o registro em fotos ou vídeos.

4. Economia de mercado e economia planificada

A sociedade moderna ou industrial — baseada na intensa divisão do trabalho e presente em quase todos os países do mundo — não se desenvolve igualmente em todas as partes. Há nações e regiões mais industrializadas e urbanizadas (normalmente as mais ricas) e outras voltadas para as atividades primárias (geralmente as mais pobres).

Atualmente, são raras as sociedades tradicionais ou pré-industriais. Em todas as partes do mundo — salvo as exceções de grupos isolados que resistem ao avanço da modernização —, a atividade industrial se desenvolve, o comércio local e o internacional se multiplicam, e o campo vai perdendo pessoas para as cidades, que crescem em ritmo acelerado.

Na sociedade industrial, podemos distinguir dois tipos principais de economia: a economia de mercado ou capitalista e a economia planificada ou socialista, que atualmente se encontra em crise. As diferenças entre ambas estão intimamente ligadas ao papel do Estado na sociedade.

A economia de mercado. Nesse tipo de economia, a oferta e a procura de bens e serviços definem as decisões econômicas. Por exemplo: em época de escassez de leite, a oferta desse produto é menor que a procura pelos consumidores, então, o preço do leite sobe; quando há oferta de leite em excesso, o preço tende a cair.

O mercado, portanto, consiste na oferta (produção) e procura (consumo) de bens e serviços. A *lei da oferta e da procura*, que é a lei básica do mercado, é a seguinte: quando há desequilíbrio entre oferta e procura, os preços sobem (no caso de maior procura) ou caem (no caso de maior oferta), numa busca espontânea do equilíbrio, da situação ideal (isto é, igualdade entre oferta e procura).

Quando um produto é muito procurado (brinquedos na época do Natal, por exemplo), as empresas produzem mais, para obter grandes lucros. Quando, ao contrário, um produto não é aceito (ventilador numa região muito fria, por exemplo), as empresas deixam de fabricá-lo. Assim, é o próprio mercado que indica os produtos que devem ser fabricados, a quantidade e o preço.

Nessa economia a maior parte das empresas — bancos, indústrias, fazendas, etc. — é propriedade privada, isto é, pertence a particulares e não ao Estado. A propriedade privada — condição essencial para a existência da economia de mercado — determina um Estado menos poderoso, com um pequeno número de empresas públicas ou estatais.

Aspecto da Bolsa de Valores de Nova York, nos Estados Unidos, uma das mais importantes em todo o mundo. A bolsa de valores, local onde se compram e vendem ações das empresas, é considerada um símbolo do capitalismo e da economia de mercado.

Bolsa de Valores em Xangai, na China. Com a introdução do socialismo no país, essa instituição foi fechada em 1949, pois uma economia socialista ou planificada, com empresas estatizadas, não necessita de compra e venda de ações. Foi reaberta no final dos anos 80 em virtude das mudanças na economia chinesa: diminuição da planificação e introdução de mecanismos de mercado, como a privatização de empresas e outros.

A economia planificada. Nesse tipo de economia, as decisões econômicas são determinadas por um *plano*, e não pelo mercado. As atividades econômicas são planejadas pelo Estado, isto é, por autoridades e técnicos que trabalham em setores estatais. Desse trabalho resulta um plano, traçado para determinado período, que é geralmente de cinco anos (plano quinquenal).

Para que a economia seja planificada, é necessário que a maioria das empresas pertençam ao